



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JOSÉ DE ANDRADE ROCHA

**SERAFIM NESTOR DA ROCHA, “SEU YOYÔ” – DE UMBUZEIRO À
CAJAZEIRAS – A TRAJETÓRIA POLÍTICA, ECONÔMICA E SOCIAL
DE UM HUMANISTA, VISIONÁRIO E EMPREENDEDOR**

**Guarabira, PB
Dezembro 2011**

JOSÉ DE ANDRADE ROCHA

**SERAFIM NESTOR DA ROCHA, “SEU YOYÔ” – DE UMBUZEIRO À
CAJAZEIRAS – A TRAJETÓRIA POLÍTICA, ECONÔMICA E SOCIAL
DE UM HUMANISTA, VISIONÁRIO E EMPREENDEDOR**

Trabalho de conclusão do Curso (TCC),
apresentado à Coordenação do Curso de
História da Universidade Estadual da
Paraíba/UEPB, Campus de Guarabira,
como requisito parcial do título de
Licenciado em História.

Orientador: Prof. Josemar Vieira

**Guarabira, PB
Dezembro 2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

R214s Rocha, José de Andrade

Serafim Nestor da Rocha, "seu Yoyô" – de Umbuzeiro à
Cajazeiras – a trajetória política, econômica e social de um
humanista, visionário e empreendedor / José de Andrade
Rocha. – Guarabira: UEPB, 2015.

124 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação: Prof. Josemar Vieira.

1. Serafim Nestor da Rocha. 2. Biografia. 3. História
da Paraíba. I. Título.

22.ed. CDD 981.33

JOSÉ DE ANDRADE ROCHA

SERAFIM NESTOR DA ROCHA, “SEU YOYÔ” – DE UMBUZEIRO À
CAJAZEIRAS – A TRAJETÓRIA POLÍTICA, ECONÔMICA E SOCIAL
DE UM HUMANISTA, VISIONÁRIO E EMPREENDEDOR

BANCA EXAMINADORA

Aprovada em / /


Prof.º Esp. Josengir Vieira
Orientador


Prof.º Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Examinadora


Prof.º Esp. Maria Elvira Lisboa Ribeiro
Examinadora

À memória do meu bisavô, Olinto Ferreira de Andrade, Professor e Mestre, educador na região do Alto Piranhas;

À minha avó materna, Mãe Joaquina, dona de casa e parteira, sábia em sua simplicidade, que, com suas mãos e orações auxiliou a vir ao mundo muitas vidas preciosas;

À minha avó paterna, Mãe Nenê, uma inteligência fora do comum; através do seu saber e de suas histórias colhi várias informações sobre a origem e trajetória de nossa família. **Dedico.**

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria José Andrade da Rocha, uma das pessoas mais importantes da minha vida, Mulher de fibra, obstinada, que, desde o começo de sua alfabetização andava vários quilômetros, seja a pé ou a cavalo, fosse debaixo de chuva ou de sol nunca fraquejou, buscando trilhar os caminhos do saber. Para você, mamãe, nunca existiu obstáculos. Mesmo depois de casada, com sete filhos para educar, voltou a frequentar as salas de aula, sendo colega de classe da sua própria filha, Maria do Socorro, aprendendo as mesmas lições, sendo modelo e exemplo para os mais jovens. Você sempre esteve ao meu lado nas horas mais difíceis. Tendo uma mãe como a senhora ao lado, é difícil desistir dos seus ideais. Muito obrigado por ser o alicerce no qual se assenta o meu existir;

Aos meus filhos, Gabriel, Pedro e Andreza, a continuação da história e ensinamentos dos nossos ancestrais, na esperança de que esses conhecimentos sejam transmitidos de geração a geração. Vocês têm a responsabilidade de representar os Rochas, os Lyras, os Pimentéis, os Ferreiras, os Sousas, os Andrades, conjunto de sua herança paterna com independência, sabedoria e discernimento;

À minha mulher e companheira Maria Nestorina Abrantes, que dividiu comigo as horas difíceis e felizes. Obrigado pelo amor, paciência e dedicação.

Aos meus irmãos, Carlos, Edgley, Humberto, Alberto, Socorro e Aurélio, todos importantes e imprescindíveis na minha vida. Representam para mim: a bola, a bicicleta, revistas, cinema, livros, música, serão eternamente os “Filhos de Yoyô”, especialmente o meu irmão mais velho, Filemon Lustosa Cabral (Rocha), fruto da primeira união do meu pai, por compartilhar as suas mais caras lembranças, incluindo as vitórias e derrotas do seu convívio com nosso pai. As minhas meio-irmãs Gersina, pela preocupação com a nossa educação e Camerina, pelo amor dedicado ao nosso pai.

Aos amigos de infância, que são muitos: Marcílio Ferreira, Eufrázio Pedro, Teotônio Cartaxo, Tundá Lira, João do Ó, Marcelo Mathias, Ronaldo Leite, Tim Cartaxo, Juquinha, Cleidson Lira (*in memoriam*), Clóvis Abrantes, Demir de Dorcival, a Edmilson Firmino (Nêgo Son), o garoto pobre e feirante, que se bacharelou em Ciências Jurídicas, Procurador Federal, eternamente meu grande amigo (*in memoriam*). Aos amigos não citados, mas sempre lembrados, o meu fraterno abraço.

Aos meus colegas de trajetória, dos diversos cursos da UEPb em Guarabira/Pb, que serão sempre lembrados pela luta, alegrias e sofrimentos compartilhados nos percursos trilhados em uma van, arriscando a vida ao longo dos cinco anos de duração do nosso curso, ressaltando a figura dos motoristas Chagas e Murilo, profissionais responsáveis: Kátia Leal, Fábio Silva, Anderson Ramos, Natália, Ranieri, Simone, Adailson, Emanuel, Ivanildo (*in memoriam*).

Aos colegas de sala de aula, destacando Mário Balbino, Germano, Belmont, Paulo, Luiz Avelino, Paulo, de Jacaraú.

Aos professores Luiz Célio, além de professor, uma pessoa fora de série, um amigo; Josemar Vieira, meu Orientador, exemplo de dedicação, um grande coração; professor Francisco Fagundes, fonte do saber e sensibilidade; Mônica e Mariângela, educadoras comprometidas com o ensino e desenvolvimento do alunato; Rusto, pela sua postura e responsabilidade perante os docentes, gratos a todos pelos ensinamentos. E a minha primeira professora do Grupo Escolar Dom Moisés Coelho Dona Nenêca.

RESUMO

O trabalho monográfico sobre o Sr. Serafim Nestor da Rocha, visa esclarecer a sua história e trajetória política econômica e social e ideológica em várias faces de sua vida, começando na sua cidade Umbuzeiro-PB. Onde trabalhou no comércio do seu pai Manoel Ferreira da Rocha, do seu avô Antônio Joaquim de Sousa Lyra negociantes no ramo de secos e molhados, padaria e lojas de tecidos. Portanto a convivência do jovem (adolescente) Serafim Nestor da Rocha com os políticos e pessoas importantes de Umbuzeiro, era um processo natural devido às circunstâncias desta cidade no contexto histórico e de grandes vultos políticos e intelectuais antes e depois (1930) e berço das famílias Bandeira de Melo, Pessoa de Albuquerque e os Lyra Tavares. Destacando-se: Presidente Eptácio Lindolfo da Silva Pessoa, Presidente João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, Presidente João Suassuna (1924-1928, juiz municipal em Umbuzeiro), Coronel Antonio da Silva Pessoa que governou entre 1915 a 1916, Francisco Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (1892/1968, empresário, Senador e Embaixador em Londres), o seu Pai o Juiz Francisco Chateaubriand Bandeira de Melo, Francisco Pessoa de Queiroz Empresário Embaixador. Serafim Nestor da Rocha em 1915 com 18 anos se estabeleceu em Campina Grande onde foi trabalhar no comércio de couro e algodão na Empresa Rossbach Brazil Company de origem americana, tendo ali iniciado a sua formação ideológica e devido a ligação política e comercial do seu cunhado e patrão José Guedes Pinheiro muito ligado a família do político Cristiano Lauritzen. Devido os contatos e as viagens (a trabalho) pelo Cariris e Sertões negociando com couro e algodão tendo contato e convivência com vários proprietários de terra e políticos a onde se ouvia e discutia os problemas envolvendo-se cada vez mais com a política regional. Em 1926 se estabelece com comércio em Patos onde vem constituir matrimônio com Francisca Lustosa Cabral, família envolvida na política e na sociedade local com o poder político controlado pelo Coronel Miguel Sátyro. Em 1930 com o assassinato de João Pessoa seu conterrâneo e sua aproximação com o Promotor Plínio Lemos sobrinho do Secretário Dr. José Américo de Almeida e Adegilson Olinto de Melo ligado a José Américo de Almeida ao Major João Costa comandante do Quartel Polícia de Patos e Dr. Salviano Leite Rolim político influente da Região de Piancó. Com a vitória da Aliança Liberal na Revolução de 30 assume a chefia dos Correios e Telégrafos em Piancó na administração de Salviano Leite de 1930 a 1934 com harmonia e prosperidade. Em 1935 assume a chefia dos Correios Telégrafos em São José dos Cordeiros a pedido de Adalgilson Olinto de Melo (na época prefeito de Patos) e do interventor Gratuliano Brito ambos naturais desta cidade. São José dos Cordeiros na ocasião existia uma rixa política com as famílias Galdêncio e Brito reflexo da Revolução de 30, Serafim Rocha entrou em atrito com o Coronel Nestor Lima correligionário dos Britos pertencente ao seu partido ligado a Revolução de 30 quando solicitou a Serafim Rocha que violassem as correspondências dos Galdêncios, Serafim não aceitou e foi ameaçado de morte por Nestor Lima, a partir deste ato violento se tornaram inimigos com agravamento da situação em decorrência das desavenças entre estas duas famílias houve um tiroteio com várias mortes obrigando Serafim Rocha com a ajuda de Salviano Leite a se mudar para Cajazeiras onde teria a segurança e apoio do Prefeito Joaquim Matos Gonçalves Rolim (tio de Salviano) e do Padre Fernando Gomes Lustosa (primo da sua esposa) residente em Cajazeiras. Com tranquilidade e o apoio da Igreja tendo como canal Monsenhor Abdon Pereira. Serafim Rocha encontrou um ambiente propício para empreender e prosperar trabalhava nos Correios dirigia uma empreiteira (prestava obras Prefeitura) com os lucros fundou o Barrio da Camilo de Holanda, construiu 32 casas doou o terreno para construção de um colégio e ajudou na construção da Igreja São João Bosco e como reconhecimento foi homenageado cidadão cajazeirense.

Palavras-chave: Transformação social. Econômica. Política de um empreendedor.

ABSTRACT

The monographic work on Mr. Serafim Nestor da Rocha, aims to clarify the history and economic policy trajectory and social and ideological in various sides of his life, starting in your town Umbuzeiro-PB. Where he worked on the trade of his father Manoel Ferreira da Rocha, his grandfather Antonio Joaquim de Sousa Lyra dealers in dry and wet, bakery and shops. Therefore the coexistence of the young (adolescent) Serafim Nestor da Rocha with politicians and important people of Umbuzeiro, was a natural process due to circumstances of this city in historical context and major political figures and intellectuals before and after (1930) and cradle of the families de Melo, Flag Person of Albuquerque and the Lyra Tavares. Standing out: President Eptácio Lindolfo da Silva Pessoa, President João Pessoa Cavalcânti de Albuquerque, President João Suassuna (1924-1928, municipal judge in Umbuzeiro), Colonel Antonio da Silva Pessoa who ruled between 1915 to 1916, Francisco Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (1892/1968, businessman, Senator and Ambassador to London), his father the Judge Francisco Chateaubriand Bandeira de Melo, Francisco Queiroz Businessman person Ambassador. Serafim Nestor da Rocha in 1915 with 18 years settled in Campina Grande where he went to work in the trade in leather and cotton Company Rossbach Brazil Company of American origin, having commenced their ideological training there and due to political and commercial connection of his brother-in-law and boss Jose Guedes Pinheiro very attached to family of Cristiano Lauritzen. Because the contacts and travel (for work) at Cariris and Hinterlands negotiating with leather and cotton having contact and coexistence with several landowners and politicians where one heard and discussed the problems involved more and more with regional policy. Em 1926 settles with trade in Ducks where comes constitute marriage with Frances Lustosa Cabral family involved in politics and in local society with political power controlled by Colonel Miguel Sátyro. In 1930 with the murder of João Pessoa, his countryman and his approach with the Prosecutor Read the Secretary's nephew Pliny Dr. José Américo de Almeida and Adegilson Olinto de Melo called the José Américo de Almeida to Major John police headquarters Commander Coast Patos and Dr. Salviano Leite Rolim influential political Region of Brazil. With the victory of the Liberal Alliance in the revolution of 30 assumes the leadership of posts and Telegraphs in Brazil in 1930 to 1934 Salviano Leite with harmony and prosperity. In 1935 assumes the leadership of post telegraph office in São José dos Cordeiros at the request of Adalgilson Olinto de Melo (then Mayor of Patos) and the intervenor Gratuliano Bashir both natural in this town. São José dos Cordeiros on occasion there was a political feud with the families Galdêncio and Basha reflection of 30 revolution, Seraphim Rock came into friction with the Colonel Nestor Lima co-religionist of Britos belonging to his party called the revolution of 30 when requested the Seraphim rock that's breach of Galdêncios correspondences, Seraphim did not accept and was threatened with death by Nestor Lima from this violent act became enemies with worsening situation due to the disagreements between these two families there was a shootout with many deaths forcing Serafim Rocha with the help of Salviano Leite to move to Brazil where the safety and support of Mayor Joaquim Matos Gonçalves Rolim (Salviano uncle) and FR. Fernando Gomes Lustosa (cousin of his wife) resident in Brazil. With tranquility and the support of the Church with Monsignor Abdon Pereira. Serafim Rocha found environment to embark on and thrive working in post office ran a general contractor (paid works Prefecture) with the profits he founded the Barrio of Camilo de Holanda, built 32 homes donated the land for the construction of a school and helped in the construction of the Church St. John Bosco and recognition was honored cajazeirense citizen.

Keywords: Social transformation. Coach. Politics of an entrepreneur.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1: Manoel Ferreira da Rocha e Maria Nazarena Pimentel de Lyra.....	16
Foto 2: Presidente Venâncio Neiva – Acervo do livro de José Joffily “Entre a Monarquia e a República”.....	17
Foto 3: Feira do algodão (foto do blogspot cgretalhos).....	18
Foto 4: Armazém da Companhia Rossbach do Brazil em Campina Grande.....	19
Foto 5: Cristiano Lauritzen e família.....	21
Foto 6: Senador Pinheiro Machado, Presidente do Senado, o político mais influente e poderoso da República Velha, falecido em 8.09.1915.....	23
Foto 7: Promotor Público Plínio Lemos.....	25
Foto 8: Serafim Rocha em 1930, tendo sua primeira esposa, Francisca Lustosa Cabral ao lado, quando ambos participavam da vida social em Patos-PB, Na época, ele participava da Revolução de 30.....	26
Foto 9: Coronel Miguel Sátyro.....	31
Foto 10: Sua Excelência, o Senhor Presidente da República com os Exmos. Srs. Ministros de Estado, Prefeito do Distrito Federal e Chefe de Polícia.....	32
Foto 11: Obra do Porto Sanhauá – João Pessoa-Pb.....	33
Foto 12: Passagem de Epitácio Pessoa pelo porto do Recife, a bordo do “Almazorra”, junho 1936. O ex-presidente está entre a sua esposa, Dona Mary Saião Pessoa e Raul de Góis. Além de familiares, vê-se o escrito Adhemar Vidal.....	34
Foto 13: Salviano Leite Rolim quando era Prefeito de Piancó-Pb.....	37
Foto 14: Campanha em que Serafim Nestor da Rocha apoiou Rui Carneiro para o Senado e Salviano Leite Rolim, para o seu suplente, no ano de 1960.....	40
Foto 15: Adelgício Olinto de Mello, prefeito de Patos, corregilionario e amigo, na campanha de 1930, de Serafim Rocha.....	42
Foto 16: Encontro de políticos paraibanos no Hotel Central, João Pessoa, 1915.....	43
Foto 17: Interventor e Deputado Tertuliano da Costa Brito e Governador Gratuliano de Brito.....	44

Foto 18: Dr. Argemiro Figueiredo – Interventor da Paraíba.....	45
Foto 19: Estação Ferroviária de Cajazeiras.....	50
Foto 20: Edifício OK.....	51
Foto 21: Primeiro prédio dos Correios, em Cajazeiras, PB, onde Serafim Nestor da Rocha inicialmente trabalhou.....	52
Foto 22: Usina Santa Cecília, pertencente ao Coronel Joaquim Matos.....	54
Foto 23: Colégio N. S. Lourdes, antigo Colégio Padre Rolim, fundado em 1843, em torno do qual se desenvolveu a cidade de Cajazeiras.....	55
Fotos 24: Dom Moisés Coelho, primeiro Bispo de Cajazeiras e à sua direita, Dom João da Mata do Amaral, segundo Bispo daquela cidade..	56
Foto 25: O novo Colégio Diocesano Padre Rolim.....	57
Foto 26: Prédio da Ação Católica onde foi instalada a FAFIC, gestão D. Zacarias Rolim de Moura.....	58
Foto 27: Prédio da Diocese onde funcionou o Cine Pax.....	59
Foto 28: Igreja São João Bosco, com a Praça Camilo de Holanda contendo o busto de Serafim Nestor da Rocha.....	60
Foto 29: O padre Fernando Gomes Lustosa, quando foi ordenado bispo.....	61
Foto 30: Políticos de evidência na Paraíba, entre 1915 e 1920.....	66
Foto 31: Calçamento da Av. Coronel Juvêncio Carneiro (antiga Rua Vidal de Negreiros), feito por Serafim Nestor da Rocha em 1942.....	72
Foto 32: O Senador Epitacinho, o primeiro ao lado direito do Presidente Getúlio Vargas, em Campina Grande, na campanha para presidente, em 1950.....	79
Foto 33: Deputado Barreto Sobrinho.....	80
Foto 34: Praça Camilo de Holanda, antiga Rodagem - Onde tudo começou a partir de 1936 – mercearia, restaurante, sistema de alto falantes.....	82
Foto 35: O casal Serafim e Maria José da Rocha, após o seu casamento em 1950.....	83
Foto 36: Estação Rodoviária de Cajazeiras.....	87
Foto 37: Padre Vicente, abençoando moderníssima moto-niveladora adquirida no primeiro mandato de Chico Rolim.....	88

Foto 38: Colégio Estadual de Cajazeiras Professor Crispim Coelho, obra da gestão do Prefeito Francisco Rolim, anos 60.....	89
Foto 39: Missa campal diante da Igreja N. S. Fátima, onde aconteceu o incidente sobre o “pau-de-sebo”.....	91
Foto 40: Padre Walter, Mundinha e Serafim Rocha, em evento natalício.....	93
Foto 41: Modelo de ônibus que Serafim possuía.....	94
Foto 42: Serafim Nestor da Rocha aos 66 anos de idade, agradecendo o título de Cidadão Cajazeirense, com que foi agraciado pela Câmara dos Vereadores de Cajazeiras, em fevereiro de 1963.....	95
Foto 43: Dr. Otacílio Jurema em reunião partidária, estando Raimundo Ferreira - sentado, vestido de branco, na segunda filha.....	97
Foto 44: Campanha para governador em 1965, Raimundo Ferreira apoiando João Agripino.....	98
Foto 45: Francisco Rolim, Seu Nô, Batista, Antonio Quirino, Edme Tavares e Dr. Souza, Sentados. Em pé, Antonio Dias. Grupo da ARENA, apoiado por Serafim Rocha, a partir de 1969.....	100
Foto 46: Campanha política, em Cajazeiras, mostrando Bosco Barreto (de chapéu), ao seu lado direito, Acácio Rolim e Humberto Lucena, Discursando.....	101
Foto 47: Propaganda de Acácio Braga e João Bosco Barreto.....	103
Foto 48: Serafim pagando uma promessa em Juazeiro do Norte-CE.....	105
Foto 49: Bosco Barreto com eleitores e staff político.....	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I: TRANSFORMAÇÃO EM REVOLUCIONÁRIO DE 1930.....	15
CAPÍTULO II: CAMPINA GRANDE-PARAIBA SERAFIM ROCHA, SEU ENVOLVIMENTO COMERCIAL E POLÍTICO ENTRE 1915 a 1925.....	18
CAPÍTULO III: QUESTÃO IDEOLÓGICA EM PATOS – 1925 a 1930.....	24
CAPÍTULO IV: PATOS-PB - DESENVOLVIMENTO E TRANSFORMAÇÃO NO GOVERNO DE EPITÁCIO PESSOA.....	30
CAPÍTULO V: PIANCÓ – LAÇOS DE AMIZADE E AFINIDADES IDEOLÓGICAS.....	36
CAPÍTULO VI: SÃO JOSÉ DOS CORDEIROS – 1934/1935 IDEOLOGIA E CONFLITO.....	41
CAPÍTULO VII: CAJAZEIRAS-PB, 1936/1980: UMA NOVA VIDA DE ESPERANÇAS E REALIZAÇÕES NOS MEIOS SOCIAIS, POLÍTICO E ECONÔMICO.....	49
CAPÍTULO VIII: A IMPORTANCIA ECONOMICA E EDUCACIONAL DA DIOCESE EM CAJAZEIRAS.....	55
CAPÍTULO IX: TRAJETÓRIA POLÍTICA DE SERAFIM NESTOR DA ROCHA EM CAJAZEIRAS – DE 1936 a 1978.....	63
CAPÍTULO X: A ESTRUTURA POLÍTICA EM CAJAZEIRAS EM 1936.....	69

CAPÍTULO XI: CORONEL JUVÊNCIO CARNEIRO – GESTÃO HUMANISTA E DESENVOLVIMENTISTA.....	72
CAPÍTULO XII: ESCASSEZ IDEOLÓGICA E BRIGAS PAROQUIAIS NO GOVERNO JUVÊNCIO CARNEIRO E ORGANIZAÇÕES ADMINISTRATIVAS DE CURTA DURAÇÃO NOS GOVERNOS POSTERIORES.....	74
CAPÍTULO XIII: 1947 – 1949 – APERTO FINANCEIRO, TRAGÉDIA E RECUPERAÇÃO DO PATRIMÔNIO.....	76
CAPÍTULO XV: BAIRRO CAMILO DE HOLANDA EM 1960, PLENITUDE E REALIZAÇÕES DE SERAFIM NESTOR DA ROCHA –“SEU YOYÔ DA CAMILO DE HOLANDA”.....	90
CAPÍTULO XVI: CAMPANHA PARA PREFEITO, EM CAJAZEIRAS, EM 1969 – RAIMUNDO FERREIRA (MDB) versus EPITÁCIO LEITE ROLIM (ARENA).....	97
CAPÍTULO XVII: CAMPANHA PARA PREFEITO EM CAJAZEIRAS EM 1972. O APOGEU DA POLÍTICA POPULISTA, DEMAGÓGICA E MESSIÂNICA, REPRESENTADA POR BOSCO BARRETO, UM LOBO VESTIDO DE CORDEIRO.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS.....	110
ANEXOS.....	113

INTRODUÇÃO

O forjamento (econômico, político, ideológico), de Serafim Nestor da Rocha começou muito cedo, a partir dos 10 anos de idade, nos balcões de padaria e loja de tecidos de seu avô materno, Antonio Joaquim de Sousa Lyra, casado com Feliciano Pimentel de Sousa Lyra, ele, descendente de português, radicado e estabelecido em Umbuzeiro/PB, como comerciante e médio proprietário rural, como também no balcão do comércio de secos e molhados de seu pai Manoel Ferreira da Rocha, pernambucano da cidade de Goiana, casado com Maria Nazarena Pimentel Lyra, também estabelecido na cidade de Umbuzeiro, alto cariri paraibano, fronteira com o Estado de Pernambuco.

Toda a sua formação econômica e ideológica não poderia ser diferente de seus ancestrais, conservadora, porém inconformados com o modelo político-econômico centralizado no sudeste do país e o descaso com o norte e os sertões nordestinos.

O contexto social, político e ideológico no começo do século vinte com o advento da proclamação da república e depois com a ruptura, levaram à formação do movimento da aliança liberal até a Revolução de 30, reflexo da quebra do pacto oligárquico que sustentava o bloco dominante de base agro-exportadora, acelerando o processo de industrialização.

Esse descontentamento já vinha acontecendo desde a primeira República, sintomaticamente com o movimento tenentista, as greves, a Semana de Arte Moderna, a fundação do PCB, tudo isso já vinha abalando o Estado oligárquico.

Urge um processo de reestruturação política voltado para a formação do poder do Estado central, ainda, para a nacionalização da política, objetivando o esvaziamento do regionalismo e a desarticulação dos instrumentos de sustentação do poder oligárquico, onde a dimensão regional e a dimensão de classes revelam suas interligações. Serafim veio se inserir neste contexto econômico-social de transformação, começando em 1915, com a ascensão do epitacismo, na sua cidade Umbuzeiro, estendendo-se, com a sua mudança, para Campina Grande, cidade de maior desenvolvimento, na sua época, onde existia a força econômica e política. Serafim teve oportunidade de conhecer e conviver com grandes figuras de destaque da vida econômica e política da Paraíba, sendo co-participante, devido a

circunstância, do grau de parentesco com as figuras envolvidas e cidade em que nasceu, Umbuzeiro, terra de Epitácio Pessoa, João Pessoa e Francisco Chateaubriand Bandeira de Melo, protagonistas e coadjuvantes da Revolução de 1930.

Vários fatos históricos como a eleição de 1915 onde foi decidida a hegemonia entre Epitácio Pessoa e o Monsenhor Walfredo Leal no regime republicano e nas viagens, como tropeiro e representante comercial da Rossback, onde presenciou fatos históricos e conviveu com a aristocracia do campo e coronéis, e por dever de ofício, teve que se estabelecer em Patos/Pb, em 1926, quatro anos depois, onde foi estabelecida toda a logística de 1930 motivando Serafim a se envolver nas questões políticas e a proximidade com as pessoas que exerciam liderança naquela comunidade tanto a nível local como nacional. Posteriormente na luta para a consolidação dos ideais da revolução de 30, em Cajazeiras.

CAPÍTULO I: TRANSFORMAÇÃO EM REVOLUCIONÁRIO DE 1930

O descontentamento de Serafim Nestor da Rocha o levou a se tornar um revolucionário em 1930, tal sentimento foi reforçado a partir da decadência financeira dos seus bisavô e avô, médios proprietários de terras para a prática de agricultura e posse de engenhos. O seu avô materno Antonio Joaquim de Sousa Lyra, esse radicado em Umbuzeiro na região serrana do alto cariri paraibano plantava algodão em suas terras.

Entendemos que dois fatos foram determinantes e desencadearam segundo nossas pesquisas a decadência de seus avós e bisavós: a seca de 1887 e a abolição da escravatura em 1888, o que levou o seu avô Antonio Joaquim de Sousa Lyra a apoiar o Partido Republicano do Marechal Floriano Peixoto, embora, a falência só não se confirmou porque também possuía um pequeno comércio constituído de uma padaria e uma loja de tecidos.

Serafim Rocha dizia ter crescido ouvindo do seu pai como era difícil sobreviver à política do poder central cujas decisões favoreciam o sul e o sudeste, principalmente a cidade de São Paulo, maior beneficiada com investimentos em infra-estrutura como estradas, portos, linhas ferroviárias e principalmente a cultura do café. O norte e nordeste do Brasil eram esquecidos pelo poder central.

Com a queda da monarquia e o advento da República Velha as práticas políticas dos governadores que se seguiram apoiadas pelos coronéis da época não conseguiam satisfazer outras classes que almejavam espaço como a classe média, por exemplo, que compreendia a nova burguesia industrial, tenentes ansiosos por espaço político e outros políticos sem espaço de poder como os mineiros Antônio Carlos Andrada, Olegário Maciel, Gustavo Capanema, Afonso Arinos, Afrânio de Melo Franco, Francisco Campos, e os gaúchos Oswaldo Aranha, Lindolfo Collor, Flores da Cunha.

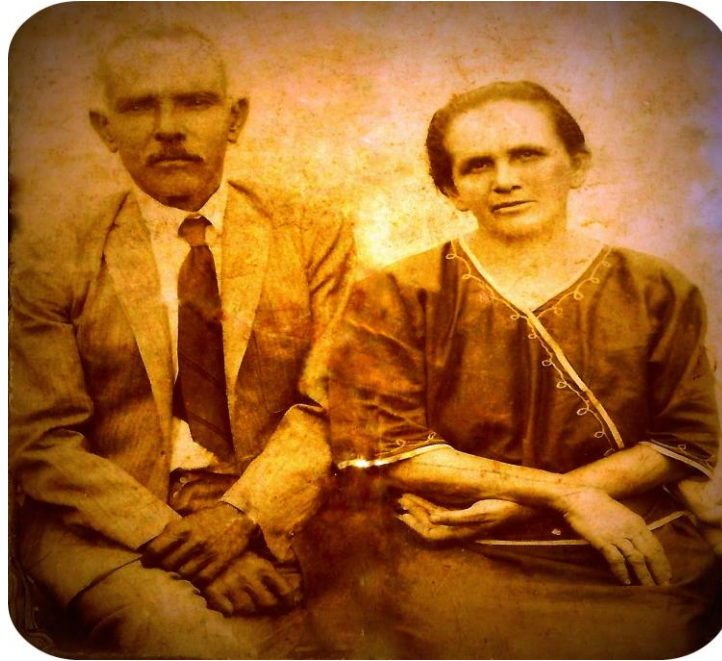


Foto 1: Manoel Ferreira da Rocha e Maria Nazarena Pimentel de Lyra
Fonte: Acervo da família.

Seu avô Antonio Joaquim de Sousa Lyra e seu pai Manoel Ferreira da Rocha tinham idéias positivistas. Admiravam Júlio de Castilho e Borges de Medeiros, chefes políticos e líderes gaúchos, que tinham como liderados Getúlio Vargas, Flores da Cunha, e na Paraíba, o Presidente Venâncio Neiva, que publicava artigos positivistas no jornal Estado da Parayba, como consta no livro “Entre a Monarquia e a República” do escritor José Jofilly:

Venâncio de Figueiredo Neiva se converteria em entusiástico discípulo de Augusto Comte quatro anos depois da República. A partir de 1893 publicou uma série de artigos positivistas no Estado da Parayba (JOFILLY, 1982, p.103).

Portanto, Serafim Rocha foi forjado politicamente com a base positivista da época, o que o levou a ser um adolescente disciplinado com seus compromissos desde muito jovem.

Em 1915 ele, assim como seu avô e seu pai já faziam parte da corrente republicana que tinham atividades em clubes e realizavam reuniões em Umbuzeiro, apoiando o grupo liderado por Epiácio Pessoa contra o grupo liderado pelo Monsenhor Walfredo Leal.

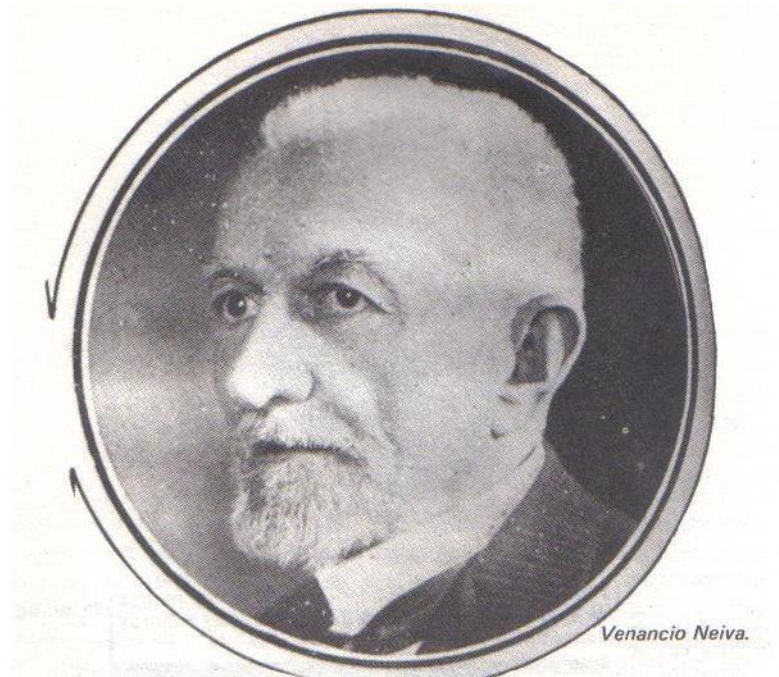


Foto 2: Presidente Venâncio Neiva – Acervo do livro de José Joffily “Entre a Monarquia e a República”
Fonte: Acervo da família.

CAPÍTULO II: CAMPINA GRANDE-PARAIBA SERAFIM ROCHA, SEU ENVOLVIMENTO COMERCIAL E POLÍTICO ENTRE 1915 a 1925

A ligação de SERAFIM NESTOR DA ROCHA com a cidade de Campina Grande começou antes do mesmo completar 18 anos de idade, quando acompanhava seu pai Manoel Ferreira da Rocha nas atividades comerciais. Ambos se deslocavam em burros transportando algodão para firmas algodoeiras como: José Simões & Filhos, Vieira Filho e Cia., e a firma dos Irmãos Lauritzen para logo em seguinte retornarem com produtos para abastecer o seu comércio de secos e molhados, bem como os de outros comerciantes de Umbuzeiro.

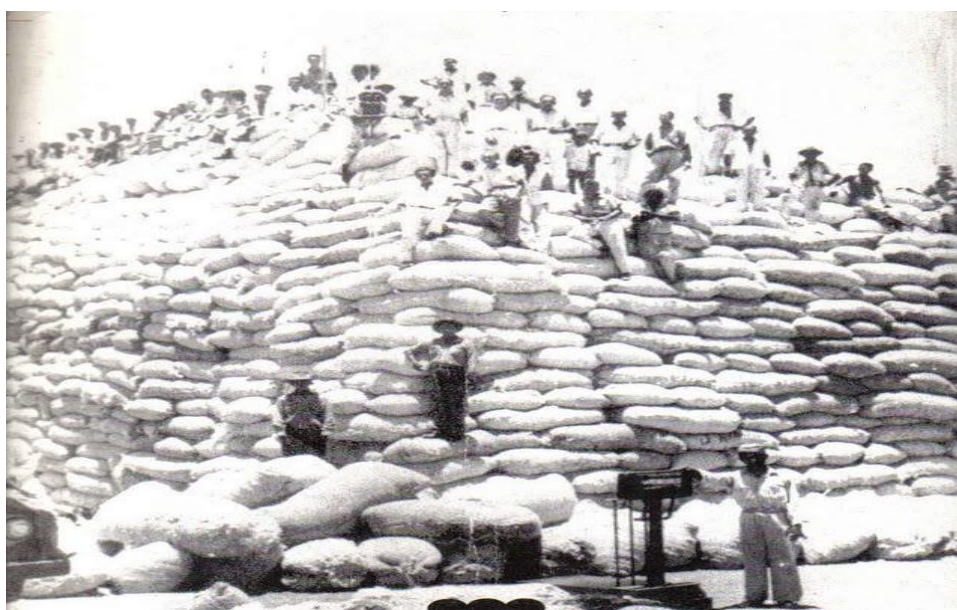


Foto 3: Feira do algodão (foto do blogspot cgretalhos)
Fonte: Acervo da família.

Com o desenvolvimento de Campina Grande nos setores comercial e educacional, Manoel Ferreira da Rocha sentiu a necessidade de colocar suas filhas Gersina e Adelaide para estudar naquele centro, o que não ocorreu com o filho Serafim, obrigado a servir de companhia, já que não tinha pendores para estudos mais aprofundados, tendo feito somente o ensino fundamental.

Serafim aos 18 anos de idade já se relacionava com os comerciantes da principal Rua Marquês do Herval onde conheceu o seu patrão e futuro cunhado José

Guedes Pinheiro, de família tradicional de Campina Grande, que tinha negócios com compra e vendas de peles e couros.

No ano de 1915 José Guedes Pinheiro foi nomeado diretor da filial da firma Rossbach do Brasil, cuja matriz localizava-se na cidade de Recife-Pe, tendo nomeado Serafim Nestor da Rocha como funcionário e responsável pelas compras para a região do brejo, cariri e sertão.

Devido à expansão comercial e a concorrência no setor de peles e couros, José Guedes foi transferido para a cidade de Patos-PB, com a finalidade de ali abrir uma representação da Rossbach do Brasil, o que efetivamente ocorreu, tendo nomeado Serafim Rocha para as mesmas funções que exercia em Campina Grande.



Foto 4: Armazém da Companhia Rossbach do Brasil em Campina Grande
Fonte: Acervo do site: <cgretalhos.com.blogspot>.

Devido ao parentesco com José Guedes Pinheiro de família tradicional de Campina Grande que havia se casado com sua irmã Gersina Pimentel da Rocha, Serafim Nestor da Rocha teve aproximação com a elite política dominante naquele município de Campina Grande.

José Guedes Pinheiro e seu irmão João, eram comerciantes e faziam parte do Partido Republicano Conservador da Paraíba, cuja liderança local era exercida por Cristiano Lauritzen. Alexandre Cavalcante de Albuquerque, sogro de Cristiano Lauritzen mantinha laços de amizade e negócios com a família Guedes Pinheiro.

O Partido Republicano Conservador na Paraíba era dividido em duas alas sendo cada uma liderada por Eptácio Pessoa e a outra pelo Monsenhor Walfredo Leal.

O contexto político e econômico da época em Campina Grande fez por onde Serafim Nestor da Rocha tivesse participação ativa nas eleições, trabalhando por amizade e laços comerciais juntamente com seu pai em Umbuzeiro na campanha política para deputado estadual de Ernani Lauritzen, filho de Cristiano Lauritzen que acabou sendo eleito para a sétima legislatura 1912 a 1915.

Campina Grande foi um laboratório político para Serafim Nestor da Rocha devido a sua localização estratégica no Estado, tal cidade era terra de grandes lideranças como Cristiano Lauritzen, Irineu Jóffily, Afonso Campos e Argemiro Figueiredo.

Outro motivo que fez com que Serafim da Rocha decidisse se envolver em atividades políticas em Campina Grande foi Eptácio Pessoa, ambos eram provenientes da cidade de Umbuzeiro, e Serafim se considerava um grande epitacista, ou seja, sua base ideológica e de sua família já vinha sendo forjada desde a sua terra natal, como nos referimos no capítulo referente à Umbuzeiro, pois dizia com orgulho ser conterrâneo e correligionário do Senador Eptácio Pessoa ao lembrar dos seus discursos na campanha de 1915 para deputados federais e senadores em Campina Grande após vinte anos de ausência da Paraíba.

Serafim Nestor da Rocha sempre falava desses episódios com emoção:

Eptácio Pessoa quando esteve em Campina Grande na campanha política de 1915, eu tive o prazer de abraçá-lo e escutar o conterrâneo, senador e chefe político, filho do Coronel José da Silva Pessoa, amigo dos meus pais e avós, uma das maiores tribunas do Brasil, que antes de completar cinqüenta anos chegou a ocupar os maiores cargos do Brasil: Deputado Federal, Ministro do Interior (respondia pelos Ministérios da Justiça, Educação e Cultura), Ministro do Tribunal de Contas, Senador da República e posteriormente Presidente da República. Era considerado um dos homens mais inteligentes de sua época (Conforme entrevista com Serafim em 1979).

Na época, o processo eleitoral na Paraíba era um evento que mudava a rotina das cidades, principalmente Campina Grande onde na eleição de 1915 os candidatos indicados pelas suas principais lideranças como Epitácio Pessoa, João Machado e Monsenhor Walfredo Leal que pertenciam ao Partido Republicano Conservador, embora fossem adversários, conduziam suas decisões de acordo com suas conveniências pessoais, ou seja, quem detinha maior poder de mando ditava as regras da escolha dos candidatos.



Foto 5: Cristiano Lauritzen e família

Fonte: Acervo do site: <cgretalhos.com.blogspot>.

A eleição era conduzida por um juiz municipal nomeado pelo prefeito Cristiano Lauritzen, do Partido Republicano Conservador da ala epitacista. Os locais de votação eram nas igrejas ou locais designados pelo juiz municipal e as células de votação previamente preparadas pelo chefe político (o chamado “voto de cabresto”), era denominada “a bico de pena”, analfabeto e mulheres não votavam.

Essa conjuntura partidária favorecia o confronto interpartidário, ocorrendo ameaças, supressão de urnas, tiroteios e tentativas de morte de ambas as alas, onde o historiador Horácio de Almeida cita no seu livro “História da Paraíba – Tomo II”:

De um modo geral, as eleições correram pacíficas, menos em Campina Grande, onde houve perturbação da ordem. A votação chegou a realizar-se, mas na hora da apuração a mesa apuradora foi dissolvida a mão armada e as urnas despedaçadas (ALMEIDA, 1997, p.192).

Serafim Nestor da Rocha como testemunha ocular dos fatos acima citados, contava que em determinada sessão um grupo armado da ala do Monsenhor Walfredo Leal tentou se apropriar da urna e das atas, sendo impedido pelos por ele e pelos irmãos José e João Guedes Pinheiro, que sacaram suas armas atirando em sua direção para impedir tal subtração, o que fez com que o grupo adversário batesse em retirada. Outro episódio relatado por ele teria acontecido no mesmo dia, quando partidários da ala epitacista tentaram invadir outra seção eleitoral onde a ala do Monsenhor Walfredo Leal tinha a maioria, o que acabou em tiroteio, reflexo da briga política de Cristiano Lauritzen e Afonso Campos, esse último e um correligionário seu também walfredista, Dr. José Agra foram alvejados, porém sem maiores consequências, Dr. Agra foi baleado na perna, quando tentava proteger as atas debaixo de balas para levar ao juiz que era epitacista que posteriormente nenhuma providência tomou.

A questão política na Paraíba, principalmente em Campina Grande só se normalizou, depois da morte, por assassinato, do Senador Pinheiro Machado, o político mais influente da República, que era o fiel da balança pró Eptácio Pessoa.

Por ser amigo do Senador João Machado e Senador Eptácio Pessoa, Pinheiro Machado não decidia qual dessas duas lideranças mencionadas iria dirigir a política paraibana. Somente com sua morte os grupos dessas duas alas decidiram apoiar o Senador Eptácio Pessoa, que conduziu a política paraibana de 1915 até a morte de seu sobrinho João Pessoa, em 1930.



Foto 6: Senador Pinheiro Machado, Presidente do Senado, o político mais influente e poderoso da República Velha, falecido em 8.09.1915

Fonte: Wikipédia.

CAPÍTULO III: QUESTÃO IDEOLÓGICA EM PATOS – 1925 a 1930

De 1925 a 1930, SERAFIM NESTOR DA ROCHA tinha aproximação política com o Coronel Miguel Sátiro, fazendo parte do Partido Republicano da Paraíba, como consta em matéria do Jornal do Sertão, de 1926 às páginas 220/221, já citado no livro “Na volta do Tempo”, de autoria de Flávio Sátiro, que trata da participação do Serafim Nestor da Rocha no desenvolvimento econômico de Patos.

No decorrer do embrionamento do movimento revolucionário de 1930 em Patos, Serafim Nestor da Rocha se afastou do grupo político dos Sátiros (apesar dos Sátiros apoiarem o movimento da Aliança Liberal e discretamente, o movimento de 1930), como cita o próprio filho do Cel. Miguel Sátiro Ernani Sátiro, no livro de Eduardo Raposo “1930 – Seis Versões e Uma Revolução”:

Eu nasci e me criei dentro da política tradicional, da política republicana. (...). Meu pai era um homem da Aliança Liberal, por conseguinte um amigo de João Pessoa, um amigo de Epitácio. Mas, deflagrada a revolução, ele não era propriamente um revolucionário, ele não tinha vocação para aquele tipo de política que então se fazia. Nós nos afastamos um pouco forçados pelas circunstâncias, e fomos adversários, daí por diante, de José Américo, de Antenor Navarro e de Gratuliano de Brito. Eu, muito moço ainda. Meu pai era um adversário mais sereno, e eu um adversário muito aguerrido. Comecei a lutar, desde então, já combatendo. Tanto que fui partidário da revolução de São Paulo de 1932, partidário ardoroso, sem poder fazer nada, mas fui um partidário dessa revolução (RAPOSO, 2006, p. 97).

O movimento de 1930 se expande em toda a Paraíba, principalmente em Patos, devido à sua aproximação com o município de Princesa Isabel.

Por questão de amizade e ideologia, Serafim Nestor da Rocha se aproxima do promotor público da cidade de Patos-Pb, Dr. Plínio Lemos, sobrinho de José Américo de Almeida, fortalecendo suas convicções ideológicas em prol da Paraíba e das transformações do governo de João Pessoa, advindas da Aliança Liberal, acreditando nos ideais das principais lideranças a nível nacional, como Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, João Neves da Fontoura, Antonio Carlos de Andrada, Juarez Távora e Epitácio Pessoa, como articulador. Enquanto na Paraíba, as principais lideranças da Aliança Liberal eram João Pessoa, José Américo, Adhemar Vidal, Peregrino de Carvalho, Odon Bezerra, Antenor Navarro, comungando a nível estadual com as teses nacionais de transformações ideológicas anti-oligárquicas e

coronelistas que pregava João Pessoa, cito o exemplo no texto do livro “1930, Seis Versões e Uma Revolução”, de autoria de Eduardo Raposo:

Na gestão do presidente João Pessoa a contabilidade do Estado foi revestida através dos trabalhos do professor Francisco D Áurea, que estabeleceu normas uniformes para os municípios. Foi sugerido, também, à Assembléia que na reforma da Constituição Estadual fosse criado um tribunal de contas. Outra reforma, esta mais diretamente dirigida contra as oligarquias, impedia a recondução de prefeitos aos seus cargos. Em geral, os prefeitos, nomeados pela situação, ocupavam os seus cargos de uma maneira quase vitalícia (RAPOSO, 2006, p. 74).



Foto 7: Promotor Público Plínio Lemos
Fonte: Acervo do site: <cgretalhos.com.blogspot>.

A amizade de Serafim Nestor da Rocha com os participantes da revolução de 30 em Patos, já vinha desde 1926, antes daquele movimento, com o Major João Costa, quando o mesmo chegou a Patos depois da fundação do Batalhão de Caçadores em 1925 para combater os cangaceiros que infestavam o sertão, no governo do presidente João Suassuna. Major João Costa tinha amizade com a família da esposa de Serafim Nestor da Rocha (família Lustosa Cabral) e freqüentava a vida social de Patos com Serafim Nestor da Rocha. Devido à participação de Serafim Nestor da Rocha na revolução de 1930, Major João Costa chegou a nomeá-lo sargento da Polícia Militar, no final da revolução, no entanto

Serafim Nestor da Rocha não permaneceu na carreira militar porque não dava para conciliar a carreira militar com a de comerciante.

Sua aproximação com o promotor Plínio Lemos foi em decorrência das reuniões que aconteciam na sua casa para articular as estratégias de ataques das operações denominadas “pente fino”, uma volante para combater e desarmar os perrepistas, que foi execrada por Alcides Albuquerque do Ó no livro de sua autoria “Campina Grande História e Política – 1945/1955”:

Nas eleições do ano anterior, 1950, seu eleitorado foi absorvido pelo Dr. Elpídio de Almeida que se elegeu em seu lugar (deputado federal). Sem mandato, passou a trabalhar para ser prefeito. Sua passagem pela política até aquela época tinha sido muito polêmica. Era promotor público em Patos quando eclodiu a revolução de 1930 e sua atuação ficou bastante conhecido por sua participação numa campanha armada denominada “pente fino”. Foi uma volante que atacou várias fazendas com o objetivo de prender e desarmar perrepistas (Ó, 1999, p.130).



Foto 8: Serafim Rocha em 1930, tendo sua primeira esposa, Francisca Lustosa Cabral ao lado, quando ambos participavam da vida social em Patos-PB, Na época, ele participava da Revolução de 30

Fonte: Acervo da família.

Serafim Nestor da Rocha contesta as opiniões dadas a respeito da moral e da conduta do Dr. Plínio Lemos nas operações denominadas “Pente Fino” onde se comentava que numa dessas operações, numa determinada fazenda, mais

precisamente a do Dr. Franklin Dantas, além de mandar incendiar a fazenda, ordenou o saque de objetos de valor da família atacada.

Nos combates agia com ideal e honestidade, depois, como político, portava-se com honestidade em prol da Paraíba e dos paraibanos, fora do poder vivia de cargos públicos como atesta Alcides de Albuquerque do Ó no seu livro “Campina Grande História e Política:

Plínio em campanha, Plínio Lemos era um homem pobre em meio a uma família de prestígio. Sempre viveu de emprego público. Primeiro como promotor público, depois, servindo ao Ministro José Américo e mais tarde como deputado federal. Campina Grande há muitos anos, era sua base política. Esta cidade o ajudou a se eleger deputado federal em 1946. No exercício do mandato foi um batalhador incansável em defesa das prefeituras e do Estado. Vivia de Ministério com pacotes de projetos a tiracolo em busca de verbas. Foi dito por colegas do Congresso que ele foi o parlamentar paraibano mais atuante em todos os tempos, seguido de Janduhy Carneiro. Não teve o renome de Argemiro de Figueiredo, João Agripino, Ernani Sátiro, mas eles juntos não realizaram o que ele realizou. Para ele não havia prefeito adversário, trabalhava indistintamente para todos (Ó, 1999, p. 29).

Serafim Nestor da Rocha sempre falava do seu rompimento com Plínio Lemos: “O Doutor Plínio Lemos era muito inteligente, trabalhador e honesto, vivia política 24 horas, não era um homem de posses, fora da política vivia de emprego público ou então de advocacia, era homem de momentos, não guardava rancor até mesmo de quem atacava a sua moral, no meu ponto de vista o seu único defeito era a vaidade e o orgulho; era um homem valente e destemido, tinha o sangue de José Américo de Almeida.”

A sua convivência com Plínio Lemos foi mais em Patos na fase revolucionária de 1930. Serafim Nestor da Rocha o seguiu várias vezes como seu comandado até mesmo quando Plínio Lemos se destacou na visita do futuro presidente Café Filho aquela cidade, em campanha revolucionária, quando ambos pegaram em armas com vários correligionários, tendo no comando o Dr. Plínio Lemos à frente do movimento protegendo aquele jornalista de ataques de adversários políticos, no centro comercial de Patos, fato esse que foi narrado pelo próprio Café Filho no seu livro de memória “Do Sindicato ao Catete”:

Tomando conhecimento de que transitava pela cidade o atual Deputado Plínio Lemos, que era então promotor público, saiu de casa de rifle em punho e, ao lado de outros corregilhões, assumiu posição de combate, o que levou o povo a fugir do centro comercial, escapando, assim, a uma possível área de tiro (CAFÉ FILHO, 1966, p. 58).

O afastamento de Serafim Nestor da Rocha de Dr. Plínio Lemos ocorreu no final do governo Getúlio Vargas em 1945 por questões ideológicas no movimento “queremista” comandado por Epitacinho, filho de João Pessoa e o movimento da formação da UDN tendo a sua ala pró comunismo tendo Plínio Lemos como articulador, reflexo de 1937 com o lançamento da campanha de José Américo de Almeida.

A concretização do isolamento político-ideológico do Dr. Plínio Lemos foi por vários motivos: primeiro o distanciamento quando Plínio Lemos saiu do Gabinete do Ministério de Viação e Obras Públicas comandado por seu tio Ministro José Américo de Almeida. José Américo conseguiu do governo mineiro sua nomeação para o cargo de Promotor Público na cidade de Ituiutaba (informação colhida pelo escritor Alcides Albuquerque do Ó, no seu livro “Campina Grande – História & Política (1945 a 1955)” – 1999, página 134.

Serafim Rocha começou a se atritar com o Dr. Plínio Lemos com a redemocratização do país em 1945 com a criação dos partidos políticos, amparados pela Lei nº 7586 de 28 de maio de 1945, quando foram realizadas eleições para deputado federal, quando Serafim Rocha optou em trabalhar para o PSD e apoiar Dr. Salviano Leite Rolim em detrimento do Dr. Plínio Lemos, pela legenda da UDN.

Antes disso Serafim Nestor da Rocha tinha abandonado o emprego dos Correios e Telégrafos por divergências político-ideológicas com o chefe da repartição de nome Alcides, pertencente aos quadros da UDN, muito ligado ao Deputado Plínio Lemos. O que sacramentou a ruptura política e a amizade com o Dr. Plínio Lemos foi quando Serafim da Rocha teve informações de que Dr. Plínio Lemos participou de comício em Campina Grande em companhia de comunistas e simpatizantes em favor da redemocratização e pela libertação de Luiz Carlos Prestes.

Alcides de Albuquerque do Ó confirma essa informação no seu livro “Campina Grande – História & Política (1945 a 1955)”, quando o autor cita:

Em Campina Grande a exemplo de todo país, ainda em fevereiro, no Edifício ESIAL, Plínio Lemos, Osmar de Aquino, João Santa Cruz, Alyrio Wanderley e José Pereira dos Santos (Pebe) fizeram um comício em favor da redemocratização e pela libertação do líder comunista Luiz Carlos Prestes (Ó, 1999, p. 27).

CAPÍTULO IV: PATOS-PB - DESENVOLVIMENTO E TRANSFORMAÇÃO NO GOVERNO DE EPITÁCIO PESSOA

SERAFIM NESTOR DA ROCHA chegou a Patos no ano de 1925, acompanhado do seu cunhado José Guedes Pinheiro, Diretor da ROSSBACK, empresa americana compradora de couro, com sede na cidade de Recife-PE, pertencente aos irmãos Rossback, de Nova Iorque. José Guedes, como diretor daquela firma, nomeou Serafim Nestor da Rocha como representante da Rossback no alto sertão, tendo como sede a cidade de Patos-PB.

O mesmo já vinha trabalhando com José Guedes Pinheiro como comprador da mesma firma, no brejo e cariri e posteriormente no alto sertão paraibano. Essa conjuntura deu condições de Serafim Nestor da Rocha se aproximar das elites política e econômica dessas regiões representada pelas famílias Pessoa Cavalcanti e Pessoa de Queiroz, Almeida, Lucena, Bezerra Cavalcanti, Cunha Lima, Gaudêncio, Brito, Pereira Lima, Dantas, Maia, Suassuna, Carneiro, Sátiro e Lustosa Cabral. Algumas dessas famílias já tinham contato com seu pai Manoel Ferreira da Rocha e seu avô Antonio Joaquim de Sousa Lyra, o primeiro tropeiro e comerciante de secos e molhados na região de Umbuzeiro - PB, e o segundo, comerciante e médio proprietário de terras também naquela região.

Patos, em 1925, já se apresentava como uma cidade de maior expressão econômica e política na região do sertão, tendo o mando político do coronel Miguel Sátiro com a sua maneira coronelista de mandar patrimonial weberiano, como consta Bertino Nóbrega no seu livro “Tempos de Octacílio Queiroz – Perfil de uma Vida.”

Meu pai, antes de casar-se e ir estudar e trabalhar fora de Patos, por laços familiares, era extremamente ligado ao esquema de Miguel Sátiro, inclusive pela necessidade de sobrevivência descente no contexto urbano de patrimonialismo weberiano rigoroso (NÓBREGA, 2000, p. 68).



Foto 9: Coronel Miguel Sátiro
Fonte: Acervo da Fundação Miguel Sátiro

Em 1926 Patos já experimentava um grande desenvolvimento com as obras contra as secas (IFOCS), que carregava muito dinheiro e progresso com a construção de estradas e açudagem e a ramificação da estrada de ferro para o sertão desbravando a região que antes não tinha acesso a transporte automotivo e rodoviário.

Consultando o livro do historiador José Otávio de Arruda Mello, “História da Paraíba”, quando o mesmo cita:

Os benefícios das estradas de ferro na Paraíba, tornaram-se, dessa maneira, mais sociais que econômicas. Isso porque, conjugados com as obras contra as secas, o trem contribuiu com o urbanismo e modernização de costumes de várias comunidades (MELLO, 1996, p. 160-161).

O que levou SERAFIM NESTOR DA ROCHA a se estabelecer no alto sertão paraibano, principalmente em Patos, foi a localização fronteiriça com Rio Grande do Norte e Pernambuco e sua importância comercial daquela região. Tinha o comércio desenvolvido e atrelado à pecuária e à cultura do algodão, que dava grande impulso ao desenvolvimento da região.

O motivo maior (que deu segurança) foi a crença no seu conterrâneo, o Presidente Eptácio Lindolfo da Silva Pessoa, quando assumiu a presidência da

República em 28.07.1919, que, cinco meses depois, emitia um decreto legislativo de número 3.965, de 25.12.1919, uma vez votado, deu-se início as obras de combate às secas no nordeste, cujo plano consistia na construção de reservatórios, portos e estradas, do livro “Epitácio Pessoa, uma Biografia”, do autor Fernando Melo. No mesmo livro Fernando Melo cita trechos de um livro de autoria do ex-governador Oswaldo Trigueiro, que elogia Epitácio Pessoa com ressalvas em algumas críticas pelos gastos sem controle e destacando alguns escândalos, mas destacando-se os saldos positivos:

De qualquer forma, porém, o saldo positivo das obras contra as secas foi enorme, particularmente na Paraíba. Depois do governo Epitácio, passamos a nos sentir mais brasileiros, quase em pé de igualdade com os mais ricos do sul, que sempre havia monopolizado, em seu proveito, o governo do país. Em três anos, de certo modo, mudou-se. Oswaldo Trigueiro (MELO, 2005, p. 132).

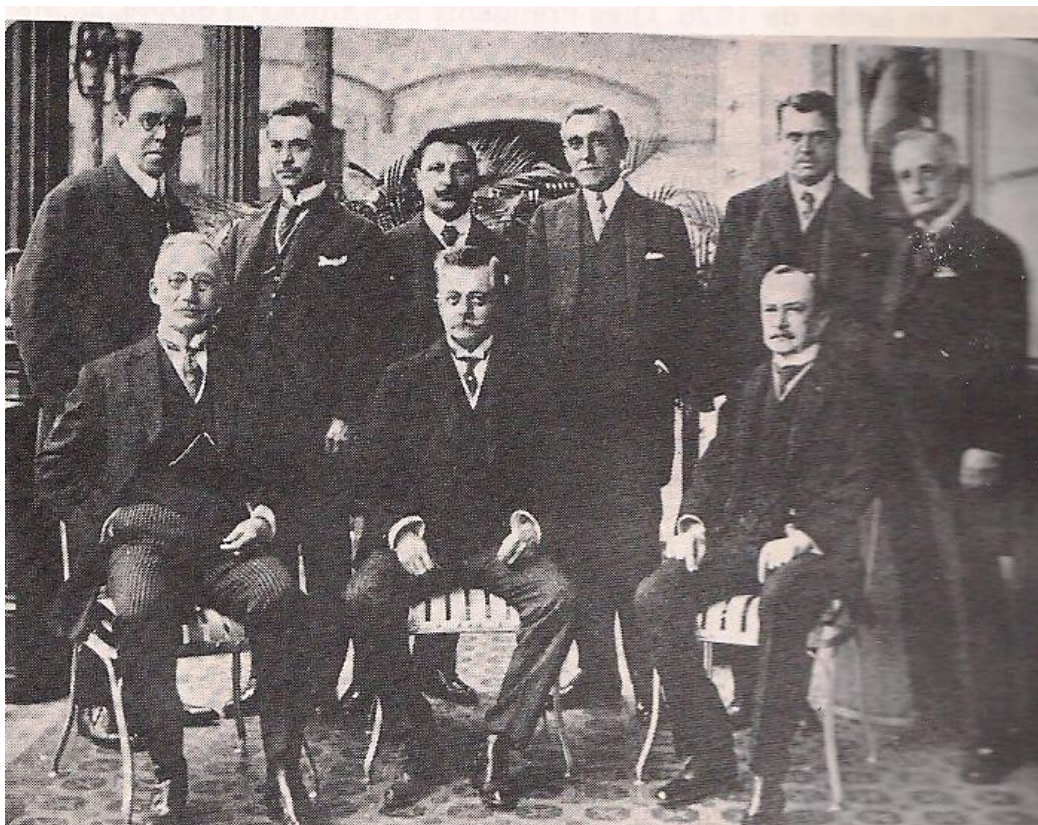


Foto 10: Sua Excelência, o Senhor Presidente da República com os Exmos. Srs. Ministros de Estado, Prefeito do Distrito Federal e Chefe de Polícia
Fonte: Acervo do livro Porto Político, de José Joffily.

Quanto aos escândalos citados pelo escritor Fernando Melo, o de maior destaque foi o das obras do porto do Rio Sanhauá. Esta obra era o grande sonho do Presidente Epitácio Pessoa que contribuiria para o desenvolvimento do seu Estado.

No livro “Porto Político” escrito pelo então Deputado José Joffily ele expõe os motivos da inviabilidade e os fatores determinantes que causaram o desperdício de materiais e desvio de dinheiro daquela obra, construída em local inadequado (local de mangues – terreno não compactado).



Foto 11: Obra do Porto Sanhauá – João Pessoa-Pb
Fonte: Acervo de Humberto Nóbrega.

Os empreiteiros encarregados das obras do porto mandavam para o governo federal fotos de construção de outros portos alegando que se tratava da obra paraibana. O presidente do Estado, na época, Sólton de Lucena, que era o encarregado de fiscalizar o projeto só esteve duas vezes no local, devido a sua precária saúde. Vivia muito mais recluso em palácio tendo informações através de relatórios falsos de seus subordinados.

O Presidente Epitácio Pessoa nunca aceitou o desfecho desse acontecimento e jurou nunca mais por os pés em sua terra natal.

Quando desembarcou no porto do Recife oriundo da Europa, foi convidado por um político paraibano para estender a viagem até a Paraíba, tendo recusado terminantemente.



Foto 12: Passagem de Epitácio Pessoa pelo porto do Recife, a bordo do “Almazorra”, junho 1936. O ex-presidente está entre a sua esposa, Dona Mary Saião Pessoa e Raul de Góis. Além de familiares, vê-se o escrito Adhemar Vidal
Fonte: Acervo do livro Porto Político, de José Joffily.

Em pesquisa realizada no livro “Paraíba de Ontem, Evocações de Hoje”, de Dorgival Terceiro Neto, tirei as conclusões da honradez do Presidente Epitácio da Silva Pessoa, que Serafim Nestor da Rocha defendia, quando o escritor relatava:

Em 1936, quando a Paraíba era governada pelo operoso Argemiro de Figueiredo, soube ele que Epitácio Pessoa chegaria ao Recife vindo da Europa, aonde sempre ia como juiz da Corte Internacional de Haia. Mandou até à Capital pernambucana o Secretário Raul Góis, especialmente para convidá-lo a vir até aqui. Raul foi no automóvel oficial do Governador para conduzir o ilustre visitante, que viria à capital paraibana, agora com o nome do seu sobrinho, não aceitou, não veio à Paraíba. Somente depois da sua morte (NETO DORGIVAL, 1999, p. 146).

Apesar do acontecido na Paraíba (sem que o Presidente soubesse), Serafim Nestor da Rocha acreditava no seu conterrâneo e corregilionario Presidente Epitácio

Pessoa, na sua grandeza de homem público; presidente que trouxe obras para o nordeste, principalmente para o sertão, obras que Serafim Nestor da Rocha via quando se deslocava nas suas viagens representando a firma Rossbach do Brasil, tais como o açude de São Gonçalo e o prédio no edifício-sede dos Correios na Capital, obras que melhorou a economia do nordeste, principalmente do sertão com a construção de estradas e ramais ferroviários, favorecendo o escoamento da produção agrícola, principalmente o algodão.

Serafim Nestor da Rocha deixou o emprego na firma Rossbach quando casou com Francisca Lustosa Cabral, de família tradicional de Patos. Para iniciar essa nova etapa de sua vida, juntou todas as suas economias e colocou um comércio de secos e molhados, com restaurante e bilhar na Rua do Prado, deixou seu irmão Abelardo gerenciando o negócio e foi administrar a fazenda Engenho Raposa, localizado na cidade de Teixeira-Pb, de propriedade da tia de sua esposa, Mariquinha Lustosa Cabral, que ali morava com a sua filha Dalema Lustosa Cabral.

Com o desenvolvimento da economia do sertão, com o fluxo do dinheiro federal via INFOCS, o comércio de Serafim Nestor da Rocha se estruturou entre 1926 a 1930, quando este se envolveu com a Revolução de 30 e o apoiou logisticamente colocando uma pensão que alimentava e hospedava os combatentes (policiais militares), sem remuneração, uma vez que o próprio Governo Estadual centrava os pagamentos nas compras de armas e munições. Quando se ausentava para participar dos combates nas volantes (Operação Pente Fino), o seu comércio sofria de certo abandono, vez que seu irmão Abelardo era muito jovem, não tinha experiência e nem tino comercial que fizesse com que o seu comércio se desenvolvesse. Devido à sua ausência e falta de pagamento do Governo, o seu comércio faliu.

CAPÍTULO V: PIANCÓ – LAÇOS DE AMIZADE E AFINIDADES IDEOLÓGICAS

SERAFIM NESTOR DA ROCHA assumiu o emprego nos Correios e Telégrafos em 1931 em Patos – PB; no final de 1931 foi transferido para a cidade de Piancó – PB, assumindo a chefia dos Correios dessa cidade, dinamizou e organizou a repartição. Devido a sua maneira de dirigir a repartição, não permitia a violação de correspondência dos usuários, o que era usual naquela época. Em razão dessas suas qualidades, competência e honestidade criou um elo de ligação entre ele e o Prefeito daquela cidade, Salviano Leite Rolim (que fora nomeado pelo Interventor Gratuliano de Brito), de família tradicional da região que vinha dirigindo aquele município com intervalos temporais (fase do epitacismo, ciclo de Padre Aristides), desde 1755.

Dr. Salviano Leite assumiu a Prefeitura quando retornou de São Paulo onde se encontrava preso por discordar da Revolução Constitucionalista de 1932 por ser getulista e sua família ter ligações políticas com o Ministro José Américo de Almeida.

Dr. Salviano Leite quando assumiu a Prefeitura de Piancó essa estava em precárias condições financeiras. Em poucos meses organizou as finanças do seu Município, uma obra que chamou a atenção em todo o Estado.

O escritor e ex-Deputado Estadual Dr. Eilzo Nogueira Matos ressalta essa passagem em sua plaquete: “Salviano Leite – Breves Dados Biográficos”:

Com a vitória das forças governistas, liberado da prisão, o Dr. Salviano Leite foi repostado no cargo de Delegado de Polícia, sendo em seguida requisitado para servir no gabinete do Chefe de Polícia, Coronel Cordeiro de Farias. Neste posto recebeu o convite do Governo da Paraíba para ocupar a prefeitura de sua cidade natal, Piancó. Aceitou a convocação para servir a sua terra. Ali, inobstante a precária situação financeira da edilidade, realizou em poucos meses uma obra que chamou a atenção de todo o Estado (MATOS, 2000, p. 9).



Salviano Leite Rolim

Foto 13: Salviano Leite Rolim quando era Prefeito de Piancó-Pb

Fonte: Acervo de Eilzo Nogueira Matos.

Dr. Salviano Leite por sua participação e fidelidade a Aliança Liberal em Minas Gerais, e ao getulismo foi preso em plena Revolução de 1932 em São Paulo, explicitando: em Minas Gerais dirigiu o jornal “Mucuri” de idéias pró-Aliança Liberal de propriedade do Senador Alfredo Sá, por razões políticas e ideológicas se afastou do Senador Alfredo Sá, onde se constata sua coerência política, onde o escritor Dr. Eilzo Matos cita na plaquete “Salviano Leite Rolim – Breves Dados Biográficos”:

Por questões internas da política estadual, o Senador Alfredo Sá rompeu com a Aliança Liberal para acompanhar o seu amigo, Vice-Presidente da República Dr. Melo Viana, que aderira a candidatura de Júlio Prestes. Diante disso, o Dr. Salviano demitiu-se dos cargos que exercia e seguiu para São Paulo, atraído pelas possibilidades da grande metrópole (MATOS, 2000, p. 8).

Em São Paulo, por ideal, passou por uma das maiores provações de sua vida quando foi nomeado Delegado de Polícia de três cidades: Rio Preto, Ribeirão Preto e Araras – quando ocorreu a eclosão do movimento armado paulista deflagrado em 9 de julho de 1932, reflexo do descontentamento da elite industrial e política – Constitucionalismo – e a nomeação de uma pessoa estranha a São Paulo, o Interventor João Alberto, pernambucano e amigo de confiança de Getúlio Vargas, participante do movimento tenentista.

Nesta situação o Dr. Salviano Leite, por ser getulista e sua família com fortes ligações políticas com José Américo de Almeida, era o vínculo ao estado natal, a situação no Piancó que lhe determinavam as posições assumidas.

As circunstâncias políticas e ideológicas não davam condições de permanecer em São Paulo, obriga Salviano Leite a fugir pelas fronteiras internas, onde foi detido nos limites de Minas Gerais, quando foi recolhido à prisão no dia 19 de julho permanecendo até 29 de dezembro de 1932, quando foi posto em liberdade com a assinatura do armistício, passando dois meses e dez dias em situação muito difícil – incomunicável – situação relatada no plaquete “Salviano Leite – Breves Dados Biográficos”, do autor Dr. Eilzo Matos: “Sua prisão foi de atrozes sofrimentos nos primeiros dias, recolhido a uma cela diminuta guardado com absoluta incomunicabilidade” (MATOS, 2000, p. 9).

A amizade de Serafim Nestor da Rocha com o Dr. Salviano Leite Rolim se consolidou porque ambos se portavam com postura e respeito e tinham pontos de vista e idéias parecidas. Isso foi um dos motivos pelo qual Serafim Nestor da Rocha o escolheu para apadrinhar o seu filho primogênito Filemon Lustosa Cabral da Rocha.

Sua amizade com Dr. Salviano Leite Rolim era forjada em princípios morais, honestidade e ideologia.

Serafim Nestor da Rocha foi leal em todas as campanhas políticas nas quais o Dr. Salviano Leite participou. Na ótica de Serafim Nestor da Rocha, Dr. Salviano Leite era um homem probo, de palavra e postura, leal aos amigos e aos seus ideais.

Na plaquete acima referida, o autor Eilzo Matos cita suas qualidades:

O Dr. Salviano distinguiu-se entre os políticos de sua geração, pelo prestígio junto aos corregilhões e conterrâneos, pela sua inteligência, cultura e espírito público. Na vida privada constituía um modelo de cidadão, pela integridade de sua conduta; na política era exaltado pela firmeza de suas decisões, sempre tomadas com vistas ao interesse público e de sua região (MATOS, 2000, p. 10).

A lealdade de Salviano Leite ao Sr. Serafim Nestor da Rocha foi comprovada por diversas vezes, principalmente quando o Dr. Salviano Leite exercia o cargo de Secretário de Interior e Segurança do governo de Argemiro de Figueiredo (exerceu até fevereiro de 1938), quando deu porte de armas e toda assistência quando ocorreu o conflito de São José dos Cordeiros em 1935, quando aconteceram várias mortes por motivos políticos, onde a conjuntura política era desfavorável a Serafim Nestor da Rocha. O mesmo tinha inimigos dos dois lados (fatos esses que serão explicados no Capítulo que trata de São José dos Cordeiros).

Salviano Leite mandou um cabo e dois soldados para dar garantia de vida a Serafim Nestor da Rocha. A situação ficou tão difícil que Serafim Nestor da Rocha requereu ao Governo, via Dr. Salviano Leite, a sua transferência para a cidade de Cajazeiras- PB onde o prefeito o industrial Coronel José Gonçalves de Matos Rolim era tio, irmão de seu pai, que administrava aquela cidade com idéias progressistas, procurando administrar como fazia com suas empresas, sendo constatada que foi uma das melhores administrações de Cajazeiras.

Serafim Nestor da Rocha logo se adaptou a Cajazeiras, em seguida teve que responder a nove processos referentes ao conflito de São José dos Cordeiros, porém foi anistiado em todos eles.

Para Senador		Para Suplente
	P. S. D. + P. T. B.	
RUY: Oito anos de Trabalho ininterrupto pelo bem da PARAIBA	Eleitor Paraibano: Você tem um dever a cumprir no dia 3 de Outubro. Consulte a sua consciência...	Salviano: Como RUY, sua preocupação constante é servir a PARAIBA

Foto 14: Campanha em que Serafim Nestor da Rocha apoiou Rui Carneiro para o Senado e Salviano Leite Rolim, para o seu suplente, no ano de 1960

Fonte: Acervo de Eilzo Matos.

CAPÍTULO VI: SÃO JOSÉ DOS CORDEIROS – 1934/1935 IDEOLOGIA E CONFLITO

SERAFIM NESTOR DA ROCHA assumiu o cargo de telegrafista nos Correios e Telégrafos no Distrito de São José dos Cordeiros, município de São João do Cariri-Pb, a pedido do Prefeito de Patos-PB (1931/1935), Adegilson Olinto de Melo e Silva, que era natural daquele município, com a interferência do ex-interventor da Paraíba Gratuliano da Costa Brito, amigo e compadre de Adelgício Olinto de Mello. Ademais Serafim Nestor da Rocha já conhecia o ex-interventor quando o mesmo foi promotor na Comarca de Patos-Pb, em 1927, onde atuou com distinção e honradez.

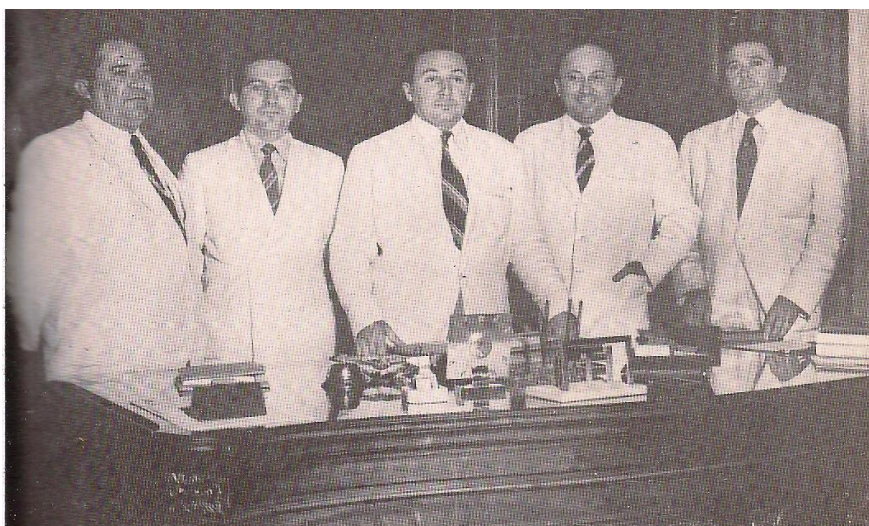


Foto 15: Adelgício Olinto de Mello, prefeito de Patos, corregilionario e amigo, na campanha de 1930, de Serafim Rocha. Na foto, com seus irmãos: Jofre, Sadoc, Draudt (Senador da República) e Bivar (ex-prefeito e ex-deputado estadual, de Patos-PB)

Fonte: Acervo de Draudt Ernanny.

SERAFIM NESTOR DA ROCHA assumiu seu cargo nos Correios logo após ser transferido da cidade de Piancó-Pb, numa situação muito difícil pelo seguinte fato: quem exercia o mando político no Distrito de São José dos Cordeiros era o Coronel Nestor Lima, ligado à família Brito, muito próximo do ex-interventor e Deputado Federal Gratuliano da Costa Brito e o Deputado Estadual Tertuliano Correia da Costa Brito, ambos do Partido Progressista, inimigos políticos dos Gaudêncios, representados pelo Senador José Gaudêncio Correia de Queiroz e pelo

Deputado Estadual Álvaro Gaudêncio de Queiroz, com base política em São João do Cariri no distrito de Serra Branca, que já vinham tendo aproximação com o interventor Argemiro Figueiredo, muito ligado às oligarquias do algodão e do açúcar.

Nas minhas pesquisas sobre o contexto político da época da interventoria de Argemiro Figueiredo, os Gaudêncio foram beneficiados com anistia política devido as suas atuações no Partido Republicano Paulista (perrepistas) na fase revolucionária de 1930, onde o autor do livro “Momentos Campinenses & Outros Momentos”, Evaldo Gonçalves de Queiroz, enumera os fatos ocorridos na época:

As divergências entre Britos e Gaudêncios começou com a ascensão do epitacismo, os Gaudêncios passaram a liderar o município de São João do Cariri, sob o comando do juiz Dr. José Gaudêncio Correia de Queiroz, que foi, logo em seguida, escolhido presidente do partido de Epitácio Pessoa, no Estado, tendo participado ativamente para a escolha do Dr. João Pessoa Cavalcante de Albuquerque, Presidente do Estado, em 1929. Como recompensa, foi imediatamente removido do cargo de juiz de direito da Comarca de São João do Cariri para a de Piancó, o que significa, no mínimo, uma agressão. Não cumprindo o Ato Governamental, o Dr. José Gaudêncio Correia de Queiroz foi demitido do cargo e foi militar na oposição ao Presidente João Pessoa, ocupando esse espaço governista os Britos, representados pela liderança do Desembargador Inácio Brito. Com a eclosão dos fatos revolucionários de 1930, o então Senador José Gaudêncio Correia de Queiroz foi exilado. Toda a sua família, à frente seu irmão Álvaro Gaudêncio de Queiroz e seus amigos, passaram a sofrer todas as conseqüências do pior ostracismo. Somente, no governo Argemiro de Figueiredo, foi restaurado, na condição de políticos militantes (QUEIROZ, 2000, p. 129).



Foto 16: Encontro de políticos paraibanos no Hotel Central, João Pessoa, 1915: da esquerda para a direita, em pé: Pedro Bezerra, José Pereira, Inocêncio Justino da Nóbrega, Joaquim Matos, Oscar Soares, Celso Mariz. Sentados: José Gaudêncio, Nitão de Lacerda, Sólton de Lucena, João Suassuna e Miguel Sátiro. Staff do epitacismo
Fonte: Acervo da família Pereira.

Como se vê, o momento político era muito conflitante e assim a situação de Serafim Nestor da Rocha ficou difícil porque tinha afinidades políticas com os Britos, enquanto o Interventor Argemiro Figueiredo apesar de ser do mesmo partido do grupo político da família Brito, tinha afinidades com os Gaudêncios (amizade pessoal fez juntos o curso de Direito na cidade de Recife).

Enquanto Serafim Nestor da Rocha tinha atritos com os Brito, porque estes queriam violar as correspondências dos Gaudêncio através de ordens do chefe político Nestor Lima, que também era o chefe dos Correios no Distrito de São José dos Cordeiros. Serafim Nestor da Rocha não acatava aquelas ordens e isso foi um dos motivos que o levou a lutar e apoiar a Revolução de 1930.

Serafim Rocha não gostava dos atos dos Brito, achava-os arbitrários, se dava bem com os Gaudêncios, apesar de ser da oposição, mantinham um relacionamento amigável.

Além de não cumprir as ordens arbitrárias do Coronel Nestor Lima, Serafim Nestor da Rocha se envolveu com uma das amantes daquele Coronel, filha do

barbeiro da cidade, chamada de Vanda, devido essa situação o coronel Nestor Lima mandou três jagunços assassinar Serafim Nestor da Rocha quando esse estava no seu local de trabalho, o prédio dos Correios e Telégrafos. Foi nessa ocasião que Serafim da Rocha teve que enfrentá-los para não morrer, sendo que sua arma foi um punhal que usava no dia a dia, conforme Serafim Nestor da Rocha narra o ocorrido ao pesquisador:

Eu estava trabalhando quando chegaram três cabras suspeitos, com armas escondidas num embornal e nas costas. Um deles propôs enviar um telegrama enquanto um outro se abaixava mostrando uma arma. Me antecipei, pulei sobre o balcão, derrubando o que estava na minha frente. Puxei o punhal e cortei o pulso de um deles que já estava com a arma na mão. Em seguida, saí em disparada, debaixo de balas. Escapei e fui em direção da casa do cunhado de Nestor Lima, chamado de Antonio Imperiano, que morava de frente aos Correios quando o mesmo me emprestou sua arma (uma parabellum), foi o que me deu condições de enfrentar as balas dos jagunços de Nestor Lima, que bateram em retirada com a chegada da polícia. No desespero eu saí com uma arma na mão e o punhal na outra, com um ferimento na perna. Isso foi só o início da luta do dia seguinte, o famoso tiroteio de São José dos Cordeiros, de 1935 (Serafim Nestor da Rocha, em entrevista a familiares em 1977).



Foto 17: Interventor e Deputado Tertuliano da Costa Brito e Governador Gratuliano de Brito
Fonte: Acervos da Assembléia Legislativa e do Palácio da Redenção da Paraíba.



Foto 18: Dr. Argemiro Figueiredo – Interventor da Paraíba

Fonte: Acervo do site: <cgretalhos.com.blogspot>.

O conflito citado por Serafim Nestor da Rocha foi mencionado em dois livros: o primeiro “Paraíba de Ontem, Evocações de Hoje”, Editora UFPB, no ano 1999, de autoria de Dorgival Terceiro Neto, o segundo “Momentos Campinenses & Outros Momentos”, Editora A União, data 2000, de autoria de Evaldo Gonçalves de Queiroz.

Serafim Nestor da Rocha nesse contexto conflitante vivia uma situação muito difícil, além da sua posição ideológica – compromisso com os corregilhões Dr. Salviano Leite Rolim e com o prefeito de Patos Adelgício Olinto de Melo. O Coronel Nestor Lima, também partidário do Partido Progressista, mesma agremiação política da qual participava Serafim Nestor da Rocha, com esse mantinha discordâncias pessoais e irreconciliáveis, devido aos fatos acima citados. Ainda por cima aquele era ano de eleição para cargos do legislativo, pós a nova lei eleitoral decretada em 1933 com proposta de convocação de uma Constituinte, refletindo na criação de dois partidos: Partido Progressista da Paraíba, dirigido por José Américo de Almeida, onde era exaltado através do escritor e historiador Celso Mariz no livro “Memória da Assembléia Legislativa, explicitando como o Partido se formou:

Em 1933, decretada a nova Lei Eleitoral, é convocada uma constituinte, fundou-se o Partido Progressista, dirigido por José Américo. Não acenando para os que pegaram em armas contra João Pessoa, atraiu, entretanto,

elementos dos vários matizes anteriores à revolução, mesmo do que contra esta, ou contra a aliança que antecederam, havia formado no campo eleitoral. Foi este Partido que fez a maioria da Assembléia, na legislatura de 1935 – 1938 (MARIZ, 1987, p. 81).

Quanto a oposição, representada como partido independente ou oposicionista, disputou a eleição com a sigla PRL – Partido Republicano Libertador, fundado na mesma época – 1933 por Joaquim Pessoa e Antonio Boto de Menezes (ambos ex-deputados estaduais).

Este Partido contou com alguns jovens advogados da Capital e teve ramificações importantes no interior. Era dirigido por Antonio Boto de Menezes e entre os seus filiados, elegeram-se três representantes: Severino Lucena, Ernani Sátiro e Fernando Pessoa.

Serafim Nestor da Rocha cumpria com firmeza e dedicação os compromissos assumidos, independente das adversidades.

Em 1935 a política da região era muito violenta, por pouco acontecia tiroteios seguidos de morte, principalmente em época de eleições – quando ocorreu o conflito de 1935.

Em entrevista concedida no ano de 1974 onde o monografista se encontrava presente, Serafim Nestor da Rocha relatou os fatos ocorridos em São José dos Cordeiros no ano de 1935:

Às nove horas da manhã chegou um caminhão-gaiola, Ford 1929, transportando partidários dos Gaudências, vindo de São João do Cariri com banda de música tocando e corregilhonários soltando papéis com propaganda anunciando um comício que iria acontecer logo mais. Isso era uma afronta, porque São José dos Cordeiros era a base política dos Britos. Próximo das 11 horas da manhã quando os Gaudências começavam o comício, um jornalista do Jornal do Comércio, de Recife, falava, Themístocles da Costa Brito, primo e cunhado de Tertuliano da Costa Brito aparteu o orador, secundado pelo professor Pascoal Milanês. Pela afronta, foram alvejados por tiros de rifle por Ascendino Gaudêncio. Themístocles da Costa Brito foi ferido de raspão no couro cabeludo, o professor Pascoal Milanês morreu na hora. Depois desse acontecido começou o tiroteio (Serafim, em entrevista a familiar, no ano de 1974).

Pesquisando os fatos nos livros acima relacionados e comparando com a entrevista feita com Serafim Nestor da Rocha pela família e também relatos feitos pelo mesmo ao seu filho primogênito Filemon Lustosa Cabral da Rocha referentes aos fatos ocorridos naquela ocasião em São José dos Cordeiros, comprovou-se a

veracidade do relatado com os dados descritos nos livros dos autores anteriormente citados.

Serafim Nestor da Rocha apesar de ter falado sobre esse assunto naquela ocasião, fez com alguma reserva, pois não gostava de lembrar acontecimentos e fatos que envolviam mortes violentas, e algumas das pessoas envolvidas, apesar de serem inimigos políticos, conviviam com o mesmo no cotidiano daquele município.

Filemon Lustosa Cabral da Rocha nos falou em família o que seu pai comentava com ele e o que ele mesmo presenciou na sua visão de criança em tempos tão violentos. Filemon tinha, na época, oito anos de idade, mas lembra perfeitamente:

Na época eu tinha oito anos de idade, mas me lembro quando começou o tiroteio no comício realizado pelos Gaudêncio. Vi algumas pessoas estiradas no chão, um deles era o professor Pascoal Milanês, morte sob uma poça de sangue e em seguida recomeçou o tiroteio. Lembro do pistoleiro Oséias Maracajá, ligado aos Gaudêncios de arma na mão, colocando fogo em tudo. Em seguida a minha mãe me pegou pelo braço e me tirou do meio do tiroteio e fomos nos esconder no armazém de algodão e querosene de Torreão. Logo em seguida chegou Oséias Maracajá com dois capangas e iam tocar fogo no armazém, porém notou-me e a minha mãe dentro do prédio e pediu para nos afastar. Em seguida corremos para nossa casa, encontramos meu pai de rifle nas mãos se defendendo (matar para não morrer). Abria a janela, atirava e depois fechava. Ia para a porta da frente, abria, atirava e fechava. Nesse ínterim feriu dois adversários políticos, um era um sujeito atarracado que foi baleado na coxa; quando o mesmo ia atirar novamente, minha mãe puxou meu pai pelo braço, não deixando que o pior acontecesse, ocasião em que o atacante fugiu do local. O outro tombou crivado pelas balas do rifle de Serafim Nestor da Rocha. Este pagou pela audácia. Era um professor ligado aos Gaudêncio, alto e forte e conhecido pela valentia. Eu não vou dizer o nome dessas pessoas porque meu pai me pediu para não dizer, apesar de fazer 75 anos do ocorrido. Antes era questão de segurança, hoje é respeito pela figura de meu pai. Devido a esse conflito meu pai respondeu a oito processos, mas posteriormente foi anistiado (Filemon Lustosa Cabral da Rocha, em entrevista a familiares, ano de 2010).

No livro de Dorgival Terceiro Neto “Paraíba de Ontem, Evocações de Hoje”, página 161, o autor retrata alguns episódios que pode ser comparado com o que foi narrado por Serafim Nestor da Rocha e Filemon Lustosa Cabral da Rocha, quando os mesmos falaram da morte do professor Pascoal Milanês e o ferimento no couro cabeludo, do cunhado de Tertuliano da Costa Brito, Temístocles da Costa Brita e dos atos do pistoleiro Oséias Maracajá.

Já no livro do Dr. Evaldo Pessoa de Queiroz, “Momentos Campinenses & Outros Momentos, o autor esclarece sobre o conflito de São José Dos Cordeiros.

Ocupou espaço junto ao Poder Judiciário, quando o processo terminou com solução salomônica.

CAPÍTULO VII: CAJAZEIRAS-PB, 1936/1980: UMA NOVA VIDA DE ESPERANÇAS E REALIZAÇÕES NOS MEIOS SOCIAIS, POLÍTICO E ECONÔMICO

Devido à situação havida em São José dos Cordeiros e por questão de segurança sua e de sua família, Serafim Rocha, aconselhado por Dr. Salviano Leite que era Secretário de Segurança Pública, resolveu pedir a sua transferência para Cajazeiras, onde teria o possível apoio do seu tio, o prefeito eleito, Coronel Joaquim Matos, e depois de vários convites do primo de sua esposa, Francisca Lustosa Cabral, uma pessoa bem conceituada naquela cidade, o Padre Fernando Gomes, filho de Veneranda Lustosa, residente em Cajazeiras desde 1932 para dirigir o Colégio Diocesano e saiu daquela cidade em 1936, para ser bispo de Penedo, Alagoas, com 33 anos de idade. Posteriormente foi bispo de Aracaju, encerrando o seu bispado em Goiana - Goiás.

Serafim Nestor da Rocha chegou a Cajazeiras, sertão da Paraíba, no ano de 1936 às 10h00min horas, desembarcando na Estação Ferroviária, trazendo a família, móveis e utensílios para se instalar na cidade sertaneja de Cajazeiras, onde iria ocupar o cargo de Guarda-Fios dos Correios e Telégrafos.

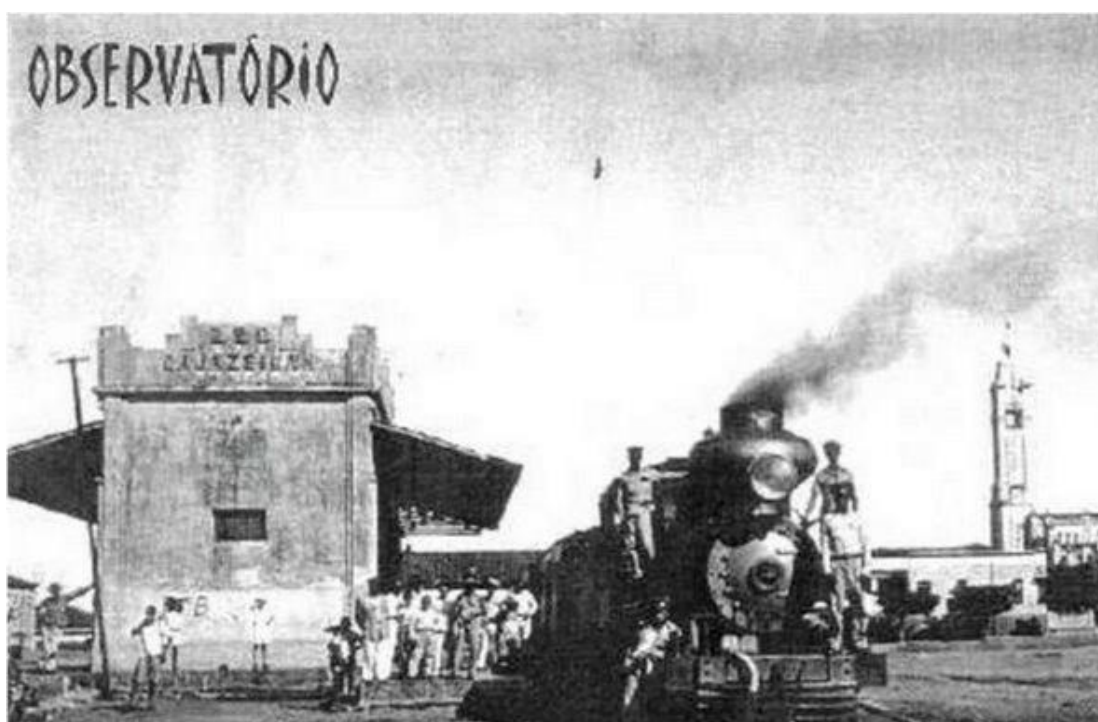


Foto 19: Estação Ferroviária de Cajazeiras
Fonte: Acervo de Possidônio Lacerda.

O ano de 1936 teve um bom inverno em Cajazeiras, sua economia estava em franco desenvolvimento em decorrência dos investimentos do governo federal, via Ministério da Aviação, que tinha à frente o Ministro José Américo de Almeida que através do DNOCS realizou obras de abertura de estradas, construções de pontes e açudes de grande porte na região, como o açude de piranhas (depois chamado Engenheiro Ávidos), São Gonçalo e Pilões, esses açudes ajudaram a arrecadar bastante dinheiro para o sertão nordestino, principalmente Cajazeiras, pela sua localização fronteiriça com o Estado do Ceará.

Outro exemplo da influência do Estado na economia do Nordeste veio do empresário José Lyra Campos que era representante de vendas de automóveis da marca Chevrolet e empreiteiro de obras contra as secas, o mesmo se valeu de uma parte de seus lucros e investiu no setor civil construindo em Cajazeiras o edifício OK, conjunto que passou a abrigar cine teatro, sorveteria e clube social, obra que, na sua inauguração, contou com a presença do Governador Argemiro Figueiredo e de Assis Châteaubriant, poderoso empresário do ramo das comunicações do país, realizações expressadas no livro “Inventário do Tempo”, do memorialista Deusdedit Leitão, onde o mesmo fala com exaltação:

A cidade já dispunha de um bom cinema, instalado no Edifício OK, construído pelo idealismo de José Lyra Campos, e contava com dois clubes que reuniam a sua sociedade – o Excelsor Clube e o Clube 8 de Maio (DEUSDEDIT, 2000 p. 114).



Foto 20: Edifício OK

Fonte: Acervo de Possidônio Lacerda.

Neste quadro, SERAFIM NESTOR DA ROCHA encontrou um ambiente propício para desenvolver o seu tino comercial (que já tinha exercido anteriormente, na sua juventude, em Umbuzeiro e Patos), paralelamente ao de funcionário público junto aos Correios e Telégrafos, após a revolução de 1930, especificamente em 1936, em Cajazeiras, onde conjugava com o ofício de empreiteiro de obras para a Prefeitura Municipal e construção civil.

Cajazeiras era o ambiente que eu idealizava para o início da minha vida de funcionário público, tanto pelo que oferecia, como principal cidade do sertão, ou pelo que representava para as minhas atividades como importante centro algodoeiro, movimentado pelas usinas Anderson Clayton, SAMBRA, J. Matos e Cia e Galdino Pires Ferreira, além de outros estabelecimentos menores como o de Joaquim Mendes Braga e Tomé Mendes Ribeiro. A cidade já dispunha de um bom cinema, instalado no Edifício OK, construído pelo idealismo de José Lyra Campos (Serafim, em entrevista concedida em 1979).



Foto 21: Primeiro prédio dos Correios, em Cajazeiras, PB, onde Serafim Nestor da Rocha inicialmente trabalhou

Fonte: Acervo de Possidônio Lacerda.

Durante a pesquisa, concluímos que no ano de sua chegada ao município cajazeirense existia a Associação Comercial inaugurada em 1931, o Banco Agrícola, que já havia se consolidado, e em 1938 foi inaugurado o Banco do Brasil, o que fortaleceu a vocação econômica e agrícola daquela localidade.

A cidade teve desenvolvimento humano, necessitando de mais moradia para os que ali iriam trabalhar, o que priorizou e alavancou a indústria da construção civil, como cita o escritor TOTA ASSIS, no seu livro de memórias “Cajazeiras que eu vi e onde vivi”:

Tudo combinava com dias melhores, num comércio vigoroso, com lucros resultantes nas grandes vendas feitas pelos empreiteiros das construções dos açudes que faziam a cidade crescer em números de construções de casas e contribuíam na melhoria das fazendas; construção de novos açudes e o ritmo do progresso na cidade, crescendo dia a dia (ASSIS, 1986, p. 111).

A cidade de Cajazeiras já vinha alcançando um expressivo desenvolvimento na agricultura, com grande produção de algodão, destacando-se a Usina Santa Cecília do grupo J. Matos e Cia., a Galdino Pires Ferreira, do Major Galdino Pires

Ferreira, além de outros estabelecimentos menores como de Joaquim Mendes Braga e Tomé Mendes Ribeiro, empreendimentos esses que também foram citados nas obras memorialistas do escritor Deusdedit Leitão, quando o mesmo era funcionário do governo, na função de Classificador de Algodão. Serafim Nestor da Rocha foi favorecido a partir do momento em que instalou o seu comércio na cidade, fazendo parte do governo federal como funcionário dos Correios e Telégrafos. Tinha afinidades ideológicas com o governo de Argemiro Figueiredo, onde seu Secretário de Interior e Segurança Pública Dr. Salviano Leite Rolim, era seu correligionário. Apoiava a política do governo estadual, e centrado na cotonicultura paraibana, constatadas através desses dados pesquisados: o seu governo encontrou apenas quatro usinas modernas de beneficiamento de algodão. Com a sua política de incentivo e favores fiscais, esse número subiu para quarenta usinas, instaladas nos principais centros produtores e compradores deste produto.

Essa vocação natural do município atraiu o interesse da multinacional de destaque no Brasil, Anderson Clayton, e da SAMBRA – Sociedade Algodoeira do Nordeste do Brasil, como cita Tota Assis, nas suas memórias:

O algodão nordestino chamou a atenção das multinacionais e da - Sociedade Algodoeira do Nordeste do Brasil - SAMBRA, e a firma norte-americana Anderson Clayton, estalaram usinas de beneficiamento para algodão e subprodutos, em pontos estratégicos do nordeste; e Cajazeiras e Sousa ganharam usinas com prensagem de alta densidade, carreando mais dinheiro para a combalida agricultura, emergente de dois anos escassos e de um ano seco (ASSIS, 1986, p.110).



Foto 22: Usina Santa Cecília, pertencente ao Coronel Joaquim Matos
Fonte: Acervo de Possidônio Lacerda.

A questão da implantação das multinacionais no Brasil, incluída a Paraíba, teve o apoio do governo de Argemiro Figueiredo, citado pela professora e escritora MARTHA FALCÃO no seu livro: “Poder e Intervenção Estatal – Paraíba 1930-1940”. Isso já fazia parte das inserções da política da Aliança Liberal atraídas pela assistência dispensada à cultura do algodão na Paraíba, desde 1935, Anderson Clayton e SAMBRA entabularam as primeiras negociações com o governo, no sentido de se estabelecerem no Estado, motivando protestos de comerciantes e produtores paraibanos.

CAPÍTULO VIII: A IMPORTANCIA ECONOMICA E EDUCACIONAL DA DIOCESE EM CAJAZEIRAS



Foto 23: Colégio N. S. Lourdes, antigo Colégio Padre Rolim, fundado em 1843, em torno do qual se desenvolveu a cidade de Cajazeiras

Fonte: Acervo da WK Publicidade.

Um dos pilares do desenvolvimento econômico-social da cidade de Cajazeiras e que, inclusive consagrou o bordão “a cidade que ensinou a Paraíba a ler”, foi o setor educacional, que se iniciou com a visão do padre Inácio de Sousa Rolim, de implantar um núcleo educacional que se irradiou por toda a região. O Colégio Diocesano formou grandes lideranças político-econômicas e sociais da Paraíba e outros Estados, levando conhecimento e cultura a membros de famílias que antes não tinham opções de estudo fora daquela região sertaneja.

A consolidação se fortaleceu com o tempo e teve o apoio expressivo da Igreja, nas pessoas dos bispos Dom Moisés Coelho e João da Mata Andrade Amaral, também implantadores de núcleos educacionais e econômicos na cidade tais como o colégio Nossa Senhora de Lourdes e o Banco Agrícola. Segundo o escritor Deusdedit Leitão cita nas suas memórias:

Em 1940 Cajazeiras ainda se apresentava como a maior e mais desenvolvida cidade do sertão paraibano, usufruindo as vantagens decorrentes da fase promissora do seu progresso inaugurada em 1934, com o dinamismo e a ação do Bispo Dom João Mata Andrade Amaral. Os seus colégios, fiéis ao legado do padre Rolim, movimentavam a cidade com a animação de sua vida estudantil. O seu comércio se desenvolvera e consolidara a hegemonia cajazeirense em toda a região sertaneja e área fronteira do Ceará (DEUSDEDIT, 2000, p. 134).



Fotos 24: Dom Moisés Coelho, primeiro Bispo de Cajazeiras e à sua direita, Dom João da Mata do Amaral, segundo Bispo daquela cidade
Fonte: Acervo da Diocese de Cajazeiras.

Não podemos omitir a influência do clero no desenvolvimento da cidade, nos âmbitos políticos, econômicos, social e cultural, especificando que o próprio crescimento da cidade foi em torno da igreja católica. Não podemos deixar de mencionar que o Hospital Regional foi implantado pelo empenho do Bispo Diocesano Dom João da Mata, servindo a toda a região polarizada pela cidade de Cajazeiras/PB. Também foi de sua iniciativa a ampliação do Colégio Diocesano, reconstruiu o ginásio e Escola Normal Nossa Senhora de Lourdes e iniciou a obra de construção da Catedral, foi cognominado “O Bispo do trabalho”.

A questão do desenvolvimento de Cajazeiras, como ressalta Deusdedit Leitão nas suas memórias, no ano de 1928, temos que salientar a importância da igreja católica através do Bispo Dom Moisés Coelho que deu à Cajazeiras o primado cultural e educacional que tanto projetou entre as demais cidades da região, em consequência da instalação em 1915, da diocese em Cajazeiras e da ação pastoral de Dom Moisés Coelho centralizando o desenvolvimento educacional e religioso da região oeste se refletindo no seu comércio:

O aprimoramento social e o desenvolvimento do comércio davam a Cajazeiras indiscutível hegemonia em toda a região do sertão paraibano com sua feira semanal a reunir um surpreendente conglomerado humano no afã da comercialização de produtos regionais. As lojas regurgitavam de fregueses interessados nas novidades recém chegadas das praças de Recife e Fortaleza (DEUSDEDIT, 2000, p. 35).

Como se constata, o desenvolvimento do comércio de Cajazeiras está atrelado ao setor educacional desde os primórdios de 1843, quando o padre mestre Inácio de Sousa Rolim implantou o primeiro núcleo educacional daquele povoado.



Foto 25: O novo Colégio Diocesano Padre Rolim
Fonte: Acervo de “Borracha”.

Depois da fundação do Colégio, iniciado pelo Padre Inácio de Sousa Rolim, o Tenente Sabino de Sousa Coelho (casado com uma Rolim), que já tinha construído os prédios e as residências de maior importância da cidade, estruturou a primeira feira semanal em 1848, quando Cajazeiras era apenas um povoado, onde se destacava desde 1843, a escola do Padre Rolim. Com a feira, começou a afirmação do pequeno núcleo urbano, como centro comercial e, por esse meio, assentam-se as bases de seu crescimento econômico, endossado pelo escritor Francisco Cartaxo Rolim no seu livro “Do Bico de Pena à Urna Eletrônica”:

Tenente Sabino foi o grande responsável pela criação da feira semanal, em 1848, quando Cajazeiras era apenas um povoado, onde brilhava a escola do Padre Rolim. Com a feira, começou a afirmação do pequeno núcleo urbano como centro comercial, por esse meio, assentam-se as bases do seu crescimento econômico (ROLIM, 2006, p.65).

Historicamente está provado que Cajazeiras esteve sob o controle político de famílias ligadas ao nascimento da cidade ou que alicerçaram sua formação econômica, cultural, religiosa e social desde a sua origem, onde o autor faz um resumo iniciando com o seu fundador, o Padre Rolim até os últimos prefeitos dessa família, Francisco Matias Rolim, gestão 1976 a 1982, Epitácio Leite Rolim, gestão 1996 a 2000, Governador Ivan Bichara Sobreira, nascido em Cajazeiras, filho do sírio-libanês João Bichara e Gilda Sobreira Bichara, sobrinha-bisneta do Padre Inácio Rolim, Dom Zacarias Rolim de Moura, filho do ex-deputado Dr. Bonifácio Moura, casado com uma irmã do Coronel Sabino Rolim. Passou trinta e sete anos dirigindo o Palácio Episcopal de Cajazeiras. Era um homem criterioso e honesto, qualidades que Serafim Rocha admirava, principalmente suas posições conservadoras, quando se contrapunha às idéias avançadas do Arcebispo Dom José Maria Pires e alguns bispos de idéias avançadas dentro do clero brasileiro.

O Bispo Zacarias era uma voz contra a esquerda demagógica na Paraíba. Serafim Rocha tinha muito apreço ao referido bispo pelo fato de que recebeu dele apoio irrestrito na construção da Igreja São João Bosco, quando, juntamente com os padres Abdon Pereira e Sitônio iniciaram na zona sul de Cajazeiras a construção daquele templo católico.



Foto 26: Prédio da Ação Católica onde foi instalada a FAFIC, gestão D. Zacarias Rolim de Moura

Fonte: Acervo da Diocese de Cajazeiras.

Dom Zacarias Rolim de Moura foi o último sacerdote da família Rolim a assumir um cargo de relevância, fechando um ciclo naquela cidade. Além do legado teológico e ideológico, foi um benemérito nas questões cultural e educacional com a criação da FAFIC – Faculdade de Filosofia de Cajazeiras, depois transformada no V Campus da UFPB, implantou vários colégios na região, construiu dois cinemas, Cine Pax e Apolo XI e a Rádio Alto Piranhas de Cajazeiras, conclusão e inauguração da Catedral Nossa Senhora da Piedade e o Seminário Nossa Senhora da Assunção, construiu vários prédios comerciais e residenciais para arrecadar renda para a Arquidiocese, além de fundar instituições filantrópicas para os mais necessitados, uma voz em favor do melhoramento do abastecimento de água para a cidade, em parceria com os políticos Ivan Bichara e João Agripino, unindo todos os bispos do nordeste em prol dessa obra. Cajazeiras deve muito a Dom Zacarias Rolim de Moura.

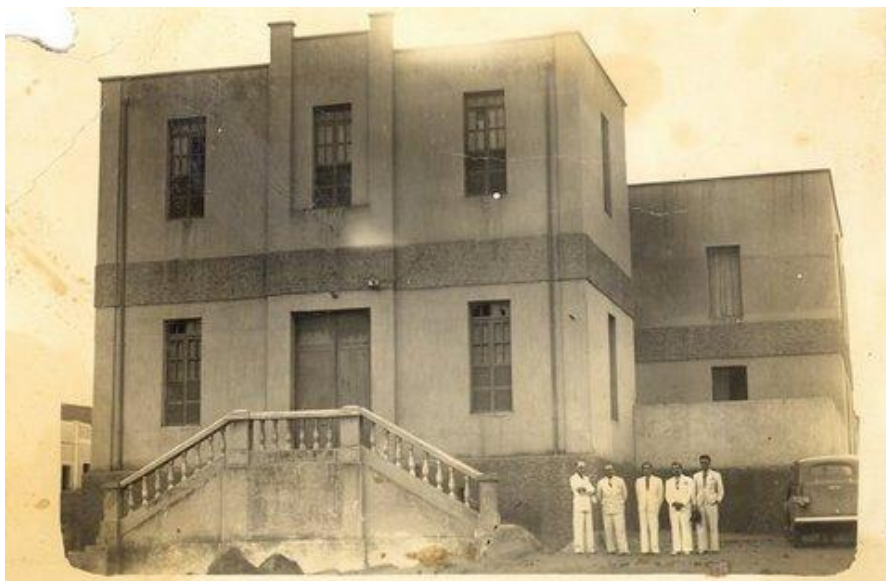


Foto 27: Prédio da Diocese onde funcionou o Cine Pax
Fonte: Acervo de Eduardo Pereira.

Uma das maneiras de Serafim agradecer a Deus e ao clero cajazeirense por tudo aquilo que conseguiu foi a construção da Igreja D. João Bosco, com a ajuda do clero e do povo de Cajazeiras, dos mais abastados aos mais humildes, ajudando economicamente e voluntariamente. O começo da construção demandou uma certa dificuldade, por ser o local uma pedreira, como cita a esposa de Serafim, Maria José da Rocha:

Quando Yoyô começou a construir a Igreja São João Bosco, primeiro teve que remover várias pedras que foram aproveitadas no alicerce da própria igreja e de vários prédios de sua propriedade. Eu me lembro que antes da construção houve várias missas campais. Yoyô saía com uma sacola recolhendo dinheiro. Depois começou uma campanha de doação de dinheiro, onde os envelopes eram recebidos em minha casa e aos sábados, durante as feiras, recolhiam-se das pessoas vindas dos sítios, afora as doações de tijolos, telhas, madeira, cimento, etc. Me lembro que os fazendeiros Antonio Dias, das Braúnas e Álvaro Moreira, doaram vários tijolos e telhas e a doação mais importante foi de um proprietário de uma serraria, conhecido por Chatô, que doou todo o madeiramento do telhado do templo (MARIA ROCHA, 2010).



Foto 28: Igreja São João Bosco, com a Praça Camilo de Holanda contendo o busto de Serafim Nestor da Rocha

Fonte: Acervo da família Rocha.

Historicamente a Diocese de Cajazeiras não nasceu de um movimento local, conforme texto do escritor Francisco Cartaxo, no jornal “Gazeta do Alto Piranhas, onde o mesmo resumiu este fato, e sim, ela nasceu isolada do contexto que envolvia a igreja no Brasil. Ao contrário, derivou de estratégia nacional de expansão da igreja católica, construída após a separação do Estado em 1890.

A nova realidade impôs a reorganização da Igreja, a fim de ocupar melhor o território brasileiro, intensificar a formação de quadros e de patrimônio material suficiente para manter-se e prosperar onde analisamos no começo do texto onde primeiro vem a função política em seguida a questão econômica: resumidas em prédios, em terrenos para se cobrar aluguéis e aforamentos, onde nesse mesmo

texto o autor cita o sociólogo Sérgio Miceli no seu livro “A Elite Eclesiástica Brasileira” (COMPANHIA DAS LETRAS, 2009).

Na impossibilidade de incorporar ou domesticar os movimentos de Canudos e Juazeiro, a organização eclesiástica buscou fechar o cerco em torno dessas ameaças de cismas (MICELI, 2009).

Vem daí a importância estratégica do bispado de Cajazeiras, a proximidade de Juazeiro do Norte/CE, contrapondo com a força política do Padre Cícero, a mistificação e o fanatismo.

Neste contexto social e religioso se refletindo em 1936, onde Serafim Nestor da Rocha, através do primo de sua esposa Francisca Lustosa Cabral, o Padre Fernando Gomes, diretor do Colégio Diocesano (1932/1936), filho de Veneranda Lustosa, conheceu Monsenhor Abdon Pereira. Na oportunidade fez uma exposição das suas intenções em torno da Rodagem, localizada na zona sul de Cajazeiras, falou do seu propósito em desenvolver e humanizar aquela região. De pronto, o Monsenhor Abdon prometeu marcar uma reunião com o Bispo D. José de Andrade da Mata Amaral, com Serafim Nestor da Rocha e o Padre Fernando Gomes.



Foto 29: O padre Fernando Gomes Lustosa, quando foi ordenado bispo

Fonte: Acervo do blog construindo a historia hoje.

Na reunião expôs os propósitos acima mencionados, obtendo do Bispo a aquiescência para desenvolver aquele núcleo populacional, esquecida pelos poderes públicos. O Bispo reconheceu em Serafim Rocha a representação do seu pensamento, de levar o progresso a um local em que proliferava a prostituição, a violência e analfabetismo.

O desejo do Bispo Diocesano D. João da Mata, encontrou respaldo naquele forasteiro, um empreendedor, o que vinha de encontro ao que já estava em andamento na cidade de Cajazeiros já há alguns anos, como demonstra o historiador Desdedit Leitão a respeito do desenvolvimento de Cajazeiras em 1934, no seu livro de memórias Inventário do Tempo:

Foi com entusiasmo que revi Cajazeiras, animada pela movimentação dos seus colégios, pelo aprimoramento da sua sociedade, pelo seu comércio e pela sua indústria que se projetavam como expressão da sua economia, que se revigorava e se fortalecia como fator mais expressivo do seu desenvolvimento. Observei, o quanto pude, o progresso que a minha cidade alcançava, estimulada pelo dinamismo do seu bispo diocesano, D. João da Mata de Andrade Amaral, que a tudo estava presente com a força do seu otimismo e a coragem que o consagrou como um dos grandes benfeitores de Cajazeiras (DEUSDEDIT, 2000, p. 71).

Quando Serafim Rocha começou a construir o primeiro prédio em 1936, a Rodagem era um lugar onde o seu contexto resumia-se em alguns casebres, a maioria de taipa, pedreiras, pocilgas e prostíbulos e permeada de violência, onde a Igreja tinha muito interesse em humanizar, só que ninguém antes tivera a iniciativa de iniciar uma reforma estrutural, sem ferir os valores ali existentes, ou seja, sem intimidar os habitantes daquele núcleo. Antes, convencendo, pela astúcia, aqueles mais resistentes à mudança, sem precisar usar de força física.

CAPÍTULO IX: TRAJETÓRIA POLÍTICA DE SERAFIM NESTOR DA ROCHA EM CAJAZEIRAS – DE 1936 a 1978

Serafim Nestor da Rocha chegou a Cajazeiras em 1936, apesar das mudanças e acomodações das elites dirigentes, com a aproximação de facções políticas contrárias (acordos secretos para consolidar o golpe de 1937, tendo o Ministro Negrão de Lima como intermediário do Dr. Getúlio Vargas) a Aliança Liberal, reflexo da anistia política, refletindo posteriormente no golpe de 1937, onde políticos contrários a Revolução de 1930 compôs com o novo governo ditatorial do Dr. Getúlio Vargas.

Temos o exemplo de São José dos Cordeiros, onde houve confronto (com várias mortes de alas partidárias contrárias): representantes do Partido Progressista da Paraíba, partido da situação, tendo os Britos como representantes local e o Governador Argemiro Figueiredo como chefe do partido a nível estadual, capitaneados pelo Ministro José Américo de Almeida, liderados pelo Governo Central representado pelo Presidente Getúlio Dornelles Vargas. A oposição em São José dos Cordeiros era representada pelo Partido Libertador, cujos expoentes maiores eram o Senador José Gaudêncio de Queiroz e Dr. Álvaro Gaudêncio Correia de Queiroz, a nível estadual o chefe do Partido era o Deputado Estadual Dr. Antonio Boto de Menezes e Joaquim Pessoa, este, descontente porque a família Pessoa perdeu o mando político da Paraíba para José Américo de Almeida, com a morte do Presidente João Pessoa.

Com o desfecho do Golpe de Estado de 1937, sendo o Dr. José Américo de Almeida candidato imbatível a presidente da república, não aceitou o golpe, rompendo com o Governo Central. O seu protegido, Dr. Argemiro Figueiredo apoiou o golpe, traindo José Américo, permanecendo no governo e futuramente nomeia Dr. Álvaro Gaudêncio de Queiroz, prefeito de São João do Cariri, que em 1935 era do Partido Libertador, oposição ao Governo antes do golpe de 1937.

O que se projetava pela frente a partir de 1936, na política paraibana, especificamente em Cajazeiras, era uma incógnita, tanto que em 1936 o Partido Libertador que era oposição ao Ministro José Américo de Almeida, o apoiou para presidente. Pelos motivos citados era muito difícil Serafim Nestor da Rocha manter suas posições ideológicas, principalmente em Cajazeiras, onde uma oligarquia

dominava o cenário político desde o império, com pequenas exceções (curtos intervalos representados pelas famílias Rolim-Albuquerque, com ramificações Rolim-Coelho-Assis e Rolim-Couto-Cartaxo e Sobreira-Rolim), que mantinham o poder econômico, político, religioso na cidade de Cajazeiras, cujos antepassados eram fundadores e grandes latifundiários daquele município.

Essas famílias pioneiras não se destacavam somente pelo poderio econômico-político e religioso. Muitos eram próceres do saber, domínio intelectual nas letras e artes. Dominavam sem violência coronelística, imprimiam a sua marca pela mansidão nas posturas comportamentais. Dentre esses homens, se destacaram:

- 1) Padre Inácio de Sousa Rolim (Padre Rolim), filho de Vital de Sousa Rolim e de Ana Francisca de Albuquerque (ambos considerados fundadores da cidade de Cajazeiras). O Padre Rolim foi ordenado padre em 02.10.1825, fundador do Colégio Padre Rolim, humanista, educador, conhecido em todo o nordeste como um sábio, falava vários idiomas, versado em grego, falava fluentemente o Frances, inglês, alemão, italiano, espanhol, latim, sânscrito, hebraico e tupi-guarani. Foi reitor do Seminário de Olinda.
- 2) Dr. Joaquim de Sousa Rolim em 01.02.1890 com a dissolução da Câmara Municipal foi nomeado como novo administrador do município, pelo decreto do Governo Provisório.
- 3) Padre José Thomas de Albuquerque (Rolim), foi o primeiro vigário da Paróquia da Igreja Matriz Capela N. S. da Piedade, foi o primeiro Prefeito da Edilidade como presidente da Câmara Municipal, pela Lei sancionada de número 92, pelo Presidente da Província do Norte, Francisco de Araújo Lima em 20.06.1864.
- 4) Dom Moisés Sizenando Coelho, nasceu em 08.04.1877, filho do Coronel Raimundo Sizenando Coelho e de Maria Lourenço da Circuncisão Coelho (esta, irmã do Padre Rolim). Foi o primeiro bispo de Cajazeiras em 06.02.1914 – abril 1932), segundo Arcebispo da Paraíba, de 1932 até sua morte em 18.04.1959.

- 5) Antonio Joaquim do Couto Cartaxo, Deputado Constituinte de 1891.
- 6) Coronel Sabino Gonçalves Rolim, controlou a política de Cajazeiras por mais de vinte anos, foi prefeito quatro vezes, deputado estadual em 1915 – coronel ligado ao Dr. Eptácio Pessoa.
- 7) Coronel José Gonçalves de Matos Rolim, Prefeito eleito em 1935 a 1937.
- 8) Dr. Celso Matos Rolim, Prefeito nomeado de 1937 a 1940, foi Deputado Estadual Constituinte em 1935.
- 9) Dr. Cristiano Cartaxo Rolim, nasceu em 06.08.1887 era filho de Higino Gonçalves Sobreira Rolim e Ana Antonia do Couto Cartaxo Rolim. Era sobrinho do Major Epifânio Sobreira Rolim (foi Delegado de Polícia na República Velha, na administração do Coronel Sabino Rolim). Dr. Cristiano foi prefeito interino de setembro de 1947 a 30 de novembro de 1947. É considerado o poeta maior da cidade de Cajazeiras e é autor do hino da cidade de Cajazeiras.
- 10) Higino Sobreira Rolim, farmacêutico, deputado estadual.
- 11) Arsênio Rolim Araruna, jornalista, prefeito de 1947 a 1951, um grande administrador, considerado um dos prefeitos mais honestos de Cajazeiras.
- 12) Acácio Braga Rolim, filho de Francisca Braga Rolim e Luis Cartaxo Rolim, neto do Tenente Acácio Rolim e bisneto do Comandante Vital Rolim, deputado estadual, vice-prefeito na gestão de Dr. Otacílio Jurema.
- 13) Dr. Zacarias Rolim de Moura, quinto Bispo de Cajazeiras, filho do Deputado Estadual Bonifácio Moura e descendente de Vital de Sousa Rolim.

- 14) Antonio Cartaxo Rolim, prefeito de Cajazeiras de 1955 a 1959, grande agropecuarista, empresário e banqueiro.
- 15) Dr. José Guimarães Rolim, prefeito interino de março a novembro de 1947.
- 16) Ivan Bichara Sobreira (Rolim, família materna), advogado, escritor, deputado estadual e federal e governador da Paraíba.



Foto 30: Políticos de evidência na Paraíba, entre 1915 e 1920. Da esquerda para a direita, em pé: Coronel José Pereira, João Agripino, pai do ex-governador João Agripino Filho, Manoel Lordoso, José Queiroga e Pedro Bezerra. Sentados: Sabino Rolim, José Gomes, Inácio Evaristo e Neiva de Figueiredo.

Fonte: Acervo da família Pereira.

A política de Cajazeiras era muito complexa. Desde o império quem detinha o domínio político eram os descendentes de Vital de Sousa Rolim e Ana Francisca de Albuquerque (mãe Aninha), filha do patriarca de Cajazeiras Luis Gomes de Albuquerque e de Luisa Maria do Espírito Santo, coube-lhe o primado de ter sido a

primeira autoridade de Cajazeiras, exercendo o cargo de Almotacé “Santo Antonio do Bé” do Angelim e todo o distrito de sua terra, conforme consta do Termo de Vereação do Senado da Câmara de Pombal. Que, a 29 de outubro de 1794, nomeou para aquele cargo.

Portanto, eu procurei a finalidade da função do almotacé no livro “Vida e Obra do Padre Rolim”, onde o historiador Deusdedit Leitão transcreve do livro “Coronelismo, Enxada e Voto”, de autoria de Victor Nunes Leal onde o mesmo cita:

Ao almotacé, de acordo com a velha organização municipal do período colonial, cabia fiscalizar pesos e medidas, e fixar os preços de gêneros alimentícios, além da faculdade de julgar infrações às posturas municipais e “certas causas de direito reais referentes a obras ou construções (LEAL, 1978, p. 83).

No livro “Vida e Obra do Padre Rolim”, de autoria de Deusdedit Leitão, destacava-se que o casal Vital de Sousa Rolim e Ana Francisca de Albuquerque provém do ramo mais destacado da família Rolim de Cajazeiras pela projeção que seus descendentes alcançaram na vida econômica, política e social de toda a região, conforme os destaques citados acima.

Serafim Nestor da Rocha - Yoyô – quando chegou a Cajazeiras em 1936, já se enquadrava no esquema político-ideológico vigente naquela cidade, representado pela família do Coronel Joaquim Matos Rolim, prefeito eleito nas eleições ocorridas no dia 09.09.1935, pelo Partido Popular cajazeirense, tendo seu filho Dr. Celso Matos, sido eleito Deputado Constituinte de 1934. O Coronel Joaquim Matos e seu filho Dr. Celso Matos foram dissidentes de seus familiares distantes representados pelo Coronel Sabino Gonçalves Rolim que detinha o poder há mais de vinte anos, tendo apresentado como candidato a prefeito no ano de 1935, o seu filho médico, Dr. Vital Cartaxo Rolim, pela Liga Católica.

Serafim Nestor da Rocha tinha dois motivos para seguir politicamente a família Matos Rolim, apesar de estar morando recentemente em Cajazeiras, ambos, o Coronel Joaquim Matos Rolim e seu filho o Dr. Celso Matos Rolim, apoiaram a Aliança Liberal através do “Jornal Ação” financiado pelo Coronel Joaquim Matos e dirigido pelo Dr. Celso Matos e pelo Dr. Cristiano Cartaxo Rolim.

Depois da eclosão da Revolução de 1930, Dr. Celso Matos participou, como médico (juntamente com o Dr. Otacílio Jurema), de uma coluna que se destinava a

Juazeiro, na Bahia, fatos citados por Tota Assis no seu livro de memórias “Cajazeiras Que eu Vi e Onde Vivi”:

Cajazeiras vivia dias de inquietação e todas as notícias nos eram transmitidas por cartas e, principalmente, por jornais, sendo o principal deles o jornal oficial do Estado, “A União” e o jornal recém-fundado em Cajazeiras para defender e ajudar a campanha política do Presidente João Pessoa, denominado “Ação”, que tinha como direção os jornalistas Cristiano Cartaxo, Celso Matos, jovem médico recém-chegado do Rio de Janeiro e filho de um dos chefes políticos locais, o Coronel Joaquim Matos, além do fazendeiro, comerciante e farmacêutico José Guimarães Braga (ASSIS, 1986, p.89 e 92).

O segundo motivo era a amizade fraterna com o Dr. Salviano Leite Rolim, filho do juiz de direito Dr. José de Matos Rolim, irmão do Coronel Joaquim Gonçalves de Matos Rolim, prefeito eleito em 1935-1937, quando venceu o seu parente Dr. Vital Cartaxo Rolim. Amizade consolidada quando Serafim Nestor da Rocha foi chefe dos Correios na cidade de Piancó, em 1932, quando o Dr. Salviano Leite tinha sido nomeado prefeito pelo Interventor Dr. Gratuliano da Costa Brito.

Serafim Nestor da Rocha tinha admiração pela sua hombridade e respeito às coisas públicas, quando o mesmo passou pela Prefeitura de Piancó, em poucos meses organizou a máquina administrativa.

Pelos motivos citados, além de ser corregilionario e seguidor político, a amizade foi estreitada quando Serafim Nestor da Rocha escolheu o Dr. Salviano Leite para apadrinhar o seu filho Filemon Lustosa Cabral da Rocha.

CAPÍTULO X: A ESTRUTURA POLÍTICA EM CAJAZEIRAS EM 1936

A estrutura política em Cajazeiras, em 1936 tinha o domínio do Coronel Joaquim Mattos, gestão 1935-1937. Eleito pelo voto, tendo como opositor o Dr. Vital Cartaxo Rolim, filho do Coronel Sabino Rolim.

O Presidente da Paraíba era o Dr. Argemiro Figueiredo, gestão 1935-1937 eleito pelo voto indireto pela Assembléia Legislativa da Paraíba. O mesmo foi escolhido Governador com vinte e seis votos de trinta deputados existentes. Três votarem em branco – era a oposição e um, por estar doente, não pode comparecer. Foi escolhido por indicação de José Américo de Almeida, Ministro de Aviação e Obras (com a morte do Presidente João Pessoa, era o chefe político da Paraíba).

A estrutura de poder teve continuidade em Cajazeiras a partir de 1937 com o golpe de Estado de 1937/1945. Getúlio nomeia Argemiro Figueiredo como Interventor do Estado, ocasionando o rompimento do mesmo com o Dr. José Américo que estava cotado para ser candidato a presidente da república, com grande aceitação popular.

Dr. Celso Mattos Rolim, filho de Joaquim Mattos, foi escolhido por via indireta para prefeito do município de Cajazeiras, gestão 1937 a 1940, dentro da estratégia de prepará-lo para ocupar a chefia política naquele município, em substituição ao pai, ressaltada no livro de Francisco Cartaxo Rolim (2006, p. 121).

Celso Mattos perdeu o poder com a renúncia de Argemiro Figueiredo, em 1940, reflexo de pressões de Epiácio Pessoa Sobrinho, filho do falecido Governador João Pessoa.

Dr. Celso Mattos Rolim participou da revolução de 1930 ao lado do Dr. Otacílio Jurema. Foi nessa época que Serafim da Rocha conheceu o Dr. Otacílio Jurema que já era um político de destaque no grupo político liderado pelo Coronel Joaquim Mattos, avô da esposa de seu irmão, João Jurema.

Nesse espaço de tempo Serafim consolidou sua amizade com o Dr. Otacílio Jurema.

De 1938 em diante, Serafim Rocha vai se afastando gradualmente do grupo político do Coronel Joaquim Mattos de forma pragmática, motivado pelo rompimento com Argemiro Figueiredo, quando o mesmo ficou ao lado do Presidente Getúlio

Vargas no golpe de Estado de 1937, em detrimento do Dr. José Américo, o herói da Revolução de 1930, na Paraíba e das obras contra as secas do governo provisório de Getúlio em 1932, o político que deu continuidade as obras do presidente Epitácio Pessoa, quando as mesmas foram paralisadas no governo de Arthur Bernardes em 1925, fato esse ressaltado pelo historiador Deusdedit Leitão no seu livro Inventário do Tempo, a confirmação e a continuação das obras do açude Piranhas, quando o autor relata a paralisação desta obra iniciada no governo do Presidente Epitácio Pessoa, que contratou a firma americana DWIGHT P. ROBINSON, única capacitada para esse tipo de construção.

A idéia da construção do açude de Piranhas vinha desde 1910, mas o início dos trabalhos só se efetivou no governo do Presidente Epitácio Pessoa que contratou a sua construção com a firma Dwight P. Robinson, empresa americana especializada em engenharia de açudes e barragens. Paralisadas aqueles trabalhos em 1925, no governo do Presidente Arthur Bernardes, ficou todo o material e instalações mecânicas expostas ao abandono a que foram relegados pela incúria do governo federal. A 20 de junho de 1932 graças à providencial atuação do Dr. José Américo de Almeida, então Ministro de Aviação e Obras Públicas (DEUSDEDIT, 2000, p.88-89).

O afastamento definitivo de Serafim da Rocha do grupo do Coronel Joaquim Mattos Rolim se deu com o seu falecimento no dia 05 de fevereiro de 1940, vítima de atropelamento no Rio de Janeiro.

Serafim Rocha se afastou do grupo sem perder a amizade do Dr. Celso Mattos, companheiro na Revolução de 1930, prefeito da época e filho do Coronel Mattos.

Logo, não podia se expressar e expor suas idéias políticas – regime de exceção com suspensão de garantias individuais, liberdades políticas e partidárias e toda sorte de arbitrariedades praticadas pelas autoridades. Tiramos nossas conclusões e fazemos uma avaliação do ponto de vista do Sr. Serafim Rocha, analisando a conclusão do escritor Francisco Cartaxo Rolim no seu livro: “Do Bico de Pena a Urna Eletrônica”:

Com o golpe de 10 de novembro de 1937, o fechamento do Congresso, transformação dos partidos políticos em sociedades culturais e beneficentes, censura a imprensa, repressão policial e a coorte de malefícios peculiares às ditaduras, instaurou-se o Estado Novo (ROLIM, 2006, p. 119).

Outro motivo a ressaltar: Serafim Rocha já vinha tocando pequenas obras de calçamento de vias públicas com honestidade e eficiência, contrariando interesses de grupos de construtores estabelecidos com os vícios da época, e a instabilidade administrativa, que não dava segurança aos compromissos assumidos.

Não havia continuidade de gestão, nem seguimento de projetos administrativos próprios, devido ao pouco tempo dos mandatos dos prefeitos Solidônio Jácome Palitot, no ano de 1940 (somente três meses) e a do Capitão Severino Dias Novo - 1940 a 1941. Por esses motivos Serafim Rocha ficou afastado da política no período de 1940 a 1941, em Cajazeiras. A nível nacional, de 1938 a 1945, devido à ditadura getulista. Admirava o revolucionário e o político, não o ditador.

Serafim Nestor da Rocha havia lutado contra o governo do Presidente Washington Luiz e a favor de Getúlio Vargas, no entanto esse traiu o ideal revolucionário, implantando um governo ditatorial. Sentiu-se traído, apesar do Dr. Getúlio justificar o golpe de Estado para conter a ultra direita, representada pelo líder do Partido Integralista Plínio Salgado e frear o crescimento do comunismo expressado na Intentona Comunista de 1935 e um freio às correntes simpáticas a essas idéias, nos meios militares, tendo Luis Carlos Prestes como líder.

Serafim Rocha não comungava com essas idéias. O mesmo não apoiava o regime ditatorial, porque se afinava com os ideais dos tenentes, que era o combate à farsa eleitoral, sendo a favor do voto secreto, direto e universal. Em função desse descontentamento geral, foi decretado o “Código Eleitoral”, Decreto 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, que, segundo Walter Costa Pinto, transcrito do livro de Francisco Cartaxo, determinaria as mais fundas alterações do direito do voto que vigia na Primeira República, introduzindo a representação proporcional e, também, a classista, estendendo o sufrágio às mulheres, criando a Justiça Eleitoral e tornando viável o voto secreto.

Na visão de Serafim Rocha a ditadura getulista mudou de opinião, tirou o direito universal e democrático do voto no golpe militar de 1937.

CAPÍTULO XI: CORONEL JUVÊNIO CARNEIRO – GESTÃO HUMANISTA E DESENVOLVIMENTISTA



Foto 31: Calçamento da Av. Coronel Juvêncio Carneiro (antiga Rua Vidal de Negreiros), feito por Serafim Nestor da Rocha em 1942

Fonte: Acervo Possidônio Lacerda.

A administração do Coronel Juvêncio Carneiro gestão 1941-1944, foi dinâmica, com várias obras. Era um homem íntegro e muito humano na ótica de Serafim Rocha, seu grande amigo.

Era irmão de Joca Carneiro, muito próximo de Serafim, citado no Capítulo IV.

Essa aproximação deu condições a Serafim Rocha empreitar obras de calçamento nas ruas da cidade, sendo a mais importante foi o da antiga rua Vidal de Negreiros, que liga o começo da Estação Rodoviária Antonio Ferreira, próximo à casa dos Macambiras, até a Cadeia Velha, onde hoje é a Caixa Econômica Federal. Em 1944 aquela rua passou a chamar-se Av. Coronel Juvêncio Carneiro, em homenagem aquele prefeito

Com essas obras, Serafim Rocha se capitalizou para construir os seus primeiros prédios na Av. Camilo de Holanda.

Ressalta-se que naquela administração Serafim teve um grande apoio da Prefeitura, e com seu espírito empreendedor e humanista, abriu novas ruas e

delimitou quarteirões, na antiga Rodagem, situada ao sul da cidade, sendo a obra mais importante a estruturação da futura Praça Camilo de Holanda.

Hoje, toda aquela região tomou a denominação de Bairro Camilo de Holanda, por sugestão e iniciativa essa de Serafim da Rocha, que abriu mão de ser homenageado em vida com o nome daquela praça, como lhe foi oferecido pelo prefeito municipal. Serafim Rocha recusou dizendo que jamais aceitaria aquela homenagem em vida, sugerindo que fosse colocado o nome do ex-presidente do Estado da Paraíba, Camilo de Holanda (gestão 1916-1920), que admirava pela honestidade e pelo desenvolvimento que o mesmo imprimiu ao Estado, construindo várias praças, investindo na agricultura e construiu o Colégio Estadual de Umbuzeiro, cidade natal de Serafim da Rocha, qualidades expressadas por Fernando Melo no seu livro: Epitácio Pessoa, Uma Biografia, quando o mesmo exalta sua administração:

Uma vez no Governo, durante o quadriênio 1916-1920, Camilo de Holanda introduziu grandes melhoramentos na Capital, marcando a sua administração como uma das melhores na República Velha (MELO, 2005, p. 94).

Uma das obras mais importantes da administração de Camilo de Holanda foi o prédio da Escola Normal, onde hoje funciona o Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba, citado na obra de Celso Mariz no livro Evolução Econômica da Paraíba, transcrito no livro: Camilo de Holanda, Médico, Militar e Político, 2005, de autoria de Marcos Odilon. Marcos, nesta obra fala das homenagens feitas a Camilo de Holanda.

Outra significativa homenagem foi o nome da Avenida que parte da lagoa do Parque Sólon de Lucena na direção do litoral, até o bairro da Torre. A cidade de Cajazeiras, a 400 quilômetros da Capital, também o homenageou com o nome de uma praça, e hoje o povo, com a boa vontade de sempre, chama de Camillo de Holanda todo um bairro onde a praça está localizada (M. ODILON, 2001, p. 127).

CAPÍTULO XII: ESCASSEZ IDEOLÓGICA E BRIGAS PAROQUIAIS NO GOVERNO JUVÊNIO CARNEIRO E ORGANIZAÇÕES ADMINISTRATIVAS DE CURTA DURAÇÃO NOS GOVERNOS POSTERIORES

Quanto à questão político-ideológica na época de Juvêncio Carneiro se resumia a questões locais, interesses contrariados no âmbito da Prefeitura Municipal e intrigas. Mas esses percalços não conseguiram abalar a amizade entre o Prefeito e Serafim, devido ao forte vínculo de lealdade e amizade existente entre ambos. Como prova de apreço, Juvêncio Carneiro presenteou a Serafim com um par de óculos banhado a ouro, que o mesmo conservou por muito tempo e que lhe foi furtado num hospital em Campina Grande, quando Serafim se recuperava de uma cirurgia.

Através de Juvêncio Carneiro, Serafim Rocha se aproximou de seu sobrinho, Dr. Janduhy Carneiro, que na redemocratização de 1945 foi o fundador, juntamente com seu irmão o ex-interventor, Dr. Rui Carneiro do PSD – Partido Social Democrata, o estruturando em toda a Paraíba.

Serafim passou, assim, a votar em Janduhy Carneiro, quando Salviano Leite não era candidato.

No ano de 1944 com muita tristeza Serafim recebeu a notícia da morte do Coronel Juvêncio Carneiro. Faleceu em consequência de ataque cardíaco fulminante, onde o escritor Tota Assis, narra o acontecido no seu livro de memórias:

Em 1944 perdi meu pai. Nesse ano também, o Prefeito de Cajazeiras, o Coronel Juvêncio Carneiro, foi assaltado pela violência de um fulminante ataque cardíaco, em uma madrugada silenciosa. A morte me roubou um dos meus maiores amigos que, com sua dedicação, me fizera ligar a política de seu sobrinho, o grande paraibano Ruy Vieira Carneiro (ASSIS, 1986, p.138).

Com a morte do Coronel Juvêncio Carneiro, assume a Prefeitura de Cajazeiras, o interino Heronides Ramos, gestão 1944-1945, homem de confiança do interventor Rui Carneiro. Era um técnico, não político e ainda, forasteiro Apesar de honesto, porém não tinha o poder e a experiência política do ex-prefeito Juvêncio Carneiro, para lidar com as divisões internas do poder municipal. Conseqüentemente fecharam-se todas as portas referentes a contratos de obras.

Não cumpriram os contratos então vigentes com Serafim Nestor Rocha, inclusive com o não pagamento de serviços realizados.

Repetiram-se os mesmos problemas havidos após a morte do prefeito Joaquim Matos (brigas intestinas pelo poder), sem projeto político administrativo, devido ao pouco tempo de gestão dos prefeitos posteriores, o máximo de um ano no poder.

Como exemplos podemos nomear:

1. Hildebrando Assis - 1945/46
2. Manoel Cavalcanti Lacerda - 1946/47
3. Antonio José de Souza - 1947- interinamente
4. José Rolim Guimarães - 1947/ março/novembro

Estes modelos de administração não davam segurança política, administrativa e econômica a nenhum cidadão que trata com parcerias de obras para a Prefeitura.

Em 1947, Serafim Rocha independente das obras contratadas pela Prefeitura e o seu emprego nos Correios e Telégrafos, já vinha atuando na construção civil no entorno da praça Camilo de Holanda, construindo vários prédios em terrenos de sua propriedade, adquiridos por aforamento à Igreja Católica, obras construídas com os recursos obtidos em trabalhos prestados à Prefeitura.

Com o cancelamento dos contratos, Serafim teve que vender o estoque de sua mercearia, que seu filho mais velho Filemon, administrava juntamente com o seu irmão Bertholdo Rocha, desde 1939. A situação ficou tão difícil que teve que alugar o ponto ao comerciante Laureano Marques de Lima, com o compromisso de retornar a comercializar depois de pagar suas dívidas junto a fornecedores.

Ao mesmo tempo, vinha sofrendo perseguições políticas no seu emprego, advindas do seu chefe imediato, de nome Alcides, pertencente aos quadros da UDN – União Democrata Nacional, ligado ao Dr. Plínio Lemos, antigo líder político da Revolução de 1930, na ocasião, desafeto político de Serafim, devido às inclinações esquerdizantes citadas em capítulo anterior.

CAPÍTULO XIII: 1947 – 1949 – APERTO FINANCEIRO, TRAGÉDIA E RECUPERAÇÃO DO PATRIMÔNIO

Em 1947 Serafim Rocha abandonou o seu emprego nos Correios, devido a divergências pessoais e políticas com o seu chefe imediato, conforme citado no capítulo anterior, de nome Alcides.

Ao mesmo tempo desfez-se das mercadorias de sua mercearia para pagar dívidas com os seus credores. Em seguida, alugou o prédio para terceiros, não dispondo de outro meio de vida.

Em março de 1947 sua esposa foi diagnosticada com um câncer nos ovários.

A situação era muito difícil, desempregado, os prédios que possuía os aluguéis eram muito baratos, mal davam para pagar as dívidas.

Os deputados de Cajazeiras que estavam exercendo o poder de mando, Serafim Rocha não havia muitas afinidades políticas. Eram ligados aos desafetos de Serafim, na política municipal.

A sua maior preocupação era a doença de sua esposa, o obrigando a viajar até Russas, no Ceará, para vender uma das propriedades do espólio de sua consorte, na esperança de obter recursos para custear o seu tratamento. Um dos meios de tratamento, era a importação de penicilina importada dos Estados Unidos, o que foi inócuo.

Naquele desespero, foi logrado pelo comprador, o prefeito de Russas/CE, que, usando de má fé, forjou um documento incluindo as duas propriedades pertencentes à sua mulher, como se fosse um só imóvel.

De nada adiantou a venda dos dois únicos bens que lhes restavam. Com o tempo, foi constatado que não se curava câncer com antibióticos.

No final de 1947 sua esposa Francisca Lustosa Cabral veio a falecer, ficando Serafim Rocha passando uma grande provação: desempregado e com três filhos menores para criar. Para sobreviver, fabricava perfumes que vendia aos amigos, enquanto o seu filho mais velho, comprava rabos de cavalos para revender às usinas de algodão, que as utilizava na fabricação de peneiras para separar o óleo dos caroços do algodão, depois da moagem. Nos finais de semana, seu filho ainda caçava pequenas aves de arribação, para a alimentação da família.

No final de 1948, seu filho Filemon conheceu um senhor oriundo da cidade de Recife/PE, que vendia mudas de coqueiros nas feiras dos sábados e que o convidou para com ele trabalhar. No sábado seguinte ao convite, aquele senhor perguntou se Filemon não queria continuar com o seu comércio, pois já estava idoso e cansado, o que prontamente o seu filho aceitou, ficando com o restante das mudas e o endereço do fornecedor, em Recife.

Como Serafim estava desempregado, começou a desenvolver aquele comércio com o seu filho Filemon, vendendo as mudas dos coqueiros em toda a região do sertão, até o Juazeiro do Norte/CE.

A demanda foi tão grande que de 1949 ao começo de 1950, viajou muitas vezes ao Recife com o caminhoneiro Zé Henriques para trazer cargas de coqueiros. Melhorou a situação da família, pagou todas as dívidas e ainda sobrou algum dinheiro para financiar sua viagem ao Rio de Janeiro, no intuito de recuperar o seu antigo emprego nos Correios.



Foto 32: O Senador Epitacinho, o primeiro ao lado direito do Presidente Getúlio Vargas, em Campina Grande, na campanha para presidente, em 1950

Fonte: Acervo do site: <cgretalhos.com.blogspot>.

No espaço de tempo em que Serafim abandonou o emprego nos Correios (1947 ao começo de 1950), quase três anos desempregado e falido nos seus

negócios particulares, passando privações com a sua família, não baixou a cabeça e nem se humilhou, não se vendeu às conveniências políticas da época, manteve-se coerente com seus princípios ideológicos, tudo o que adquiriu foi com fruto de seu trabalho com algumas obras contratadas em gestões anteriores com a prefeitura de Cajazeiras e seu pequeno comércio de secos e molhados.

Oportunidades não faltaram quando o poderoso Senador Eptacinho Pessoa Cavalcante de Albuquerque¹, considerado como filho pelo Presidente Getúlio Vargas, depois da morte do Presidente João Pessoa, muito amigo e corregilionario de seu irmão Abelardo Pimentel da Rocha, que votava e trabalhava para o Senador, em Campina Grande e no cariri paraibano, no espaço de tempo de 1940, quando assumiu a Secretaria de Educação no Governo Argemiro, até 1951, quando morreu de maneira misteriosa, era um dos chefes do PTB, com todo o apoio de Getúlio Vargas, sendo um dos seus homens de confiança.

O Senador Eptacinho tinha toda uma estrutura para fazer política na Paraíba, era dono da Estação de Rádio Cariri, em Campina Grande, e do jornal Estado da Paraíba, que funcionou de 1945 a 1949, com apoio da máquina do Governo Federal, principalmente empregos, onde o PTB controlava o Ministério do Trabalho.

Serafim foi convidado para vir à Campina Grande pelo seu irmão Abelardo Pimentel Rocha para ter um entendimento com o Senador Eptacinho, em torno de algumas propostas feitas desde 1945, quando Eptacinho estruturou o Partido Popular Sindicalista – PPS. Quando iniciou o diálogo, Eptacinho falou em nome da amizade de Serafim com o seu pai, João Pessoa, que Serafim o chamava de Joca e da amizade que existia entre as duas famílias, devido à aproximação e o tamanho da cidade de Umbuzeiro-Pb onde todos se conheciam. O Senador fez uma explanação sobre o interesse da expansão do PTB na periferia de Cajazeiras, centralizando na Camilo de Holanda, que era um bairro popular, porque no centro daquela cidade, onde o conservadorismo era bem acentuado, predominava a representação dos partidos UDN e PSD. Argumentou que estava informado por Abelardo sobre o trabalho desenvolvido na Camilo de Holanda onde aconteciam vários eventos e o seu envolvimento político e o apoio de Serafim ao Dr. Otacílio

¹ Ex-Secretário de Educação do governo Argemiro Figueiredo, advogado, jornalista - minou o governo de Argemiro quando escreveu o livro plaquete “Desmascarando o mistificador”, (ano 1940, 226 p.), denunciando corrupção na administração, com interesse de substituí-lo, causando muitos atritos, o que acabou favorecendo o Dr. Ruy Carneiro, o fiel da balança.

Jurema. Que sabia dos seus empreendimentos naquele bairro e a sua popularidade e o respeito que detinha em Cajazeiras, especialmente na região sul da cidade. Propôs a Serafim filiar-se e candidatar-se pelo PTB. De início, Serafim receberia recursos para colocar uma gráfica para posteriormente editar um jornal que circularia em todo o sertão, ajudaria a estruturar o sistema de alto falantes repassando uma verba mensal para manutenção e garantia empregos para alguns de seus familiares. Serafim agradeceu as ofertas e renovou a consideração e amizade entre as famílias de ambos, porém recusou a oferta de filiação e os demais benefícios, por princípios ideológicos e os compromissos assumidos com o seu grupo político.

Em reuniões de família Serafim citava esses fatos, que se fosse um oportunista e sem ideais políticos, teria agido de forma diferente. Serafim dizia para os seus filhos que, mesmo estando desempregado, não aceitou a proposta e isso não impediu de realizar seus projetos:

Na reunião em Campina Grande tendo meu irmão Abelardo, como testemunha, o Senador Epitacinho, filho de meu grande amigo de caçadas e travessuras, a quem eu chamava de Joca, me fez uma proposta tentadora, só que não era do meu feitio, porque eu era um homem de palavra e com a moral acima de tudo. Primeiro me pediu para participar do PTB. Logo era um partido que eu não simpatizava. Eu não aceitei e falei que a última vez que fui filiado foi em Patos ao Partido Republicano da Paraíba e via a situação da família Sátiro no começo da Revolução de 30, tendo de brigar com um ex- correligionário de partido quando fiquei ao lado de Plínio Lemos, Adelgício Olinto de Mello e Major João Costa contra os Sátiros. Era uma situação difícil e depois o conflito em São José dos Cordeiros, em 1935, onde tive que trocar tiros com pessoas que eu convivia, tudo por causa do Partido Progressista, que eu era filiado, representado pelos Britos e pelo Partido Republicano Libertador, representado pelos Gaudêncios, resultando em várias mortes. Quando cheguei em Cajazeiras coloquei na cabeça de que não iria me filiar a nenhum partido, iria fazer política, que era uma coisa que eu gostava, sem precisar me filiar. Ia fazer a política de grupos, com liberdade. Não tinha interesse por cargo porque sem cargo eu fazia muito mais pela Camilo de Holanda e a minha situação em Cajazeiras era difícil, porque eu tinha amigos tanto na situação como na oposição. Quanto aos empregos, agradei as propostas e não aceitei. Tanto que até hoje não tenho nenhum filho no governo por causa da política (Serafim, em entrevista a familiares, no ano de 1978).

Em janeiro de 1950 Serafim viajou para a Capital Federal a convite do seu cunhado José Guedes Pinheiro, que ali residia.

No Rio de Janeiro procurou o Superintendente dos Correios, Dr. Francisco Barreto Sobrinho no Hotel Glória, a mando do Dr. Salviano Leite, que, na época, exercia um alto cargo no governo do General Dutra. O mesmo não se encontrava no

hotel Glória. Dois dias depois quando Serafim retornava para a casa do seu cunhado, ali encontrou o Dr. Barreto Sobrinho que fora convidado para almoçar.

José Guedes Pinheiro era uma pessoa muito bem relacionada e influente nos meios políticos. Apresentou Serafim Rocha a Barreto Sobrinho que aproveitou a ocasião para pedir o seu emprego de volta. Barreto Sobrinho assegurou-lhe que ficasse tranqüilo, podendo retornar para casa que seu emprego estaria garantido.



Foto 33: Deputado Barreto Sobrinho
Fonte: Acervo da Assembléia Legislativa da Paraíba

Depois desse gesto, Serafim tornou-se seu amigo e corregilionario e posteriormente seu compadre, pois o convidaria para ser padrinho do seu filho Edgley, fruto do seu segundo casamento com Maria José da Rocha.

Serafim Rocha apoiou Barreto Sobrinho em três eleições consecutivas para deputado estadual, nos anos de 1951, 1955 e 1959, sendo que nesse último sequer exerceu o cargo, pois faleceu no início da legislatura, falecendo no dia 11 de agosto de 1959. Serafim perdeu um grande amigo e companheiro de política.

Nas pesquisas feitas no livro “Memórias da Assembléia Legislativa”, constateei o episódio:

O Deputado Francisco de Paula Barreto Sobrinho não pode comparecer à sessão solene de instalação dessa legislatura, por motivo de doença, tomando posse por procuração, através do Deputado José Afonso Gayoso de Sousa. Manteve-se licenciado até 11 de agosto de 1959, quando faleceu, ocorrendo, conseqüentemente, a primeira vaga no Partido Social Democrata, preenchida pelo primeiro suplente Orlando Cavalcante de Melo (DEUSDEDIT, 1987, p. 132).

CAPÍTULO XIV: 1950 – RECOMEÇO ECONÔMICO E POLÍTICO: CONSTRUÇÃO DE PRÉDIOS, PAU –DE-SEBO, SERVIÇO DE AUTO FALANTES - SAF, DIVERSÃO DO POVO DE CAJAZEIRAS, AOS DOMINGOS

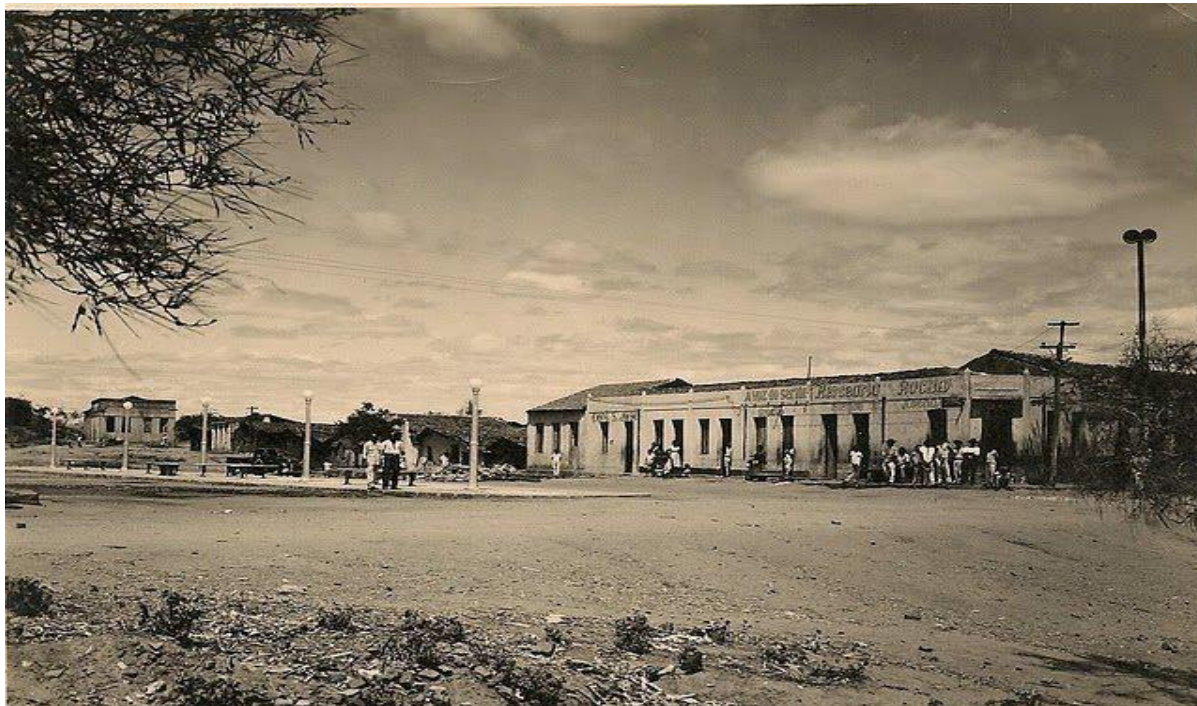


Foto 34: Praça Camilo de Holanda, antiga Rodagem - Onde tudo começou a partir de 1936 – mercearia, restaurante, sistema de alto falantes

Fonte: Acervo de Eduardo Pereira.

Em 1950 Serafim Rocha, também conhecido por Yoyô Rocha, retornou ao seu trabalho nos Correios e Telégrafos em Cajazeiras, em seguida passou dois meses na cidade de São José de Piranhas/PB, para assumir, interinamente, a chefia dos Correios.

Naquela cidade, durante os festejos do padroeiro São José, no mês de março de 1950, conheceu aquela que seria a sua segunda esposa, Maria José de Ferreira de Andrade, de família tradicional naquela região neta do professor Olinto Ferreira de Andrade e Otilia Ferreira de Andrade. Maria José estava hospedada na casa de Malaquias Gomes Barbosa, chefe político da UDN, de quem seu pai era corregilionario e vizinho no Sítio Caboclo. Poucos meses depois contraiu núpcias com a jovem Maria José, na Igreja N. S. de Fátima, em Cajazeiras, tendo como

celebrante o padre Francisco Pereira da Nóbrega. Maria José tinha 20 anos de idade e Serafim José da Rocha tinha 53 anos.



Foto 35: O casal Serafim e Maria José da Rocha, após o seu casamento em 1950
Fonte: Acervo da família Rocha

O casal teve sete filhos: Carlos Roberto, Edgley, Humberto, Alberto, Maria do Socorro, José e Aurélio, que vieram a somar-se aos três filhos do primeiro matrimônio de Serafim Rocha: Filemon, Camerina e Gersina. Maria José, apesar de ser muito jovem era responsável e ponderada, sempre estava ao lado do esposo nas horas mais difíceis. Serafim sempre acatava suas opiniões. Desde os seus quinze anos de idade, o pai de Maria José, José João Olinto Ferreira de Andrade, lhe confiava várias responsabilidades, era ela quem vinha, com seu irmão Paulo, conduzindo uma tropa de burros do sítio até Cajazeiras, trazendo oiticica e algodão para negociar no comércio daquela cidade, e na volta trazia mantimentos que abastecia a despensa de sua casa. Sua mãe, Joana Virgínia de Jesus, originária de Bonito de Santa Fé, exercia o ofício de parteira, era pessoa caridosa e de muita fé. Auxiliou no parto de muitas pessoas que até hoje são destaques em várias profissões (médicos, advogados, comerciantes e muitas pessoas do povo). Em entrevista, Maria José Rocha fala da origem de sua família:

Em 1935 quando eu tinha quatro anos de idade, em conversa com a minha tia-avó Inês Ferreira de Andrade, que contava com noventa e quatro anos de idade, esta me contou que a nossa família era oriunda de Catolé do

Rocha, que ela morava em um sítio, numa casa grande, alpendrada, com janelas com peitoris largos e que em frente à casa havia um açude enorme, onde nadavam patos e marrecos. O padrão da família era alto para a época, o meu bisavô, pai do meu avô Olinto Ferreira de Andrade, comprou um piano para que suas filhas Inês e Dona Moça aprendessem música. Tia Inês tocava violão e piano e Dona Moça tocava violão muito bem (Maria Rocha, em entrevista datada de 07.05.2009).

Serafim Rocha retornou ao seu trabalho a Cajazeiras no final de março de 1950, assumindo, definitivamente, a sua função, foram quase três anos de ausência.

O ambiente naquele órgão público começou a se acalmar naquele ano de 1950, devido ao acordo político denominado Coligação Democrática Paraibana, formada pelos partidos: PSD/PL/PTB, envolvendo os respectivos presidentes desses Partidos.

Pelo PSD, o Dr. Ruy Carneiro, candidato a Senador; pelo PL, Dr. José Américo de Almeida, candidato a Governador e o Dr. Epitácio Pessoa Sobrinho, Senador, representando o PTB.

Naquela campanha de 1950, Serafim Rocha trabalhou e votou em José Américo para Governador (PL), Senador, em Ruy Carneiro (PSD), Deputado Federal, Dr. Salviano Leite (PSD) e Deputado Estadual (PSD), Francisco Barreto Sobrinho.

Para Presidente da República votou no Brigadeiro Eduardo Gomes (UDN), o herói dos 18 do Forte de Copacabana em 1926, homem honesto e íntegro, nas palavras de Serafim Rocha. Ainda por cima, jamais votaria no Dr. Getúlio Vargas, candidato do PTB, naquela conjuntura, onde o PTB, Partido sindicalista, com suposta tendência ao peronismo, representado pelo Sr. João Goulart e o Embaixador, na Argentina, João Batista Luzardo, fatos muito comentados na época, na ótica de Serafim Rocha.

Nas pesquisas feitas a respeito do assunto comentado, foi encontrado notícias relatando os fatos, conforme citação do jornal pernambucano Diário da Noite onde cita a influência peronista e do comunismo:

Vasto Plano de Subversão Comunista – Acentuando a gravidade da situação, o Chefe da Casa Militar da Presidência da República, anunciou aos jornalistas cariocas que o Movimento Vermelho eclodiria em todo território nacional. O General Newton Cavalcante convocou, ontem, ao Catete, os jornalistas, aos quais falou como porta voz do Governo, revelando que o Governo Brasileiro estaria de posse de dados concretos comprovando as ligações existentes entre Vargas e o General Perón (DIÁRIO DA NOITE, Recife – PE, 11/08/50, p. 1, arquivo público).

Em 1950, em Cajazeiras, Serafim Rocha tinha como líder político o médico Dr. Otacílio Jurema, liderança conseguida por méritos, muito trabalho prestado e honestidade.

A pedido de Otacílio Jurema, Serafim votou no seu irmão o advogado Dr. João Jurema, para deputado estadual constituinte, em 1947, quando ambos militavam na ala americista da UDN.

Só que, em 1950, em comum acordo com Dr. Otacílio (que era candidato a deputado estadual pelo Partido Libertado – PL, acatou a decisão de Serafim Rocha em votar em Salviano Leite, para deputado federal, pelo Partido Social Democrata – PSD, devido a amizade e lealdade que nutria Serafim a Salviano Leite, que, em fevereiro de 1950, juntamente com Barreto Sobrinho, foram muito importantes na recuperação do seu emprego. Por esse mesmo motivo, votou para deputado estadual no Dr. Barreto Sobrinho, pela sigla do PSD, como citado neste mesmo capítulo.

O que incomodava Serafim em seguir a liderança do Dr. Otacílio, apesar de ter a liberdade de votar em outros candidatos e outros partidos, a nível estadual e federal, era a falta de fidelidade daquele político aos partidos, quando o escritor Francisco Cartaxo cita:

O partido mais estruturado em Cajazeiras foi a UDN que, isolado ou em aliança com outras forças, esteve a frente da Prefeitura Municipal ou partícipe do governo, conquanto, a figura mais expressiva, nesse período de nossa história, tinha sido Otacílio Guimarães Jurema, que não pautava sua militância partidária pelo princípio da fidelidade partidária (CARTAXO, 2006, p.128).

Otacílio Jurema elegeu-se vereador em 1935, pelo Partido Popular – PP-militou na UDN na ala do Dr. José Américo de Almeida, de 1945 a 1950 onde elegeu seu irmão João Jurema, Deputado Estadual/PB.

Em 1951 se elegeu prefeito de Cajazeiras/PB, pelo Partido Libertador – PL, partido criado com a saída dos liderados do Dr. José Américo, da UDN. Em 1954 elegeu-se suplente de senador pelo PSP – Partido Social Progressista, Partido liderado pelo seu colega da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, de 1923, Dr. Adhemar de Barros, eleito, juntamente, com o Dr. João Arruda, campinense, rico industrial, radicado em São Paulo, amigo e financiados das campanhas do ex-

prefeito de Campina Grande, Elpídio de Almeida, ambos pertencentes aos quadros do PSP de Campina Grande-PB.

Ressaltando que João Arruda e Otacílio Jurema foram eleitos pela Coligação Oposições Reunidas, juntamente com o Dr. Argemiro Figueiredo, representante da UDN, que fazia parte desta Coligação, representada pelos Partidos UDN/PSP/PTB/PR, que derrotaram o usineiro Virgínio Veloso Borges e o jornalista Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, que pleiteavam suas reeleições pela Coligação formada pelos Partidos.

Posteriormente, em 1959, Otacílio Jurema elegeu-se Prefeito de Cajazeiras, pelo PSP. Em 1962, licenciou-se da Prefeitura para concorrer ao cargo de Deputado Estadual pelo Partido Socialista Brasileiro - PSB, quando foi eleito.

A ida de Otacílio Jurema para o PSB, de cunho nitidamente socialista, foi um dos motivos pelos quais Serafim Rocha começou a se distanciar daquele líder político, bem como o contexto social daquele momento, que era de transformações ideológicas, representados pelas ligas camponesas e protestos dos estudantes, o que levou muitas lideranças políticas a eles se engajarem, não por convicções ideológicas e sim, por oportunismo político.

Naquele momento, a forma como o Dr. Otacílio Jurema fazia política se refletiu no seio da sociedade de Cajazeiras - PB, aprofundando o seu declínio político, refletido na eleição para deputado estadual pelo PMDB, em 1966, onde amargou uma derrota humilhante, obteve apenas 878 votos naquela cidade, onde pleiteava sua reeleição (dados obtidos no livro do escritor Francisco Cartaxo.

Serafim Rocha trabalhou e votou em Otacílio Jurema até 1962, começando a ruptura de forma lenta e gradual. Na campanha para prefeito em 1963 sendo candidato a prefeito pelo PSD Acácio Braga Rolim, que exercia o mandato de deputado estadual, eleito que fora em 1958, teve o apoio do Dr. Otacílio Jurema, prefeito na época, que antes já tinha sido deputado estadual pelo PSB em 07/10/1962, conforme citado acima. Licenciou-se para continuar prefeito, quando terminou o mandato de prefeito em 1963 continuou como deputado estadual pela legenda do PMDB.

Depois da reforma pós-revolução de 1964 após o Ato Complementar número 4, de 20/11/1965 foi criado o bi-partidarismo, formando a Aliança Democrática Nacional – ARENA – partido do Governo e o Movimento Democrático Brasileiro – MDB, oposição. O MDB era a única opção para o Dr. Otacílio Jurema, pois a ARENA

já estava estruturada em Cajazeiras com Chico Rolim exercendo o cargo de prefeito, Eptácio Leite Rolim, deputado estadual, eleito em quinze de novembro de mil novecentos e sessenta e seis e Edme Tavares de Albuquerque, Adjunto do Gabinete Civil do Governador João Agripino, este, posteriormente se candidatou e elegeu-se deputado estadual federal em várias legislaturas.

Os outros candidatos em 1963 eram Francisco Matias Rolim, pela UDN, antes tinha sido eleito vereador pelo PSD, em 1959 e presidente da Câmara, sendo liderado por Otacílio Jurema, o empresário Raimundo Correia Ferreira, pelo PSB e o agropecuarista José Leite, pelo PL.

Serafim já tinha votado, com ressalva, em Otacílio Jurema, para Deputado Estadual em 1962, pelo Partido Socialista Brasileiro. Devido as questões ideológicas não comungava com as idéias socializantes e demagógicas, na sua ótica. Sempre votou nos candidatos a prefeito indicados por Otacílio Jurema, sendo do PSD, UDN, mas na eleição de 1963 não votou no candidato de Otacilio Jurema, o agropecuarista Acácio Braga Rolim. Votou em Francisco Matias Rolim, pela UDN, seu amigo e muito popular. Comerciante de destaque iniciou sua vida sem recursos, um homem forjado nas lidas do campo. Era do PSD, citado acima. Como não teve apoio do seu partido, migrou para a UDN, onde foi eleito.

Na opinião de Serafim Rocha Francisco Matias Rolim era o único candidato capaz de derrotar o empresário Raimundo Ferreira, grande empreendedor, proprietário da Viação Brasília, de transporte interestadual, havia construído a Estação Rodoviária de Cajazeiras, um complexo de várias lojas, hotel e restaurante, muito importantes para o desenvolvimento daquele município.



Foto 36: Estação Rodoviária de Cajazeiras
Fonte: Blogspot Fátima Rolim.

Serafim não gostava e nem votou em Raimundo Ferreira por achá-lo muito orgulhoso e pedante e ainda por cima era o candidato de um partido pelo qual tinha ojeriza.

Otacílio Jurema entendeu e acatou o ponto de vista de Serafim e aceitou os seus argumentos. Naquele pleito Francisco Rolim tirou 2.413 votos, derrotou os outros dois candidatos. Acácio Braga tirou 2.195 votos e Raimundo Ferreira, 2.120 votos, onde do total apurado de 7.024 votos, Chico Rolim venceu com a diferença de 218 votos sobre o segundo colocado, Sr. Acácio Braga Rolim.

Francisco Matias Rolim fez uma grande administração, principalmente no setor educacional construindo o Colégio Estadual com o apoio do Governador Pedro Gondim, tirando o monopólio do ensino da Diocese, mas nomeou como Secretário de Educação, Monsenhor Vicente de Freitas, homem sério e preocupado com o desenvolvimento da educação no sertão. Tinha se destacado como diretor do Colégio Diocesano Padre Rolim e posteriormente como Diretor do Colégio Estadual Professor Crispim Coelho e da Rádio Alto Piranhas onde procedia com organização e disciplina acima de tudo.

Na Secretaria da Agricultura deu apoio aos agricultores quando adquiriu uma máquina moto-niveladora para abrir estradas vicinais para escoamento da produção e construir açudes.



Foto 37: Padre Vicente, abençoando moderníssima moto-niveladora adquirida no primeiro mandato de Chico Rolim

Fonte: Acervo de fotos de Claudiomar Rolim

Na Saúde construiu postos de saúde nos distritos, cumprindo com o slogan de sua campanha: Saúde, Educação e Agricultura.

Uma das obras mais importantes da sua administração foi a SAECA – Sociedade Anônima de Água e Esgotos de Cajazeiras, acabando com o problema de falta de tratamento e da distribuição de água na cidade que antes era transportada em carros de boi e burros e latas d'água, sem nenhum tratamento. Em seguida investiu no melhoramento da transmissão de energia elétrica, mudando do complexo da Usina Coremas/Mãe D'Água, que era deficiente, causando racionamento, prejudicando o desenvolvimento da cidade, para a Usina de Paulo Afonso.

Era a sua honestidade e disposição para o trabalho em prol do desenvolvimento de Cajazeiras que Serafim admirava em Chico Rolim.



Foto 38: Colégio Estadual de Cajazeiras Professor Crispim Coelho, obra da gestão do Prefeito Francisco Rolim, anos 60
Fonte: Acervo do Colégio Estadual.

CAPÍTULO XV: BAIRRO CAMILO DE HOLANDA EM 1960, PLENITUDE E REALIZAÇÕES DE SERAFIM NESTOR DA ROCHA – “SEU YOYÔ DA CAMILO DE HOLANDA”

Nos anos 60 a maior liderança e o prefeito de Cajazeiras era o Dr. Otacílio Jurema, no segundo mandato, gestão 1959/1963 tinha o apoio de Serafim Nestor Rocha com exceções citadas no Capítulo anterior. Ambos trabalhavam em parceria para o desenvolvimento do Bairro Camilo de Holanda com obras sociais e estruturantes como a abertura de novas vias de acesso, calçamento e remodelação da Praça Camilo e Holanda.

O desenvolvimento do bairro foi tão rápido nos anos 30 a 60 que, de praça passou a ser bairro que hoje, 2011, a região é a maior zona comercial de Cajazeiras.

Serafim e Dr. Otacílio se preocupavam com a educação e formação das crianças pobres daquela região. Serafim doou ao município um terreno de sua propriedade para que o Dr. Otacílio mandasse construir um grupo escolar que se denominou Grupo Escolar Municipal Crispim Coelho, que favoreceu a educação e instrução de muitos jovens da zona sul de Cajazeiras.

A mercearia de “Seu Yoyô” era o ponto principal da Camilo de Holanda, desde o início, em 1936. Continuou sendo ao longo do tempo, tanto que nos anos 50 era a referência principal quando eram realizados eventos em sua frente, aos domingos, como corridas de saco, show que oferecia prêmios e o mais importante era o “pau-de-sebo”, que fora emprestado pelo Padre Américo Maia, que havia sido usado numa das quermesses da Igreja, e estava encostado. O Padre Américo e Seu Yoyô por muito tempo foram amigos e essa amizade se deteriorou por um incidente envolvendo o dito “pau-de-sebo”, como veremos.

Os domingos eram tão animados na Camilo de Holanda atraindo multidões, e até os homens casados, desacompanhados de suas esposas. Esta festa melhorava o movimento da mercearia em setenta por cento. Toda festa popular tem bebidas e namoros. Esses foram os motivos que levaram as senhoras conservadoras da sociedade procurar o Padre Américo Maia e cobrar soluções.



Foto 39: Missa campal diante da Igreja N. S. Fátima, onde aconteceu o incidente sobre o “pau-de-sebo”

Fonte: Acervo do blog Sete Candeeiros Cajá.

Durante as festividades da festa da padroeira Nossa Senhora de Fátima, depois da missa campal, onde se fazia presente Serafim Rocha e sua esposa, sua filha e uma amiga do casal, o Padre Américo Maia começou sua pregação destratando Serafim, fato esse que o mesmo nunca esqueceu o desrespeito pela sua pessoa, sempre se referia ao fato em suas memórias, quando em 1977, se referiu pela última vez:

Senhores e senhoras católicos desta terra, vamos acabar com aquele “pau-de-sebo”, a Camilo de Holanda, hoje, é um antro de perdição! Um evento que começou a congregar a sociedade e divertir os mais jovens e os mais velhos que freqüentam aquela Praça. Hoje, pelo que me falam, está colaborando para separar a família cajazeirense. Eu espero que o cidadão que, indiretamente, está colaborando para separar a família cajazeirense atente para a realidade, esse evento é um dos fatores de discórdia no seio da família cajazeirense (Serafim Rocha, em entrevista no ano de 1977).

Naquela ocasião Serafim ficou triste e decepcionado pela atitude do Padre Américo. Todos os olhos convergiram em sua direção. No dia seguinte foi devolver o pau-de-sebo e pedir explicações para o padre Américo, onde os ânimos se exaltaram, havendo a intervenção do Padre Francisco Pereira Nóbrega para dirimir o conflito.

Depois dos ânimos acalmados, o Padre Américo explicou que agiu daquela forma a pedido de algumas senhoras da sociedade, que detinham, através de suas

famílias, o poder econômico e político e religioso. O padre optou em ficar ao lado daquelas senhoras porque era conservador e ele mesmo tinha aspirações políticas, tanto que, posteriormente ingressou na política estadual e foi eleito deputado por várias legislaturas.

Serafim Rocha, explicou que, com relação aquele fato, não podia, numa festa popular, mudar ou proibir o comportamento de ninguém e lembrou o que o pau-de-sebo havia sido emprestado pelo próprio sacerdote e esse foi omissivo sobre isso, nada esclarecendo no seu sermão. Depois desses acontecimentos, a amizade entre ambos nunca mais foi a mesma.

Independente da retirada do pau-de-sebo, a Camilo de Holanda não deixou de ser movimentada e festiva, concorria com os eventos que ocorrida na artéria principal de Cajazeiras, a Avenida Presidente João Pessoa, fossem nos carnavais ou nos eventos políticos. Quando a situação fazia seu comício na Praça João Pessoa, a oposição fazia na o seu na Praça Camilo de Holanda.

Esse atrito com o Padre Américo não cortou suas boas relações com a Diocese, tanto que Serafim reivindicou a construção da Igreja São João Bosco no Bairro Camilo de Holanda, nos anos 60. Foi o homem de frente, o engenheiro, o mestre de obra e o operário mais esforçado. Nas missas campais, fazia coletas para arrecadar fundos para a construção daquela igreja, contando com a ajuda significativa do salesiano Padre Sitônio, muito caridoso e obstinado nos trabalhos da Diocese.

O trabalho feito pelo padre Sitônio teve continuidade com o Padre Walter, primeiro pároco da Igreja São Dom Bosco, muito amigo de Serafim, que o considerava como irmão, aquele padre ajudou muito na grandeza e evolução espiritual das pessoas daquele bairro que, antes, conhecido como Rodagem, abrigava prostíbulos, pobreza e violência.

Na Igreja São João Bosco Serafim e sua esposa Maria José foram padrinhos de casamento e batizado de várias pessoas humildes daquele bairro.



Foto 40: Padre Walter, Mundinha e Serafim Rocha, em evento natalício
Fonte: Acervo da família Rocha.

Nos anos 60 Serafim Rocha já havia adquirido vários terrenos e construído vinte e cinco prédios na região do bairro Camilo de Holanda. Nos anos 70 já possuía trinta e seis prédios, incluindo algumas casas simples, todos construídos por iniciativa própria, obtendo os recursos com a venda de produtos de sua mercearia, seu comércio estava em pleno desenvolvimento.

Em 1969, juntamente com seu filho mais velho, Filemon, possuía dois ônibus, tipo “gaiola”, fazendo a linha Ipaumirim e Aurora, no Ceará, e algumas cidades circunvizinhas no Estado da Paraíba. Estes ônibus eram dirigidos pelos motoristas conhecidos por Nêgo Zelo e Antonio Macaúbas; dois caminhões, um Chevrolet 62 e um Super Alfa White, que faziam viagens para Campina Grande, Recife e algumas cidades do sudeste. Devido ao volume de trabalho, venderam a mercearia ao comerciante José Salvino e os ônibus “gaiolas” para outro comerciante, ficando Filemon responsável pelos dois caminhões. Filemon e Nêgo Chagas dirigiam o caminhão Chevrolet e Damião Silva o caminhão Alfa White. Empreendimentos que atuaram até os anos setenta, quando Filemon vendeu para iniciar um comércio de venda de pneus.



Foto 41: Modelo de ônibus que Serafim possuía
Fonte: Acervo do blog Carros Antigos.

Serafim Rocha também foi um dos pioneiros na implantação do sistema de alto falantes, que atuava e irradiava para a Praça Camilo de Holanda, nos eventos festivos, como se pode comprovar na foto 34 da página 79, da praça Camilo de Holanda, onde se vê uma difusora ao lado do prédio onde funcionava a Mercearia e Restaurante Rocha, de propriedade de Yoyô Rocha.

É importante esclarecer que os historiadores de Cajazeiras omitiram esse fato, quando destacaram os criadores e pioneiros dos serviços de alto falantes – SAF – inaugurado com a Difusora Rádio Cajazeiras, no centro da cidade, na Av. Presidente João Pessoa, em 05 de agosto de 1938 por Carvalho Dutra e Mozart Assis, com bastante mérito, tendo como “faz tudo” da dupla o Sr. José Adegildes Bastos – Zé do Rádio (ainda hoje proprietário do único serviço de alto falantes de Cajazeiras), dados colhidos do livro “Janela da Sedução Cotidiana”, do Professor Lúcio Vilar.

No mesmo livro o escritor destaca a coragem desses pioneiros em transformar a primeira emissora de rádio de Cajazeiras, vinte e cinco anos depois, com a potência de 250 watts (1/4 de Kw), e depois com 10.000 Watts (10 Kw), devendo passar para 20.000 watts (20 Kw). Dados colhidos do livro e autor acima citados, no ano de 1997.

O texto nos informa que depois do serviço de alto falantes de Carvalho Dutra e Mozart Assis, inaugurado em 1938, em seguida foi inaugurado o SAF, denominada “Difusora Rio do Peixe”, em 1949, de propriedade de Murilo Bandeira e cita que foi

Inácio Assis o proprietário do SAF denominado “A Voz do Sertão”, localizado na periferia de Cajazeiras. Houve um erro de avaliação e desconhecimento dos fatos: o terceiro SAF foi criado por Serafim Nestor da Rocha em 1950, com o intuito de animar as festas ao redor da Praça Camilo de Holanda, onde se situava o seu comércio, tendo como sócio o técnico em eletrônica Galdino Vilante e como locutor “Brigadeiro”. A periferia citada por Lúcio Vilar em seu livro era a Camilo de Holanda, na zona sul da cidade. Portanto, Serafim Rocha, Galdino Vilante e “Brigadeiro” também foram pioneiros no sistema de comunicação de Cajazeiras, sem tirar os méritos de Inácio Assis, um dos homens mais inteligentes de Cajazeiras, que adquiriu aquele serviço de Serafim Rocha, quando denominou o SAF de “A Voz do Sertão”.

O maior orgulho de Serafim Nestor da Rocha foi ter recebido o título de Cidadão Cajazeirense, pleiteado pelo vereador António Ferreira, outorgado pelos vereadores da Câmara Municipal em novembro de 1964, pelo reconhecimento do seu trabalho desenvolvido durante trinta anos em prol dos setores social, econômico e político de Cajazeiras, estando presentes à solenidade o Governador Pedro Moreno Gondim, o Ministro José Américo de Almeida, o Prefeito Francisco Matias Rolim e o Diretor dos Correios e Telégrafos da Paraíba.

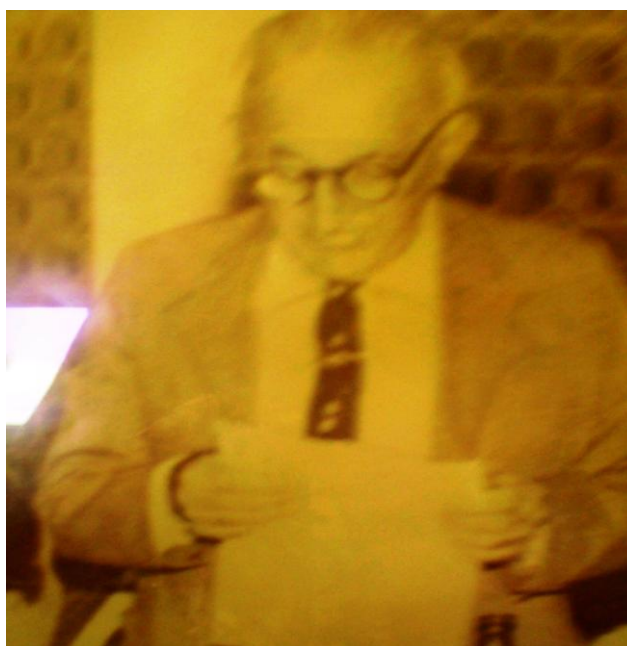


Foto 42: Serafim Nestor da Rocha aos 66 anos de idade, agradecendo o título de Cidadão Cajazeirense, com que foi agraciado pela Câmara dos Vereadores de Cajazeiras, em fevereiro de 1963.

Fonte: Acervo da família Rocha.

Serafim Rocha sempre falava para os seus filhos que aquela honraria que lhe foi conferida, foi o coroamento de um sonho concretizado, representava a conquista de uma batalha pessoal que representava sua honra e seus compromissos e que foram integralmente cumpridos. Não era uma vitória somente dele, mas de todos aqueles que compartilharam da sua história de vida.

CAPÍTULO XVI: CAMPANHA PARA PREFEITO, EM CAJAZEIRAS, EM 1969 – RAIMUNDO FERREIRA (MDB) versus EPITÁCIO LEITE ROLIM (ARENA)



Foto 43: Dr. Otacílio Jurema em reunião partidária, estando Raimundo Ferreira - sentado, vestido de branco, na segunda fila
Fonte: Acervo de Eduardo Pereira

Raimundo Ferreira era candidato, pela segunda vez, a prefeito pela legenda do MDB, apoiado por Dr. Otacílio Jurema que já tinha sido derrotado na campanha para deputado estadual em 1966 pela legenda do MDB, e nesta campanha seria sua última estratégia política apoiando Raimundo Ferreira aproveitando a suposta popularidade e a estrutura financeira do candidato. O que se comentava na cidade é que Raimundo Ferreira era bom de passeatas e ruim de votos. Nessa conjuntura, Serafim Rocha estava propenso a não votar no candidato apoiado por Otacílio Jurema por não simpatizar com as idéias e o comportamento do Senhor Raimundo Ferreira, fatos já citados nos capítulo anterior.

Serafim, na campanha para deputado estadual em 1962 votou no Dr. Otacílio Jurema, porém, não trabalhou, devido a questões ideológicas vez que não se afinava com o programa do PSB, seu partido, na época. Em 1966 quando Otacílio se candidatou a deputado estadual pela legenda do MDB, Serafim novamente não trabalhou na campanha pelos mesmos motivos, somente votou em Otacílio, que não

se reelegeu. Dr. Otacílio Jurema fez acordo político com Raimundo Ferreira para ter apoio futuro, caso o seu candidato fosse eleito prefeito, teria o apoio da máquina administrativa da prefeitura e o apoio econômico do mesmo. Este acordo era um processo natural porque ambos só teriam condições de se candidatarem pela legenda do MDB. Naquelas condições, Serafim foi coerente, não gostava do partido e jamais votaria em Raimundo Ferreira devido às campanhas anteriores, ressaltando a campanha para governador em 1965, onde Raimundo apoiou João Agripino, candidato pela UDN enquanto Serafim apoiou Rui Carneiro, pelo PSD, foi uma campanha muito disputada e violenta, fatos narrados pela segunda esposa de Serafim Rocha:

Esta campanha foi muito disputada e teve muitas confusões, ainda hoje tem famílias intrigadas na Rua Dr. Coelho devido a atritos. Eu me lembro que Yoyô mandou pintar um letreiro na barra da nossa casa e colocou um retrato do Dr. Rui Carneiro acima da porta principal e colocou luzes ao redor, logo na Rua Dr. Coelho onde passava todas as passeatas. Na passeata da vitória de João Agripino, que era representado por uma figura de jacaré (Rui Carneiro, na oposição era representado pela figura de um carneiro), aconteceu uma das maiores provocações dos opositoristas, os elementos da UDN, principalmente os ligados a Raimundo Ferreira, quebraram algumas lâmpadas e agrediram os amigos mais chegados de Serafim Rocha, batendo com couro de ovelha no batente da sua casa, dizendo que o jacaré comeu a ovelha e só restava o couro (Maria Rocha, em entrevista a familiares no ano de 1977).



Foto 44: Campanha para governador em 1965, Raimundo Ferreira apoiando João Agripino

Fonte: Acervo de Eduardo Pereira

A vitória de João Agripino, na época, foi muito discutida. O seu oponente Ruy Carneiro não aceitou o resultado, sempre comentava que houve roubo.

No ápice da campanha para prefeito de Cajazeiras, em 1969, Otacílio Jurema chega num carro, acompanhado pelo tabelião José Coelho e pelo comerciante Midú Cartaxo, com o objetivo de convencer Serafim Rocha a apoiar a candidatura de Raimundo Ferreira. Otacílio falou que havia feito um acordo com aquele candidato e contava com o seu apoio na Camilo de Holanda, Serafim respondeu que não votava no candidato e nem no partido e os motivos Otacílio conhecia, que se ele fosse o candidato votaria no amigo, porém não trabalharia na campanha, por questão ideológica. Otacílio, exaltado, respondeu: “Yoyô, eu estou defendendo o partido”, ao que Serafim retrucou: “Quem é você para falar de partido? Vive mudando de legenda, igual a macaco, pulando de galho em galho. Você sabe que sou homem de palavra, jamais vou votar em Raimundo Ferreira”. Otacílio encarou Serafim e retrucou: “Major, eu pedi para você votar em meu candidato porque eu trouxe benfeitorias para a Camilo de Holanda, nunca neguei seus pedidos”. Respondeu Serafim: “Eu retribuí a altura, seus candidatos que eu apoiei nunca perderam na Camilo de Holanda”. Os ânimos já exaltados, Serafim aberturou Dr. Otacílio foi preciso a intervenção dos outros amigos Midú Cartaxo e José Coelho que pediam calma, porém, a partir desse dia, a amizade entre Otacílio Jurema e Serafim Rocha acabou-se, nunca mais se falaram.

Esse episódio foi um passo para Serafim Rocha apoiar, definitivamente, os políticos da ARENA, representados por Edme Tavares, Francisco Matias Rolim, Antonio Quirino de Moura, Epitácio Leite Rolim e Ivan Bichara Sobreira. Na reforma partidária pós Revolução de 1964, Serafim Rocha não tinha nem um motivo para votar no MDB. Este partido acolheu os políticos do PCB e PTB, causando a ruptura com Dr Ruy Carneiro. O PCB tinha como representante o agrimensor Sabino Guimarães Coelho, o suposto mentor dos planos de apropriações das casas de propriedade de Serafim Rocha, fatos ocorridos no governo de João Goulart.



Foto 45: Francisco Rolim, Seu Nô, Batista, Antonio Quirino, Edme Tavares e Dr. Souza, Sentados. Em pé, Antonio Dias. Grupo da ARENA, apoiado por Serafim Rocha, a partir de 1969

Fonte: Acervo do blog O Último dos Moicanos.

CAPÍTULO XVII: CAMPANHA PARA PREFEITO EM CAJAZEIRAS EM 1972. O APOGEU DA POLÍTICA POPULISTA, DEMAGÓGICA E MESSIÂNICA, REPRESENTADA POR BOSCO BARRETO, UM LOBO VESTIDO DE CORDEIRO



Foto 46: Campanha política, em Cajazeiras, mostrando Bosco Barreto (de chapéu), ao seu lado direito, Acácio Rolim e Humberto Lucena, discursando
Fonte: Acervo da família Barreto.

A campanha para prefeito em 1972 foi uma das mais movimentadas em Cajazeiras. O MDB tinha dois candidatos a prefeito: João Bosco Braga Barreto e Acácio Braga Rolim, esse último, remanescente do PSD; Bosco Barreto era filho de um ex-membro do PSD, o fazendeiro Vicente Barreto. Acácio, ex-vice-prefeito, ex-deputado estadual e candidato a prefeito várias vezes pelo PSD. Bosco Barreto forjado na política estudantil de esquerda, muito em voga nos anos 60, ligado a Dom Hélder Câmara, sempre negava que era de esquerda.

Na visão de Serafim Rocha, Bosco Barreto era populista e messiânico, onde o próprio Bosco confirmava em entrevista:

Fiz faculdade também na Católica, em Pernambuco, Direito e Filosofia, e assim, me vi com Dom Hélder Câmara, em toda aquela mística que é admirada pelo povo nordestino e pelo povo brasileiro, de um modo geral. Isso aí foi uma absorção natural, não foi nada criado, premeditado. Quando iniciamos nossa campanha, fizemos uma campanha parecida com a de

Nazareno, Cristo, quando ele pregava à multidão, sempre chamava “meus irmãos”. Eu, então, copieei Cristo e enlargueci a idéia, “meus irmãos e minhas irmanzinhas também...” Era isso que dava um sentimento espiritual, simbolista a nossa campanha (CARTAXO, 2006, p.173).

A ARENA tinha o seu candidato natural: o industrial Dr. Higino Pires Ferreira, descendentes dos Rolim. Seu avô materno, Major Higino Rolim foi vereador, prefeito, juiz de paz e deputado provincial, era sobrinho do Padre Rolim.

Dr. Higino Pires, conhecido também Dr. Gineto, filho do industrial Major Galdino Pires Ferreira, ambos remanescentes da UDN. Gineto, amigo pessoal, e partidário do Governador Ernani Sátiro, que tinha a máquina administrativa e obras no Estado, que seria uma grande força para eleger o Dr. Gineto, que, apesar de ser o homem mais rico da região, era simples e honesto, muito benquisto, candidato de consenso no seu grupo, bom patrão e desportista, era patrono do principal time de futebol da cidade, o Atlético, com grande chance de vitória, porém no começo da campanha sua candidatura foi impugnada, porque o mesmo exercia um cargo de dirigente numa cooperativa de crédito. Seu adversário, Dr. Bosco Barreto entrou com uma ação pedindo a impugnação da sua candidatura, o que foi acatada pela Justiça Eleitoral da Paraíba.

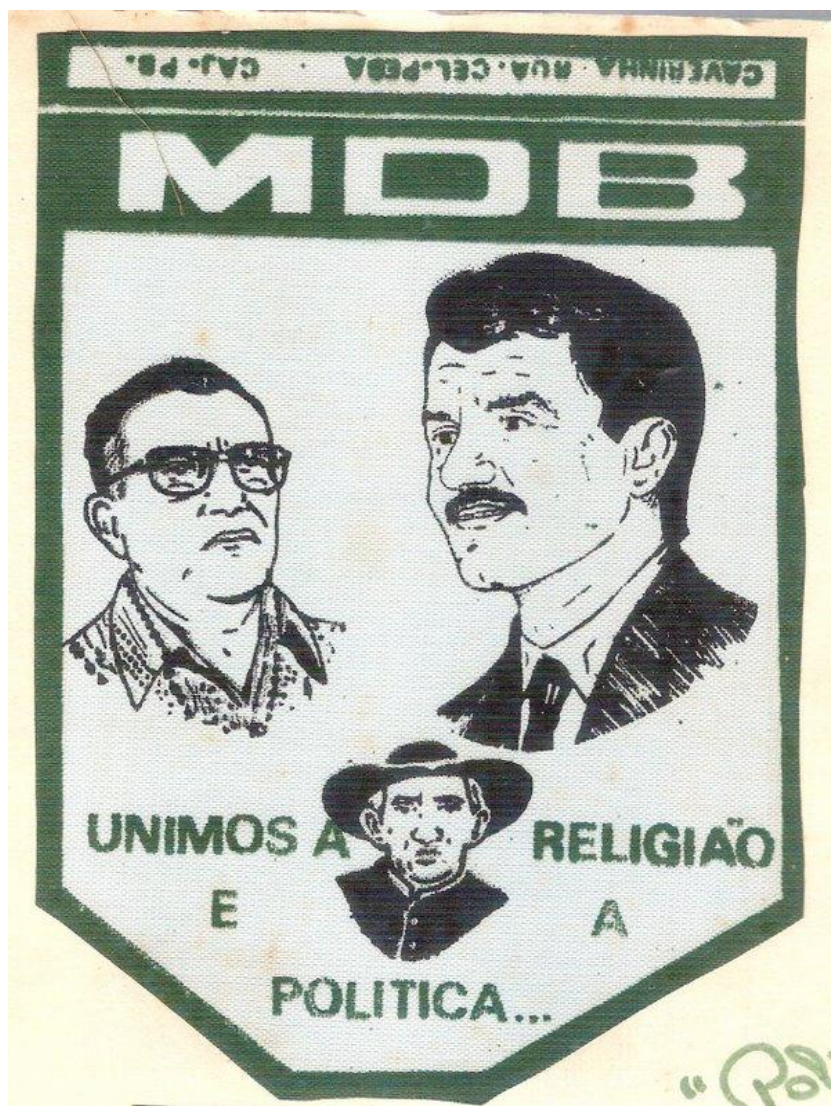


Foto 47: Propaganda de Acácio Braga e João Bosco Barreto

Serafim Rocha iria votar em Dr. Gineto, porque o mesmo não gostava do estilo de fazer política de Bosco Barreto, de forma agressiva, demagógica e populista, principalmente o messianismo, quando se usava os estandartes de Padre Cícero e Frei Damiano e terço nas mãos. Serafim repudiava essa forma de fazer política, utilizando símbolos católicos, por ser ele mesmo devoto de Padre Cícero e da padroeira do Juazeiro do Norte, Nossa Senhora das Dores, achava uma blasfêmia. Como cidadão não aceitava o seu candidato a vice-prefeito, Francisco de Assis Coelho, que conhecia da antiga Rodagem, achava-o despreparado para o cargo, onde em entrevista feita em 1978, Serafim dizia:

Francisco era um menino esforçado, uma criança extrovertida, gostava de discursar, improvisava uma lata num cabo de vassoura e usava como microfone, fazendo discursos. Independente de sua origem esse foi o candidato que o senhor Bosco escolheu como vice, isto é, não foi Bosco que o escolheu, foi o empresário Raimundo Ferreira, que foi convidado para ser o vice, mas com seu orgulho conhecido não aceitou, indicou Francisco Coelho. Era o que se comentava em toda a cidade que Francisco era “moleque de recado” de Raimundo Ferreira e dizia-se à boca pequena que existia um acordo que, na campanha para deputado estadual em 1974, Bosco renunciaria ao cargo para assumir o seu vice-prefeito, que era marionete do Sr. Raimundo Ferreira, realizando o sonho do mesmo de administrar a prefeitura de Cajazeiras, por vias indiretas. Como eu falei, não era preconceito por ser o estudante Francisco Coelho pobre, mas sim, a responsabilidade histórica que teria pela frente. Eu o achava imaturo e despreparado para o cargo (Serafim Rocha, em entrevista a familiares, ano 1978).

Serafim Rocha com 75 anos de idade não atuava mais na política partidária, mas fazia questão de pedir votos para o candidato da ARENA. Para ele era questão de honra derrotar aquele candidato demagogo e populista. O chamava de lobo disfarçado de cordeiro. Serafim fez até uma promessa para Padre Cícero: iria até o Juazeiro do Norte, como sempre fazia por ocasiões das missões agradecer caso Antonio Quirino, opositor de Bosco Barreto, conseguisse se eleger, o que de fato ocorreu, tendo Serafim Rocha viajado e, no local onde estão depositados os objetos do Padre Cícero, foi agradecer a graça alcançada.



Foto 48: Serafim pagando uma promessa em Juazeiro do Norte-CE
Fonte: Acervo família Rocha

Com a desistência do Dr. Gineto em não recorrer da ação impugnatória, o candidato escolhido pela ARENA foi o advogado e bacharel em história, Antonio Quirino de Moura, que na época exercia o cargo de direção do Colégio Estadual de Cajazeiras, um homem honesto e simples que Serafim gostava muito. Foi o vencedor naquela eleição, numa campanha muito equilibrada. Fez uma boa administração, foi um dos melhores prefeitos de Cajazeiras, operoso, abriu novas avenidas, idealizou e construiu a Biblioteca Castro Pinto, calçou várias ruas, ampliou a Avenida Padre José Tomás, uma das principais artérias do centro de Cajazeiras, construiu a Avenida Francisco Aprígio Nogueira, na zona sul da cidade, contribuindo para o desenvolvimento daquela região. Sua administração teve tanta projeção, que se elegeu três vezes para deputado estadual, o primeiro mandato como terceiro suplente, no segundo eleito e o terceiro mandato, como suplente.

Em 1993 Quirino se elegeu como vice-prefeito do Sr. José Nello Rodrigues, popularmente conhecido por “Zerinho”.

Quanto ao Dr. João Bosco Barreto, se elegeu deputado estadual em 1974. Antes já tinha usado o nome do Padre Cícero numa organizada romaria para o Juazeiro do Norte para agradecer a expressiva votação para prefeito em 1972, já pensando em se candidatar para deputado estadual pelo MDB, em 1974, usando os incautos, fanáticos e seguidores mais próximos. Nessa campanha continuou usando os mesmos componentes messiânicos na sua trajetória, na invocação de Padre Cícero, de permeio com a tradicional devoção a Frei Damião. Isso vez de Bosco Barreto um poderoso condutor das massas urbanas e rurais, por ele mobilizadas, na opinião do escritor Francisco Cartaxo.



Foto 49: Bosco Barreto com eleitores e staff político
Fonte: Acervo de Eduardo Pereira

Bosco Barreto ainda teve força política até 1978, na campanha para o senado foi o segundo mais votado depois de Humberto Lucena, ficando como primeiro suplente. Devida a sublegenda, a sua votação ajudou Humberto Lucena derrotar Ivan Bichara Sobreira, que tinha sido governador. Bosco Barreto derrotou Ivan Bichara em Cajazeiras, que, quando governava, implantou ali o esgotamento sanitário, a Companhia de Polícia e a obra do canal do açude Epitácio Pessoa, chamado Açude Grande.

Antes, em 1976, João Bosco Barreto concorreu pela segunda vez à prefeitura de Cajazeiras, perdendo para o ex-prefeito Francisco Matias Rolim pela legenda da ARENA, que já havia sido anteriormente eleito pela legenda da UDN.

João Bosco Braga Barreto por questões políticas e pessoais mudou de partido para o PDS, acompanhando o seu financiador político Marcondes Benevides Gadelha. Bosco foi o fiel da balança em 1982, nas eleições para prefeito, contra Vitoriano de Abreu, do mesmo partido, quando apoiou Epitácio Leite, provocou desequilíbrio de força entre as duas facções que compunham o PDS cajazeirense, derrotando Antonio Vitoriano, o candidato de Francisco Rolim, por diferença de 1.068 votos. Depois encerrou sua carreira política de forma melancólica, não conseguindo se reeleger deputado estadual em 1984, com o apoio do prefeito Epitácio Leite. Deixou a política quando foi nomeado Defensor Público do Estado, nomeado pelo ex-governador Wilson Leite Braga, a quem tanto criticava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta monografia sobre de Serafim Nestor da Rocha onde foi feita uma retrospectiva de sua vida, de Umbuzeiro até Cajazeiras, da sua trajetória política, social e econômica, tivemos por base entrevistas feitas em áudios conservadas em poder da sua família e entrevistas com familiares, em áudio e vídeo, sobretudo com a segunda esposa, Maria José da Rocha, e seu filho mais velho, Filemon Lustosa Cabral, onde pude me aprofundar e tirar muitas dúvidas sobre os reais acontecimentos ocorridos no decorrer de décadas na vida do monografado. O mais importante foram análises e comparações de datas e fatos históricos, de transformações ao longo do tempo, em livros, jornais, revistas, internet, etc., fatos acontecidos entre 1915 e 1978, onde o mesmo participou como eleitor, tendo Serafim Nestor da Rocha como partícipe indireto.

Não podemos deixar de mencionar a importância dos escritores e historiadores Deusdedit Leitão, Tota Assis, Francisco Sales Cartaxo e suas respectivas obras: “O Inventário do Tempo”, “As Cajazeiras que Eu Vi e Onde Vivi” e do “Bico de Pena à Urna Eletrônica”, onde as mesmas serviram para fazer comparações de datas e fatos históricos em Cajazeiras, a partir da chegada de Serafim Rocha (Seu Yoyô), em 1936, até a sua mudança para João Pessoa em março de 1980.

Ao transcrever estes fatos históricos em forma de monografia onde se ressalta o destino de Serafim Rocha, de ter nascido em Umbuzeiro de Natuba, terra de Epitácio Pessoa, João Pessoa e Francisco Chateaubriand Bandeira de Melo, advogado, proprietário dos Diários Associados de Comunicação, talvez o maior empresário de comunicação do Brasil, grandes vultos históricos da minúscula Umbuzeiro, na Paraíba, onde Serafim sempre falava com exaltação: “Terra de homens que constroem homens”.

Devido ao seu tamanho territorial, fazia-se a integração e a convivência dessas famílias com a família paterna e materna de Serafim Rocha, citando como exemplo, a amizade entre o pai de Chateaubriand, que era juiz municipal em 1892, Francisco José Chateaubriand Bandeira de Melo e também o ex-presidente da Paraíba na gestão de 1924 a 1928, João Suassuna, que também foi juiz municipal em Umbuzeiro antes de ser nomeado presidente da Paraíba por Epitácio Pessoa.

Todas as figuras ilustres mencionadas neste trabalho monográfico, começando em Umbuzeiro, Campina Grande, Patos, Piancó, São José dos Cordeiros e Cajazeiras, Serafim nas suas lembranças falava dessas pessoas e daquelas cidades, dos seus feitos e realizações, principalmente em Cajazeiras onde fez grandes amigos tais como o Dr. Deodato Cartaxo, Carlos Paulino, Carlito Holanda, Donato Cartaxo, José Coelho, Donato Pereira, Dr. Aldo Matos, Trajano Lopes, Timóteo Pereira, José Mamede e Luiz Paulo.

Foram analisadas as situações ideológicas, econômicas e a postura moral de Serafim da Rocha, onde o mesmo fazia questão de preservar os seus princípios no contexto complexo de interesses individuais e de grupos, usando o bom senso e agindo de forma pragmática, rejeitando propostas que não se coadunavam com as suas idéias.

Para sobreviver de forma digna, passou privações, arriscou sua vida para realizar seus sonhos, seguindo os preceitos e ensinamentos de sua família. Foi coerente durante até o fim da vida. Morreu em João Pessoa/PB, no dia 11.03.1983, aos 86 anos de idade, no então Hospital Newton Lacerda, em decorrência de cardiopatia. Preservou até o final a sua dignidade e respeitado por sua família e seus pares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Horácio. **História da Paraíba**. Tomo II. Ed. A União, 1997.

CAJAZEIRAS. **Revista do Banco do Nordeste do Brasil em homenagem à cidade de Cajazeiras**. PB. Ed. GAPRE, 1983.

CAJAZEIRAS, 199 ANOS DEPOIS. **Fascículo da publicação da Comissão Especial do Bicentenário do Padre Rolim**. 1999.

COSTA, Antonio Assis. **As Cajazeiras que Eu Vi e Onde Vivi**. Gráfica Progresso Ltda. 1982.

COUTINHO, Marcos Odilon Ribeiro. Camilo de Holanda, Médico, Militar e Político. **Revista Atualizada**. 2. ed. Ed. Papel e Pano, 2005.

DUARTE, Sebastião Moreira. **Do Miolo do Sertão: A História de Chico Rolim Contada a Sebastião Moreira Duarte**. João Pessoa: Ed. GrafSet, Gráfica e Editora Ltda, 1988.

ERNANNY, Draudt. **Meninos Eu Vi: E Agora Posso Contar**. Ed. Record, 1988.

FERNANDES, Flávio Sátiro. **Na Rota do Tempo**. Ed. Imprell, 2003.

FILHO, Humberto Café. **Do Sindicato ao Catete, Memórias Políticas e Confissões Humanas**. 1º Volume. Rio de Janeiro: Ed. Livraria José Olímpio, 1966.

GONÇALVES, Evaldo. **Momentos Campinenses & Outros Momentos**. Ed. A União, 2000.

JÓFFILY, José. **Entre a Monarquia e a República, Idéias e Lutas de Irineó Jóffily**. Rio de Janeiro: Ed. Livraria Kosmos Editora, 1982.

JÓFFILY, José. **Porto Político**. Ed. Civilização Brasileira, 1983.

JORNAL GAZETA DO ALTO PIRANHAS, 2009.

LEITÃO, Deusdedit. **Inventário do Tempo, Memórias**. Ed. Empório dos Livros, 2000.

LEITÃO, Deusdedit. **Vida e Obra do Padre Rolim**, 1978.

LIMA, Aluisio Pereira; ALMEIDA, Aguinaldo. **Plaquete Paraíba Nomes do Século, Série História**. José Pereira de Lima, Ed. A União, 2000.

MARIZ, Celso; LEITÃO, Deusdedit. **Memórias da Assembléia Legislativa**. Ed. A União, 1987.

MATOS, Eilzo Nogueira. **Plaquete: Salviano Leite, Breves Dados Biográficos**, 2000.

MELO, Fernando. **Epitácio Pessoa, Uma Biografia**. João Pessoa: Ed. Idéia, 2005.

MELO, Fernando. **João Pessoa, Uma Biografia**. 3. ed. João Pessoa: Ed. Idéia, 2003.

MELLO, José Otávio de Arruda. **Sociedade e Poder Político no Nordeste, O Caso da Paraíba, 1945/1964**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2001.

MELLO, José Otávio de Arruda. **Nos tempos de Félix Araújo, Estado Novo, Guerra Mundial e Redemocratização, 1937/47**. João Pessoa/PB: Ed. SEC-PB/IPHAE/PB, 2003.

MELLO, José Otávio de Arruda. **História da Paraíba**. Ed. Universitária UEPb, 1996.

NETO, Dorgival Terceiro. **Paraíba de Ontem, Evocações de Hoje**. Ed. UFPB, Gráfica Santa Marta, 1999.

NÓBREGA, Bertino. **Tempos de Octacílio Queiroz – Perfil de Uma Vida**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2000.

Ó, Alcides Albuquerque do. **Campina Grande História & Política, 1945-1955**. Edições Caravela/NPC, 1999.

RAPOSO, Eduardo. **1930, Seis Versões e Uma Revolução, História Oral da Política Paraibana (1889-1940)**. Ed. Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 2006.

ROLIM, Francisco Cartaxo Rolim. **Do Bico de Pena à Urna Eletrônica**. Edições Bagaço, Recife/PE, 2006.

SUASSUNA, Ariano. **Plaquete João Suassuna - Paraíba Nomes do Século**, Série Histórica, Nº 3, Ed. A União, 2000.

VILAR, Lúcio. **Janelas da Sedução Cotidiana: Estudo Sobre Cultura e Comunicação**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997.

Pesquisas na Internet, blogspot CG Retalhos, blogspot Os Moicanos, blogspot da Diocese de Cajazeiras, Memorial da Assembléia Legislativa da Paraíba, Senado Federal, blogspot Carros Antigos.

ANEXOS

uma vaga na Assembléia Legislativa Estadual. Resultado neste Município: João Minervino de Almeida, funcionário publico, 426 votos.

Setembro – Organiza-se a Festa da Padroeira deste ano, mediante a formação das seguintes Comissões: COMISSÃO CENTRAL: Pe. José Viana, Presidente; Luiz de França Vieira, Tesoureiro, Drs. Pedro Firmino, José Genuíno C. de Queiroz, José Peregrino, Cícero Ramalho, Cmte. Irineu Rangel, Cels. João Olinto e Miguel Sátyro. COMISSÃO para angariar donativos e organizar os leilões: Sra. Rimídia Gayoso, Maria Firmino, Luzia Torres, Apolônia Gomes, Honorata Cartaxo, Francisca Olinto. COMISSÃO de ornamentação da Matriz: Emília Pires, Francisca Sátyro, Ana Gomes, Joana Meira, Maria Nunes, Elvira Meira. COMISSÃO DOS JOVENS: Maria do Carmo Meira, Diná Queiroz, Maria Eudócia, Candu Machado, Nevinha Nóbrega, Iza Gomes, Guiomar Figueiredo, Sunsa Meira, Clóvis Sátyro, Dr. F. Lima Neto, José Jorge, Tiburtino Leite, Severino Rocha, Otávio Fernandes, Josué Farias, Aristides Hamad.¹⁹²

5 de setembro – O Prefeito faz apelo, através do Jornal do Sertão, “às pessoas que conservam carneiros soltos na cidade para que os retirem”, “porquanto, além de ser proibida a criação no perímetro urbano, está sendo por esses animais danificada a arborização pública ainda em começo”.¹⁹³

11 de novembro – Aniversário do Cel. Miguel Sátyro, chefe político local, que é alvo de homenagens por parte dos amigos e correligionários. O Jornal do Sertão assim noticiará o fato: “Revestiram em caráter todo singular, pela magnitude e elegância com que se realizaram, as festas que a sociedade e o povo de Patos efetuaram, solenizando a passagem, a 11 deste, do aniversário do Cel. Miguel Sátyro, acatado homem público e chefe político de real e intrínseco prestígio, neste Município”. Segundo o relato, na residência do homenageado, foi-lhe oferecido seu retrato, falando na ocasião, em nome de todos, o Dr. Renato de Azevedo, tendo, em seguida, o homenageado agradecido, visivelmente emocionado. “Após, seguiu-se a soirée dançante, oferecida pelo Cel. Miguel Sátyro e família. Compareceram, acompanhados das respectivas famílias: Dr. Renato de Azevedo (orador), Dr. Cícero Ramalho, Dr. Pedro Firmino, Dr. José Genuíno, Dr. Álvaro Rimígio, Dr. Alberto Diógenes, Cel. Narciso Monteiro, Manuel Canuto Torres, Cmte. Irineu

¹⁹² Jornal do Sertão, 5 de setembro de 1926.

¹⁹³ Idem, ib..

Rangel, Tte. Nestor Cabral, Pedro Xavier, Silvino Mathias, Juvenal Lúcio, José Gomes de Lucena, Antonio Machado, Antonio de Sousa Gomes, Major Francisco Machado, Cândido Castiliano, Antonio Herculano, José Jorge, Misael de Sousa, João Evangelista, Francisco Escarião, Pedro de Sousa, Odílio Wanderley, Cícero Meira, Severino Meira, Licério Almeida, Manoel Meira, José Carolino, Manuel Cabral, Alexandre Enéas, D. Nana Gomes, Senhorita Guiómar de Figueiredo, Dr. Abelardo Lobo, Cel. João Olinto, Fulgêncio Lins, Cícero Salustiano, Francisco Sancho, Pedro Rafael, Adelino Rafael, José Florentino, José Florentino Jr., Tomás de Cantuária, Aristides Hamad, Francisco Veríssimo, Abílio Cunha, Joaquim Cardoso, Severino Mota, Pedro Meira, Pedro Oliveira, Diogo Luna, José Guedes, Francisco Leão, Srtas. Leonides e Amália Gomes, João Cândido Duarte, José Cirilo, Antonio de Farias, Francisco Henrique, Donas Francisca e Regina Sátiro, Francisco Flório, Severino Maracajá, Adrião Leite, Manuel Gomes de Lima, Francisco Caetano, João Pedro de Queiroz, Francisco Vieira Filho, Fenelon Bonavides, Gonçalo Botto, Octávio Fernandes, Cícero Alves Torres, José Palmeira, Júlio Meira, Alberto Cunha, Francisco Vicente de Araújo, Virgílio Ayres Dantas, José Calazans, Manoel Fernandes, Severino Gomes Meira, Manoel Henriques da Silva, João Azevedo, Pedro de Magalhães Rocha, Joaquim Manoel do Nascimento, José Efigênio, Joaquim Toscano, Senhoras Belinha e Candu Machado, João Norberto Machado, Eduardo Magalhães, Luís Henrique, Antonio Justiniano, Manoel Severino de Sousa, Dr. Fenelon Nóbrega, Eulácio Araújo, Arquimedes G. do Amaral, Cel. José de Vasconcelos Magno, Srtas. Iza e Flávia Gomes, Dr. Francisco de Lima Neto, Raimundo Coentro, Serafim Nestor da Rocha, Dr. Norberto Baracuh, Srtas. Toinha e Beatriz Gomes.¹⁹⁴

28 de dezembro – O Bispo de Cajazeiras, Dom Moisés Coelho, acatando sugestão vigário Pe. José Viana, provisiona José Gomes de Lucena nas funções de sacristão da Matriz de Nossa Senhora da Guia.¹⁹⁵

1927

Neste ano assume o paróquiato local o Padre Geraldo Van Der Geld.

21 de janeiro – É exonerado do cargo de Promotor Público o Bel. Cícero Mateus Carvalho e nomeado, por ato do mesmo dia, para substituí-lo, o Bel. Gratuliano da Costa Brito.¹⁹⁶

¹⁹⁴ Jornal do Sertão,

¹⁹⁵ 3º Livro de Tombo da Freguesia de Nossa Senhora da Guia.

¹⁹⁶ Anotações do Historiador Deusdedit Leitão.

**DISCURSO DE SERAFIM NESTOR DA ROCHA POR OCASIÃO DO
RECEBIMENTO DO TÍTULO DE CIDADÃO CAJAZEIRENSE, PELA CÂMARA
MUNICIPAL, NA DATA DO CENTENÁRIO DE CAJAZEIRAS, EM NOVEMBRO DE
1964**

Excelentíssimo Senhor Governador Pedro Moreno Gondim; Excelentíssimo Senhor Ministro José Américo de Almeida; Excelentíssimo Senhor Diretor dos Correios e Telégrafos; Autoridades civis, eclesiásticas e militares.

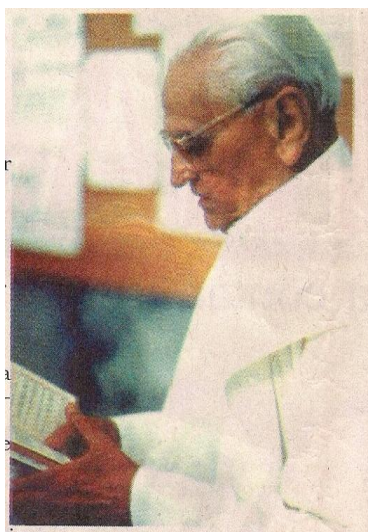
Aqui estamos cajazeirenses para prestar a nossa homenagem por ocasião do centenário do teu município.

Sinto-me honrado em receber o título de Cidadão Cajazeirense, muito me honra embora já me considerasse um dos teus filhos, pelo coração. Em ti vivi quase uma existência, trabalhei e trabalho dentro de minhas possibilidades, cooperando com mais uma parcela de progresso para o teu engrandecimento, com um pequeno patrimônio que muito me orgulha: o bairro Camilo de Holanda, que, à custa de sacrifícios inauditos fiz com que progredisse para te enaltecer. A Capela que ora estamos construindo é mais um motivo de orgulho para ti e todos.

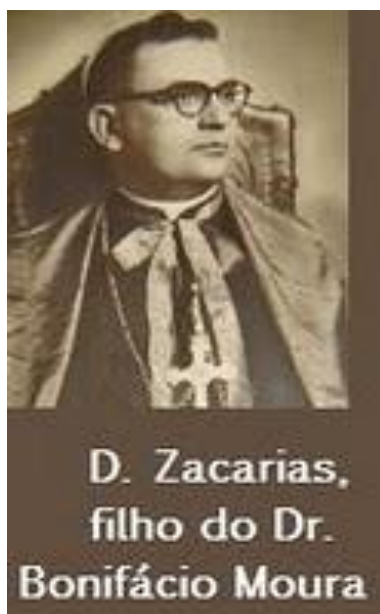
Cajazeiras, não tenho expressão para dizer-te a emoção que ora me invade. Neste momento revivo os belos dias que aqui passei. Meu reconhecimento sincero e reconhecido ao amigo Antonio Ferreira, extensivo aos demais elementos, os quais apoiaram a sua idéia, escolhendo-me para receber tão honroso título.

Ao terminar, uma saudade imensa apodera-se de mim ao evocar os entes queridos que repousam em ti.

Recebe, Cajazeiras, neste centenário, tudo o que fiz pelo teu progresso e duas famílias que tenho orgulho de serem teus filhos.

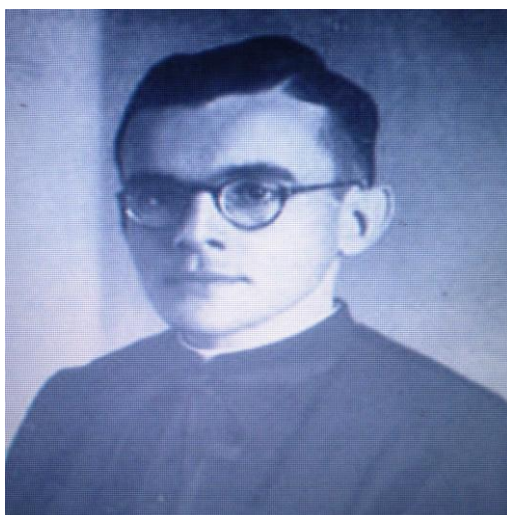


Monsenhor Abdon Pereira – foto do Jornal da Paraíba





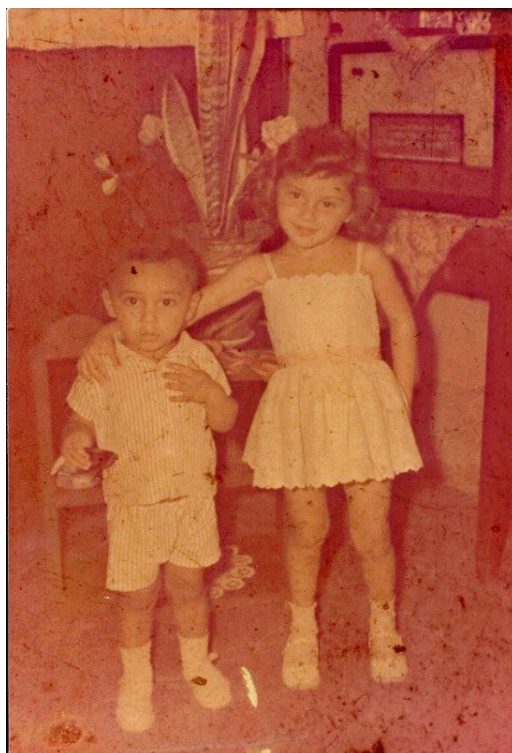
Sargento Cirilo, sua esposa D. Maria e Serafim Rocha, na visita que fez à Juazeiro do Norte



Padre Américo Maia, pároco da Igreja Nossa Senhora de Fátima, em 1950.



Os filhos do segundo casamento de Serafim Rocha:
Da direita para a esquerda: Carlos Roberto, Edgley, Humberto e Alberto.



Filhos do segundo casamento de Serafim com Maria Jose:
Da esquerda para a direita: José (Yoyôzinho) e Maria do Socorro.



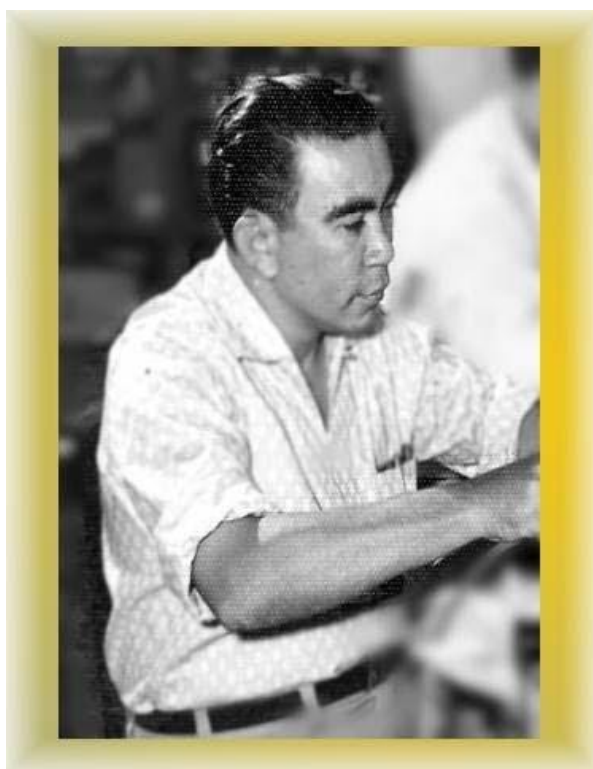
Filhos do segundo casamento de Serafim com Maria José:
Da esquerda para a direita: Humberto, Alberto tendo o caçula, Aurélio, nos braços.



Serafim Nestor da Rocha, e seu filho mais velho, Filemon Lustosa Cabral da Rocha, trabalhando nos correios e telégrafos em 1939



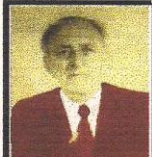
Gersina Lustosa Cabral (Rocha)



Galdino Vilante – técnico e sócio de Serafim no sistema de alto falante - SAF, do bairro Camilo de Holanda em Cajazeiras. Acervo de Galdino Vilante Filho



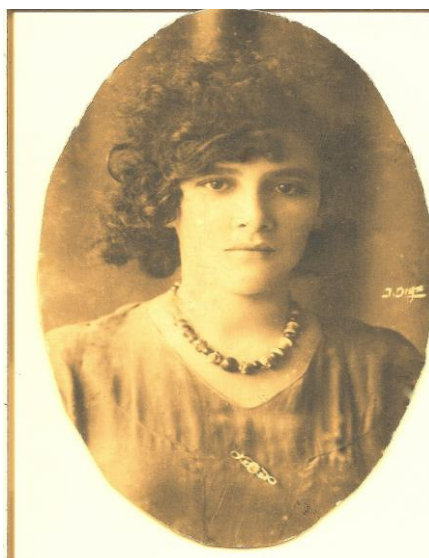
Vereador Antonio Ferreira, primeiro à esquerda, autor da proposição do título de Cidadão Cajazeirense a Serafim Nestor da Rocha, ex-prefeitos Francisco Matias Rolim e Eptácio Leite Rolim.

<p>A família do Sr. SERAFIM NESTOR DA ROCHA (Sr. YOYÓ), convida V. Sa. e família para a missa campal em homenagem do CENTENÁRIO do seu nascimento. A celebração será na Igreja São João Bosco, (sito à Praça Camilo de Holanda) às 17:00 horas do dia 09 de março de 1997.</p>  <p>SERAFIM NESTOR DA ROCHA Nascimento: 09.03.1897 (Umbuzeiro-PB) Chegada em Cajazeiras: 1936 Falecimento: 11.03.1983 Esposas: 1ª - Francisca Lustosa Cabral (Im Memoriam) 2ª - Maria José da Rocha Filhos: Filemom, Camerina, Gercina, Carlos, Edgley, Humberto, Alberto, Socorro, José e Aurélio.</p>	<p style="text-align: right;"><i>Mestre</i></p> <p style="text-align: right;">Carlos Rocha</p> <p><i>Eis que único... Mas, ao fim de tudo, deu-nos o que imaginamos e constituímos.</i></p> <p><i>Pátria e berço de nossa infância e vozes não findas.</i></p> <p><i>Aurora de despedida na longa noite finda traços e restos de vida.</i></p> <p><i>Nosso pai, de sonhos e abraços seculares: sonhos realizados sem máculas, entre lírios e livros imaginários.</i></p> <p><i>No pêndulo do dia e da noite pai e amigo, verdadeiro abrigo, derradeiro afago que brotou do chão onde nascemos cada um, como um irmão.</i></p>
---	---

Convite para a missa campal em comemoração ao centenário de SERAFIM NESTOR DA ROCHA, realizado no dia 19 de março de 1997, em Cajazeiras, Paraíba, tendo, no verso, poesia de seu filho mais velho Carlo Roberto de Andrade Rocha.



O casal Manoel Ferreira da Rocha e Maria Nazarena Pimentel De Lyra, pais de Serafim Nestor da Rocha



Gersina Rocha Guedes Pinheiro, esposa de José Guedes Pinheiro e irmã de Serafim Nestor da Rocha



Antigo prédio dos Correios onde Serafim Nestor da Rocha, se aposentou



Inauguração do Busto de Serafim Nestor da Rocha (Yoyô) em 01.01.1992, a esposa do homenageado Maria José da Rocha com o Prefeito da época, Antonio Vituriano de Abreu



Inauguração do Busto de Serafim Nestor da Rocha (Yoyô) em 01.01.1992, a esquerda o filho do homenageado Carlos Roberto de Andrade Rocha e a neta Mayra Andrade da Rocha, e o Prefeito da época, Antonio Vituriano de Abreu e o vice prefeito José Nelo Rodrigues.



Busto de Serafim Nestor da Rocha, (Yoyô) em 01.01.1992.